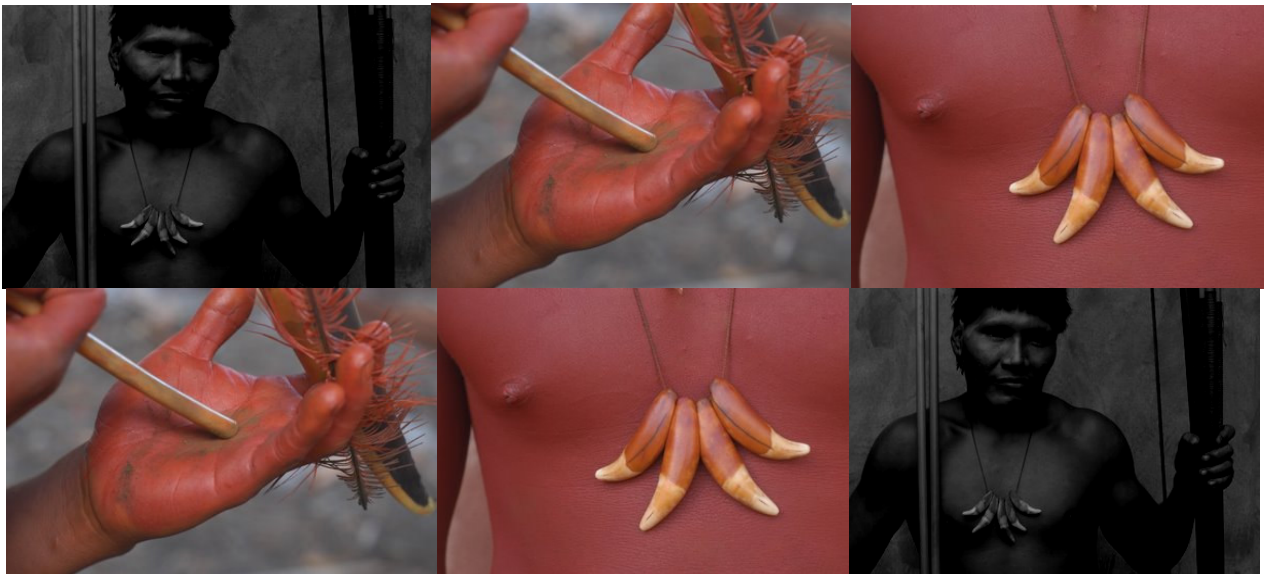


Missão

O veneno lento e letal dos Suruwahá.

Junho de 2008



Antenor Vaz
CGII - FUNAI

Missão: O veneno lento e letal dos Suruwahá.

Introdução.....	pg. 03
Quem são os Suruwahá.....	pg. 06
Início dos trabalhos da JOCUM junto aos Suruwahá.....	pg. 17
Início dos trabalhos do CIMI junto aos Suruwahá.....	pg. 15
Quem é JOCUM.....	pg. 16
Intenções da JOCUM.....	pg. 20
Equipe da JOCUM que atua na área indígena Suruwaha.....	pg. 23
Quem é CIMI.....	pg. 24
Como o CIMI se organiza.....	pg. 24
Dimensões da atuação do CIMI.....	pg. 24
Nossa estrutura – CIMI.....	pg. 25
Inutilidade da Missão e a reação dos Suruwahá contra a missão.....	pg. 26
Presença irregular das Missões nas T.I. Indígenas.....	pg. 29
Remoções.....	pg. 30
Depopulação.....	pg. 31
JOCUM: Preconceito e intolerância para com a cultura Suruwahá.....	pg. 32
JOCUM e o alibi da saúde.....	pg. 35
Evangelização: Proselitismo como meta.....	pg. 38
Interferência na cultura indígena.....	pg. 47
Denúncias contra JOCUM.....	pg. 57
Denúncias contra CIMI.....	pg. 62
CIMI denuncia JOCUM que denuncia CIMI.....	pg. 64
Produção e apropriação indevida da JOCUM.....	pg. 67
JOCUM não cumpre acordos firmados.....	pg. 68
Fontes.....	pg. 73

Missão¹, o veneno lento e letal dos Suruwahá

Introdução

Em maio de 2003 o então Procurador da República, Sérgio Lauria Ferreira, tendo como base o estudo antropológico do Analista Pericial em Antropologia do MPF – lotado na PRDC/AM, Sr. Marcos Farias de Almeida e a Representação PR/AM nº 1.13.000.000077/2002-46-PRDC/AM nº 440, apresentada pelo CIMI, denunciando a organização missionária JOCUM, **determinou**, por meio da RECOMENDAÇÃO PRDC-AM Nº 003/2003 que a FUNAI promovesse a **IMEDIATA DESINTRUSÃO** de não índios da terra Indígena Sorowahá.

Hoje, 11 de julho de 2008, passados cinco anos, os missionários continuam no interior da Terra Indígena Suruwahá.

Em maio de 2008, reunidos no auditório da Procuradoria da República no Amazonas, com a presença do Procurador da República Dr. Rodrigo da Costa Lines e representantes da FUNAI, CIMI, FUNASA e JOCUM, ficou acordado que: as missões, JOCUM e CIMI deveriam se retirar do interior da Terra Indígena Suruwahá até o dia 20 de maio do corrente ano e que as referidas missões poderiam apresentar, para serem apreciadas pela FUNAI, propostas de ingresso na Terra Indígena Suruwahá; que as missões são convidadas a colaborarem na capacitação dos funcionários da FUNAI no que se refere ao aprendizado da língua; que as propostas de ação referente ao trabalho na área de saúde devem ser encaminhadas à FUNASA; que o controle de entrada e saída de pessoas da terra indígena, deve ser feita pelos órgãos governamentais e que a FUNAI e FUNASA se comprometem em manter entendimentos com CIMI e JOCUM, para apresentação de proposta de cursos de capacitação, no prazo de trinta dias.

No dia 19 de maio a JOCUM encaminhou documento² informando que não iria sair e coloca uma série de condições para o cumprimento da recomendação da Procuradoria da República no Amazonas. Uma nítida inversão de papéis e competências. O CIMI agendou, para o dia 24 de junho, audiência com o Presidente da FUNAI e deu início à recuperação de sua base de apoio (no Amoa) na fronteira da Terra Indígena Suruwahá, assim como realizou sobrevôos e empreendeu tentativas de ingressar na Terra Indígena Hi-merimã (onde habita um grupo indígena não contatado) e foi interceptado pela Frente de Proteção Etno-ambiental Purus.

A FUNAI, por meio da Coordenação Geral de Índios Isolados, a partir de 2006 recebeu a incumbência da proteção dos índios de contato recente e tendo em vista a RECOMENDAÇÃO PRDC-AM Nº 003/2003, iniciou a reestruturação da Frente de Proteção Etno-ambiental Purus e do Posto Indígena Suruwahá e deu início ao desenvolvimentos de ações conjuntas com a FUNASA.

A Presidência da FUNAI, em novembro de 2007, resolve, por meio de Portaria³, “constituir Grupo de Trabalho-GT, com a finalidade de elaborar um Plano de Ação para o povo Zuruwa-Hã, objetivando a proteção de seu território e sua garantia física e cultural.” Em decorrência nomeou os Chefes da Frente de Proteção Etnoambiental Purus e do PIN Suruwahá. Estabeleceu entendimentos com a FUNASA de modo que técnicos desta fundação participe do processo proposto pelo GT.

1 Segundo o site http://www.infobrasil.org/trib/organizacoes_2005.htm, existe mais de 30 organizações evangélicas que atuam entre Povos Indígenas Brasileiro, dados de 2005. **Doc. 54**

2 **Doc.58** -Ata da Reunião de 05.06.2008- Em maio de 2008, reunidos no auditório da Procuradoria da República no Amazonas, com a presença do Procurador da República Dr. Rodrigo da Costa Lines e representantes da FUNAI, CIMI, FUNASA e JOCUM,

3 Doc.50, Fls. 02, Portaria Nº 1072/PRES, de 05 de novembro de 2007, constante no: Proc. 08620001229/08 – 30/05/2008

Ainda como desdobramento dos trabalhos do GT, realizou-se uma reunião em Brasília, nos dias 08 e 09 de abril de 2008, com a presença da Procuradoria da República no Estado do Amazonas, Fundação Nacional de Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora/MG e Fundação Nacional do Índio, com o propósito de planejar as ações de proteção etno-ambiental e de saúde para o povo Suruwahá, a serem desenvolvidas entre a FUNASA e FUNAI em conjunto, visando o atendimento da Portaria nº 1072/PRES/2007 de 05.11.07.

A seguir apresento uma compilação de trechos de dezenas de documentos e quatro processos existentes na FUNAI⁴, todos referentes ao grupo indígena Suruwahá, bem como análise de documentos encontrados na rede mundial de internet, com o intuito de agregarmos informações que nos possibilite conceber um quadro da real contribuição⁵ das missões junto à etnia em questão.

Nosso referencial de análise pauta-se nas convenções internacionais⁶ e legislação nacional vigente, Estatuto do Índio, Lei 6.001, de 19.12.73, mas especificamente no seu Capítulo 11, Artigo 58, que considera crime contra índios e a cultura indígena escarnecer de cerimônia, rito, uso, costume ou tradição cultural indígenas, vilipendiá-los ou perturbar, de qualquer modo a sua prática”, prevendo detenção de um a três meses de prisão para o infrator.

Também entendemos que a presença de estranhos em Terra Indígena deve submeter-se às normas legais estabelecidas pelo órgão do Estado Brasileiro, FUNAI, responsável pela guarda dos índios Brasileiros, principalmente quando estes são considerados isolados e de recente contato.

A presença de não índios em terra indígena é regulamentada pela PORTARIA Nº 177/PRES, de 16 de fevereiro 2006, pela INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 002/ PRES. DE 08 / ABRIL / 1994 e INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 01/PRESI DE 29/NOVEMBRO/1995 que de forma inequívoca estabelecem normas e procedimentos a serem cumpridos por pesquisadores, missionários, jornalistas, visitantes, etc.

Desde a década de 80 que a FUNAI, numa tentativa de normatizar a presença missionária em terras indígenas, vem desenvolvendo discussões e propondo convênios sempre na perspectiva constitucional, no seu artigo 231 que protege a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas

Em consonância com a legislação, organismos internacionais e organizações não governamentais assim como órgãos governamentais vem se posicionando acerca da presença missionária junto às populações tradicionais. Como exemplo vejamos a posição do Ministério da Educação, MEC, Ministério Público Federal, etc..:

Doc.20-A

(Proc.08620-000022/2003)fls.159.

O Ministério da Educação⁷ também se posicionou contrariamente a atuação das Missões, senão vejamos: *“Os índios, como cidadãos, têm direito a receber uma educação de qualidade ofertada pelo poder público: eles não devem ser forçados ou seduzidos a aderirem uma nova religião e a abandonar práticas tradicionais e seculares para terem acesso a programas de alfabetização e letramento. Protege-se, nesse sentido, as manifestações culturais das sociedades indígenas, reconhecendo aos índios o direito de permanecerem índios, e rompendo com uma longa tradição jurídica que sempre procurou assimilar os índios, fazendo com que abandonassem suas*

⁴ Ver FONTES e CONVENÇÕES, no final deste trabalho, pag. 73

⁵ Tendo como perspectiva a preservação física e cultural dos Suruwahá.

⁶ Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO, Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes, Convenção de Paris sobre Proteção do Patrimônio Intangível, Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio e a Convenção sobre a Diversidade Biológica

⁷ Ofício/MEC/GM/AI/Nº198/99 – endereçada à Sociedade Internacional de Linguística.

RECOMENDAÇÃO PRDC/AM N.º 003/2003
Sérgio Lauria Ferreira – Procurador da república.
Representação PR/AM 1.13.000.000077/2002-46 – PRDC/m440

O Procuradoria da república no Amazonas, por meio da Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão RESOLVE RECOMENDAR à FUNAI que: I.1- Promova a IMEDIATA DESINTRUSÃO de não índios na Terra Indígena Sorowaha e implemente, concomitante, às políticas públicas de sua responsabilidade, principalmente na área de saúde – por meio de parceria com a FUNASA -, para minimizar os impactos no referido Povo indígena e restaurar os costumes tradicionais do mesmo;

A relação institucional entre a FUNAI e as missões religiosas teve seu ápice quando em 1988 iniciou-se conversações tendo em vista a normatização de ingresso e permanência de pessoas estranhas em terras indígenas. Fruto dessa iniciativa, firmou-se entre a JOCUM e a FUNAI o CONVÊNIO 006/88, datado de 15 de setembro de 1988 com prazo de vigência de 03 anos. Não houve alguma renovação deste convênio. Com base nesse convênio a JOCUM encaminhou documentação para ingresso, permanência e desenvolvimento de trabalhos junto a 11 etnias. No entanto **omitiu** a informação de permanência e desenvolvimento de trabalhos junto aos Suruwahá⁸, que conforme documentação da própria Missão desenvolve trabalhos junto a etnia em questão desde 1984.

Mesmo sendo constante na CLÁUSULA PRIMEIRA - Do objeto. Parágrafo Único: “Excetuam-se do objeto do presente convênio as comunidades de índios isolados, conhecidos ou não pela FUNAI, nas quais está vedada a atuação da JOCUM.” esta Missão continuou desenvolvendo ações, ao longo dos anos subsequentes, com vistas a CONTATAR O GRUPO ISOLADO HI-MERIMÃ.⁹

Quanto ao CIMI, não consta nos arquivos da FUNAI algum documento solicitando autorização para ingresso, permanência ou pesquisa junto aos Suruwahá.

A seguir apresentaremos uma **compilação** de trechos extraídos de documentos oficiais que por si têm a força conclusiva de apresentar as contradições inerentes ao discurso e práticas das missões, das acusações mútuas, assim como corroborar as medidas anunciadas nas determinações do Ministério Público em 2003.

A exposição dos Suruwahá na internet por meio do site YouTube¹⁰ e de uma página específica para contar a história da índia adotada pelo casal Suzuki, a Hakani¹¹, onde apresenta um filme com produção de empresa privada, é grave e exige que a FUNAI, por meio de sua procuradoria, entre com representação contra a JOCUM. Os vídeos divulgado são desrespeitoso, afronta a verdade e expõe os Suruwahá para a opinião pública desinformada dos meandros culturais, como bárbaros¹².

Antenor Vaz
Junho / 2008

8 Doc.21 (Proc.28870-003138/1988). Vol 1, Fls 173 / Assunto: Ingresso em Área Indígena. / Correspondência da JOCUM para Chefe da APL – FUNAI. Porto Velho 29/Novembro/1991

9 Ver relato constante no Doc.5, Fls 43, 44, 45, 46 e 47(Processo 002/2003), transcrito na pag. 5do documento em curso

10 <http://www.youtube.com/watch?v=DXT45vzjXcA&feature=related>

11 <http://hakani.org/pt/>

12 Depois deste documento concluindo, foi divulgado no , matéria intitulada “Choque de Culturas” onde o Presidente da FUNAI afirma que o órgão estuda meios legais de impedir a divulgação do filme, e afirma que o conteúdo do filme denigre a imagem das mais de 220 etnias que vivem no Brasil.

Quem são os Suruwahá.

Doc 44

<http://www.socioambiental.org/pib/epi/zuruaha/hist.shtm>

João Dal Poz - Antropólogo

Universidade Federal de Juiz de Fora – MG

Dezembro de 2005

Língua e identificação

Os Zuruahã falam uma língua da família Arawá, a qual congrega ainda os Jamamadi, os Kanamanti, os Jarawara, os Banawa-Yafi, os Deni, os Paumari e os Kulina. Todos os representantes dessa família lingüística habitam a região compreendida entre as bacias do rio Purus e do rio Juruá, em seu curso médio, dois grandes afluentes da margem direita do Solimões.

Por ocasião dos primeiros contatos com membros do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), ficaram conhecidos como “Índios do Coxodoá”, nome do igarapé onde foram encontrados.

Quanto ao etnônimo pelo qual são hoje conhecidos, tomaram-no na verdade de um subgrupo já extinto — os Zuruahã das margens do Cuniuá, de célebres xamãs. Se a princípio não era mais que um artifício para satisfazer a curiosidade insistente dos indigenistas, tornou-se logo uma expressão de uso consagrado, também entre eles. Mas há ainda uns tantos inconformados, que recusam tal etnônimo sob o argumento decisivo que ali seriam todos Jokihidawa, já que estão agora nas terras do igarapé Jokihi...

Localização e população

Os Zuruahã habitam as terras altas entre os igarapés Riozinho e Coxodoá, afluentes da margem direita do Cuniuá — com seu curso em direção a leste, este último é um dos formadores do rio Tapauá, importante tributário da margem esquerda da bacia do Purus (Amazonas, Brasil).

A Terra Indígena Zuruahã foi homologada em 29/10/1991 (dec. 266) com 239.070 hectares de extensão. Trata-se de uma típica zona de "terras firmes", irrigada por pequenos cursos d'água que anualmente ganham volume durante a estação chuvosa, de novembro a abril, e transbordam nos lagos e igapós que distraem uma topografia pouco acidentada.

Em janeiro de 1996, os Zuruahã somavam 144 pessoas. Não obstante recuos em determinados anos, sua população vem crescendo em ritmo lento desde 1980, quando eram pouco mais de cem.¹³

História

Contam os Zuruahã, e disto temos outras evidências históricas (Barros, 1930), que são remanescentes de uns tantos subgrupos territoriais nominados cujos contingentes, sucumbindo às doenças infecto-contagiosas e à impiedade da economia da borracha, decresceram drasticamente nas primeiras décadas do século XX, no período de maior expansão das atividades extrativistas em toda a Amazônia. Os subgrupos nominados mais citados nas narrativas históricas sorowaha são: os Jokihidawa no igarapé Pretão, os Tabosorodawa no igarapé Watanaha (um afluente do Pretão), os Adamidawa no igarapé Pretinho, os Nakydanidawa no igarapé do Índio, os Sarakoadawa no igarapé Coxodoá, os Yjanamymady nas cabeceiras do igarapé São Luiz, os Zuruahã no rio Cuniuá, os Korobidawa em um afluente da margem esquerda do Cuniuá, os Masanidawa na foz do Riozinho, os Ydahidawa no igarapé Arigó (afluente do Riozinho) e os Zamadawa no alto Riozinho.

Alguns subgrupos, entre eles os Masanidawa e os antigos Zuruahã, chegaram a manter relações amistosas com os seringueiros (os *Jara*, como são chamados os “civilizados”), e assim obtiveram roupas e ferramentas — machados, facões, anzóis e cordas que logo se tornaram objetos de troca com os demais subgrupos. Porém, dizimados pela gripe (o auxiliar do SPI José Sant'Anna de Barros notificou epidemias na bacia do Tapauá entre os anos de 1922 e 1924, com grande mortandade entre a população indígena, cf. Barros, 1930: 11) e receosos de novos ataques dos

¹³ Nota minha. Em 2003 a população Suruwahá era de 115, em 2004 era de 119, em 2005 era 126, em 2006 era 132, em 2007 era 135.

Abamady (provavelmente os Paumari do baixo Tapauá, armados com espingardas fornecidas pelos seringalistas), uns poucos sobreviventes de diferentes subgrupos buscaram refúgio nas redondezas do igarapé Jokihi (ou Pretão, para os regionais), o mais distante possível das rotas fluviais e das "colocações" dos adventícios, onde se reuniram aos Jokihidawa (literalmente, "o pessoal do Jokihi"), o subgrupo que ali residia originalmente.

O contato oficial

A Funai já tinha conhecimento da existência do grupo desde meados da década de 1970. Em dezembro de 1983, uma expedição do órgão denominada "Operação Coxodoá", composta por 12 pessoas, incluindo índios Wai-Wai e Waimiri-Atroari, os contactou oficialmente. A expedição localizou oito malocas nos igarapés do Índio e Preto, ambos afluentes do Cuniuá.

Antes disso, em 78, eles já haviam entrado em contato com membros do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) com base na Prelazia de Lábrea, que passaram a visitá-los com alguma regularidade desde então.

Também passaram a ter contato com membros da missão JOCOM (Jovens com uma Missão, organização aparentemente vinculada ao Summer Institute of Linguistics) a partir de julho de 1984, que se utilizaram do varadouro aberto pela expedição da Funai para se aproximar do grupo.

Também em 1984 foi criado o GT de identificação da área (Portaria n. 1764/E de 14/09/84) que incluía tanto membros da Funai como da Prelazia de Lábrea. Em 1985 foi proposta uma área de 233.900 ha, no então recém-criado município de Camaruã. O relatório apontava que as malocas estavam localizadas entre os igarapés Pretão e Riozinho, sugerindo uma busca de estar o mais longe possível do rio Cuniá, onde a presença de brancos era mais freqüente. O GT constatou que o território delimitado estava sendo invadido por uma frente de extração extrativista, formada principalmente por sorveiros e seringueiros.

Organização Social

Durante a maior parte do ano, os Zuruahã permanecem reunidos em uma das grandes casas cônicas que se erguem na zona central do seu território. É no interior desse domicílio comum que a vida social se adensa, numa complexa teia de relações de parentesco, laços de amizade e múltiplas formas de convivência.

Na casa (*oda*) sem paredes laterais ou divisórias internas, cada família ocupa, de maneira mais ou menos aleatória (se possível, nas proximidades de consangüíneos de um dos cônjuges), uma das repartições domésticas (*kaho*) que circundam a planta arquitetônica. A casa pertence ao homem que a constrói, ele é o seu "dono" (*anidawa*) e se encarrega dos reparos necessários quando o grupo ali reside — período que varia entre alguns meses a pouco mais de um ano.

Construir casas é um dos atributos da maturidade masculina; ao longo de sua vida um homem chegará a levantar quatro ou cinco delas. Para sua construção, que exige um a dois anos de dedicação e muito esforço, todos os homens colaboram na montagem da estrutura de madeira, ao passo que a cobertura de palhas caberá ao seu *anidawa*.

A categoria *anidawa*, além de "dono da casa", abrange também outras relações, como a propriedade da roça, a posse de objetos de valor (uma canoa, por exemplo) e a liderança nas caçadas e pescarias coletivas, e corresponde, em cada um desses casos, a certos direitos e deveres que orientam o curso da ação social.

Unidades sociais

Embora persistam dúvidas quanto a regras de pertencimento e outros aspectos gerais, as descrições etnográficas mencionam, unânimes, a existência de múltiplas unidades locais, sujeitas a sucessivas fissões e migrações em razão de conflitos internos ou com grupos análogos e com estrangeiros. Neste quadro, a violência e as acusações de feitiçaria expressariam, ao mesmo tempo, as desconfianças mútuas, as trocas fracassadas e a atribuição de culpa em situações de doença ou óbito.

Para os Zuruahã, unidades desse tipo são designadas pelos seguintes termos: — *dawa*, num sentido quase restrito aos seus próprios subgrupos; e *mady*, cuja semântica é, conforme o contexto, mais

ou menos inclusiva (pessoas, parentes, grupos, povos, gente). Tudo leva a crer que, entre eles, os acidentes geográficos ou outras características locais servissem de epônimo para designar o subgrupo que ocupava o território correspondente. Referências aos sítios habitados pelos subgrupos ou seus membros aparecem nas narrativas de guerras, feitiços e migrações passadas, inclusive nas que versam sobre os eventos que culminaram em sua unificação há sete ou oito décadas (Fank & Porta, 1996 b).

O uso atual de tais apelativos, de maneira um pouco imprecisa, parece ainda traduzir uma certa inclinação residencial, na medida em que repousa ora nos vínculos mais estreitos com os parentes paternos, ora nos maternos, ora em ambos — todavia, aos bastardos (filhos nascidos fora da instituição matrimonial, inclusive no caso de viúvas), é recusada a afiliação a qualquer dos subgrupos.

Parentesco

A oposição entre consangüíneos e afins, que se expressa ritualmente no momento da iniciação masculina (*sokoady*), corresponde a uma clara distinção conceptual no domínio do parentesco, no qual a terminologia caracteristicamente dravidiana repercute, nas gerações centrais, a regra positiva de casamento de primos cruzados. Contudo, em detrimento da nomenclatura de parentesco, no seu cotidiano os Zuruahã preferem geralmente o uso de nomes próprios ou certas tecnonímias. E, da mesma maneira, uma rara memória genealógica, que alcança cinco ou mais gerações passadas, enfatiza singularmente os nomes e apelidos — que raramente se repetem — e certos detalhes pitorescos de uma longa cadeia de ancestrais. Ao que tudo indica, estamos diante de um sistema que focaliza essencialmente os indivíduos e os particulariza, consoante alguns traços pessoais selecionados de um catálogo predefinido (nome, atributos físicos, temperamento, habilidades etc.).

Chefia e gênero

Seja nas atividades costumeiras ou em situações de crise, não se observou até o momento a instituição de uma chefia ou qualquer modelo de centralidade política. Neste ponto, sua organização social parece afastar-se da dos outros Arawá, entre os quais a chefia é uma função relevante (por exemplo, o *tamine* entre os Kulina). Em seu lugar, no entanto, vigora entre os Zuruahã uma espécie de "ordem dos caçadores", de cunho hierárquico, que notabiliza os homens de acordo com a quantidade de antas que cada um já abateu

Uma forte oposição contrapõe os homens às mulheres, valorizando-os desigualmente em muitos aspectos da vida social. Os filhos homens são, do ponto de vista de ambos os sexos, um motivo de legítimo orgulho, de tal forma que a exigência de tê-los é, por vezes, sustentada quase como uma obrigação moral, da qual não escapam sequer os forasteiros. De fato, um dos feitiços que as mulheres mais temem é, precisamente, o que lhes interdita a concepção de meninos. E o próprio reconhecimento social do amadurecimento biológico de um indivíduo, isto é, a passagem às categorias etárias *dogoawy*, tem como parâmetro o ciclo de vida dos seus descendentes masculinos.

Ciclo de vida

Em seguida as fases da primeira infância, a grade etária sorowaha está dividida em seis estágios básicos:

Fase	Idade aproximada	homens	mulheres
2 a 7 anos	2 a 7	<i>hawini</i>	<i>hazamoni</i>
de 8 até <i>sokwady</i> /menarca	8 a 13	kahamy	zamosini
até adolescência do filho	14 a 28	wasi	atona
até nascimento do neto	29 a 38	wasi dogoawy	wasi dogoawy
até adolescência do neto	39 a 52	dogoawy	dogoawy

cabelos brancos	53 em diante	hosa	hosa
-----------------	--------------	------	------

Vida Cerimonial

Na esfera ritual, a maturidade masculina (entre 12 e 14 anos) é sinalizada pela colocação do *sokoady* ("suspensório" peniano), um evento público que tematiza essencialmente as relações de afinidade (com quem se poderá casar). Após uma grande caçada ou pescaria, refeições coletivas e danças, os rapazes recebem o adereço de cordéis de algodão e são então surrados pelos homens adultos (exceto seus consangüíneos). Daí, vão deitar-se em redes que são armadas no alto, na parte central da casa, enquanto seus consangüíneos participam de uma peleja contra os demais homens (estes, ornamentados, gesticulam como "macacos-barrigudos", e por isto este duelo ritual chama-se *gaha*), abraçando-os fortemente pelas costas. Na etapa final os rapazes são levados pelas mulheres para um banho no igarapé, onde cortam seus cabelos e os pintam de urucum; neste momento, os circunstantes gracejam insinuações sobre as eventuais relações sexuais do iniciado (Fank & Porta, 1996 a: 14-20).

Para o sexo feminino, a entrada na adolescência, com a chegada da primeira menstruação, implica sua reclusão e isolamento no âmago do espaço doméstico (com os olhos vendados, as meninas ficam deitadas na rede, quase não comem e apenas saem, em geral, à noite, para as necessidades fisiológicas). Mas é no controle efetivo da sexualidade feminina que, a rigor, as diferenças de gênero são reiteradas e se evidencia a submissão forçada das mulheres: seu comportamento sexual está sob constante vigilância, são freqüentemente admoestadas por seus pais, irmãos ou outros parentes próximos e proibidas de saírem desacompanhadas, em razão da ameaça de "abuso sexual" por não-consangüíneos.

Em vários momentos e de diversas maneiras, as virtudes pessoais e o desempenho individual são evocados, realçados e socialmente valorizados. O vigor juvenil é constante e ostensivamente exaltado e as exhibições de força física acontecem amiúde — em particular, por ocasião das tarefas de construção da casa —, e delas participam até mesmo homens com idade mais avançada. Da mesma maneira, nos "rituais de carregamento" os homens e os rapazes, um a um, são obrigados a deslocar um volumoso feixe de cana ou um grande cesto abarrotado de massa de mandioca ralada. E, no campo dos juízos morais e estéticos, talvez se possa inferir uma operação de individualização muito semelhante, por meio de comentários cortesios ou ferinos a respeito do comportamento alheio, ponderações sobre semelhanças físicas entre indivíduos, elogios a predicados das mais variadas e até bizarras partes da anatomia humana (as panturrilhas, por exemplo).

Cosmologia e suicídio

Um dos aspectos mais incisivos da sociedade sorowaha é a regularidade da morte voluntária por meio da ingestão de *konaha* (timbó, variedade de planta largamente usada para envenenamento de peixes entre grupos indígenas sul-americanos). Assim, de 1980 a 1995 houve entre os Zuruahã cerca de 38 óbitos por suicídio — 18 homens e 20 mulheres —, em meio a uma população média de 123,6 pessoas. Durante o mesmo período, nasceram 101 crianças e morreram 66 pessoas ao todo. De um lado, portanto, uma alta taxa de natalidade (cerca de 6,3 nascimentos anuais); de outro, um crescimento demográfico pouco expressivo, em torno de 1,9% ao ano. Quanto aos fatores de mortalidade, prepondera a intensa prática de suicídio por envenenamento (38 casos, ou 57,6% do total). Dentre a população adulta (pessoas acima de 12 anos) no mesmo período, os suicídios proporcionaram a extraordinária cifra de 84,4% de todos os óbitos nessa faixa (38 casos num total de 45).

Em um levantamento genealógico que remontou cinco ou seis gerações passadas, foram reportados 122 casos (75 homens e 47 mulheres) anteriores a 1980. Qualquer que seja o período em questão, todavia, observa-se que, em sua maioria, os suicidas eram jovens de ambos os sexos (isto é, nas categorias etárias *wasi* e *atona*, respectivamente rapazes e moças entre 14 e 28 anos).

A acentuada tendência suicidógena a que os jovens se inclinam não desperta, do ponto de vista nativo, qualquer surpresa. Os Zuruahã compartilham a firme opinião de que "*wasi* e *atona*

gostam de tomar *konaha*; *dogoawy* não" (*dogoawy*, homens e mulheres maduros), como declarou Ohozyi, sem maiores rodeios. Tal pendor patentearia, de fato, certos postulados arraigados na filosofia de vida indígena, que enunciam um valor absoluto para essa etapa do ciclo biológico e, como corolário, a recusa peremptória (e um certo desprezo) à velhice e à decadência física. De acordo com os Zuruahã, por esta razão, "não é bom morrer velho, é bom morrer jovem e forte". De sorte que a orientação e os valores que exaltam a juventude e informam sua conduta radical mostram-se inteiramente congruentes com o comportamento estatístico dos suicidas.

Entre os Zuruahã, os jovens de ambos os sexos atravessam um período bastante conturbado em suas relações com a família e com a coletividade, período que se inicia logo após os eventos que marcam seu ingresso diferenciado na vida adulta, ou seja, a imposição do *sokoady* para os rapazes e a primeira menstruação para as meninas, e que prossegue durante os primeiros anos de seu casamento — os desentendimentos conjugais e a convivência tensa com os afins, com efeito, compõem uma mistura explosiva. Há que se creditar à ênfase excepcional que a sociedade sorowaha empresta às virtudes físicas e morais, sobretudo as que conotam a juventude, a maior parte das perturbadoras tensões que afligem rapazes e moças, tão intensamente exigidos quanto ao seu desempenho individual (força física, habilidade, disposição, beleza, controle da sexualidade etc.) e, por isso mesmo, tão suscetíveis a eventuais desavenças e desgostos. Os atritos parecem diminuir com o nascimento dos primeiros filhos, quando os casais enfim alcançam uma certa estabilidade emocional (Fank & Porta, 1996 a: 6).

A morte anunciada

As tentativas de suicídio, em sua maior parte, respeitam um padrão bastante regular de conduta. O envenenamento, ou talvez intoxicação, dizem eles *konaha bahi*, "por causa do timbó", é o único meio utilizado para tal fim. Já os passos trilhados pelo suicida, costumeiros e previsíveis em determinadas situações, podem ser decompostos em umas poucas unidades cênicas:

- 1) um determinado acontecimento provoca irritação ou contrariedade;
- 2) o indivíduo então destrói seus pertences (corta e queima a rede, quebra suas armas e ferramentas, estilhaça os utensílios de cerâmica);
- 3) os circunstantes, parentes ou não, deixam-no extravasar sua agressividade; procuram disfarçar sua apreensão e, com estudada naturalidade, continuam suas atividades corriqueiras ou começam imediatamente alguma; eles evitam olhar diretamente para o raivoso, mas acompanham furtivamente seus movimentos;
- 4) se após o acesso catártico a raiva ou o desgosto ainda não o abandonou, o indivíduo emitirá um grito ou logo sairá ostensivamente da casa, correndo em direção a alguma roça para arrancar raízes de timbó;
- 5) os que acompanhavam discretamente o que se passava avisam os demais (parentes, talvez), e algumas pessoas (geralmente do mesmo sexo) perseguem o suicida ou, se este já está distante, procuram-no nos caminhos que vão dar às roças;
- 6) se os perseguidores o encontram, tentam tirar-lhe as raízes; caso contrário, o suicida se dirige a um córrego e ali espreme e mastiga o timbó, de modo a ingerir seu sumo; em seguida, bebe um pouco de água para ativar seus efeitos tóxicos;
- 7) daí, ele volta correndo rumo à casa (alguns não o conseguem, e desfalecem ou morrem no caminho);
- 8) ali chegando, o suicida é atendido por seus parentes ou outros, o que varia segundo os motivos e as relações que suscitaram a tentativa; a operação de salvamento consiste em provocar o vômito, irritando o esôfago com talos de folhas de abacaxi, esquentar o corpo com abanos aquecidos (tarefa realizada pelas mulheres), bater nos membros dormentes e gritar ao ouvido para despertá-lo, mantendo-o sempre sentado;
- 9) no curso do tratamento, em geral, as pessoas mostram-se zangadas com o suicida, falam-lhe agressivamente e xingam-no;
- 10) a eventual morte do suicida, todavia, espria uma forte comoção e ganha expressão ritual através de chorosas entoações; o desfecho dramático motiva outras tantas pessoas

(consangüíneos, afins, amigos) a realizar, logo em seguida ou passado algumas horas ou dias, novas tentativas de suicídio, as quais dão início a um novo ciclo de perseguições e medidas de salvamento.

Os sintomas e as reações fisiológicas decorrentes do envenenamento, como pressão baixa, frialdade, convulsões e inchaço, são paulatinos e inspiram uma maior ou menor atenção ao paciente. A sua sobrevivência, no entanto, depende de circunstâncias variadas, entre as quais a firmeza de vontade, a quantidade ingerida, a resistência ao tratamento, a disponibilidade de pessoas aptas para socorrê-lo e o número de tentativas simultâneas em curso.

Os motivos que, em geral, indis põem o indivíduo com alguém, com o conjunto do grupo ou consigo mesmo ou o comovem de alguma maneira, e que são oferecidos como justificativas para as tentativas de suicídio, estão imbricados numa teia de sentimentos que, nessas situações específicas, apregoa-se abertamente: dentre outros, a afeição (*kahy*), a raiva (*zawari*), a saudade (*kamonini*), especialmente sob a forma de pesar pelos mortos, e a vergonha (*kahkomy*). Por ocasião das exéquias, a raiva e a saudade arrebatam parentes e amigos, e com isto marcam as expressões de luto nesse universo cultural.

A trágica morte de um suicida anima invariavelmente inúmeras outras tentativas, numa reação em cadeia que atinge parentes lineares, colaterais, afins ou mesmo amigos da vítima. O mesmo se passa, na verdade, em qualquer caso de falecimento, seja devido à picada de cobra, doença ou acidente. Isso faz das honras fúnebres um drama incomensurável, de difícil descrição, que redundava em embates entre potenciais suicidas e quem tenta salvá-los, em imputações de culpa a uns e outros, em ameaças e, até mesmo, em agressões físicas. De modo que a morte de alguém se desdobra quase sempre numa série de outras. Em 1985, após o suicídio de uma jovem escoraçada pela sogra, morreram sua irmã e a cunhada. Em 1986, o suicídio de um homem, revoltado com a esposa que não lhe fez comida, provocou a morte de um amigo e do pai classificatório deste. Em 1987, morreram a mãe e um amigo de um rapaz que se havia matado porque outros reclamaram das fezes do seu cachorro. No mesmo ano, duas adolescentes tomaram *konaha* porque a avó de uma censurou-lhe os deslizes sexuais, o que induziu à morte seu irmão. Em 1989, quando faleceu uma menina de picada de cobra, suicidaram-se o pai viúvo e dois sobrinhos deste — um rapaz de 14 anos e um homem casado. Três meses depois, a viúva do último, a irmã desta e o pai do rapaz também morreram. Duas semanas depois, a irmã de um dos homens falecidos anteriormente teve uma rusga com o marido e matou-se, sendo acompanhada por uma adolescente. Em 1992, um "dono de casa", atarantado com os trabalhos de manutenção da maloca, magoado com sua esposa e aborrecido com o desaparecimento de uma faca, suicidou-se e com ele dois irmãos, seu pai e um companheiro de geração. Por fim, tive informações sobre uma seqüência de suicídios em fins de 1996, em razão da morte de um rapaz recém-iniciado, picado de cobra no acampamento de caça: duas mulheres (entre elas, a mãe do rapaz), dois homens casados e duas moças solteiras.

A morte no complexo cosmológico

Um dos aspectos da questão, decerto, diz respeito ao lugar da morte voluntária no modelo cosmológico sorowaha. Neste, todos os seres vivos estão dotados de um princípio vital místico, seu *karoji*; e o *karoji* dos seres humanos é a própria "alma", *asoma*. E a alma, de certa maneira, confunde-se com o "coração", *gizoboni*, a sede das lembranças, das emoções, dos sentimentos, da verdade interior — um dia, disse-me Ody: "Você fala não, mas seu coração diz sim!" Quando alguém morre, o seu coração/alma abandona-o e, nas águas fundas dos igarapés, espera a chegada das chuvas, quando então desce os rios maiores e salta para mergulhar no céu (Fank & Porta, 1996 a; 1996 b).

Segundo Gunter Kroemer (1994: 150-1), os Zuruahã concebem três caminhos distintos que atravessam o firmamento: o *mazaro agi* ("caminho da morte"), o percurso do sol, por onde seguem os que morrem de velhice; o *konaha agi* ("caminho do timbó"), a trajetória da lua, por onde vão os suicidas; e o *koiri agiri* ("caminho da cobra"), o rastro do arco-íris, a rota dos que morrem de picada de cobra. Com isso, o destino escatológico encontra-se polarizado entre a casa

do ancestral *Bai*, o Trovão, no patamar celeste superior, para os que ingerem veneno, onde as "almas" (*asoma*) reencontram seus parentes e vivem como os autênticos Konahamady (o "povo do timbó"), e a morada do ancestral Tiwijo, à leste, para onde seguem as almas dos que morrem de velhice. Os que foram picados por cobra permanecem num espaço intermediário, o próprio arco-íris. A opção pela morada de Tiwijo, concebida como um caminho "penoso, onde os corações, sem achar sossego e paz, vagueiam" (:78), possibilita, paradoxalmente, sua transformação em seres eternamente jovens. A fonte dessa juventude, dizem eles, é uma "comida doce" que as almas recebem ao chegar — a velhice apodrece no túmulo, junto com a pele do cadáver. Lá a vida é boa, as plantas agrícolas crescem sem esforço e a caça e a pesca são abundantes (Fank & Porta, 1996a; 1996 b). Mas, de acordo com Kroemer (:78), seria na direção de Bai que os Zuruahã projetariam sua "verdadeira existência à qual ritos, cantos e rezas estão relacionados" — um mundo tomado pelas águas, segundo eles, onde as almas comem apenas raízes de timbó e se transformam em peixes, seu destino final (Fank & Porta, 1996 b: 183-5).

Pode-se dizer que os suicídios ou as tentativas de suicidar-se são informados basicamente por conflitos e crises que, não nessa mesma escala de importância, envolvem o zelo pela propriedade (ferramentas, roças), o controle da sexualidade feminina, a auto-estima pessoal (ofensas, doenças, feiúra, insucessos), a aliança matrimonial (casamento e relacionamento conjugal) e, sobretudo, o sentimento profundo que une os vivos aos parentes falecidos. De modo que teríamos uma espécie de economia mortuária a governar a sociedade sorowaha, na medida em que são os mortos que, em grande escala, produzem os novos mortos através da resposta suicidógena ao luto e à tristeza. O suicida, com sua atitude temerária, posiciona-se em uma disputa que pode ser glosada como um cabo-de-guerra entre vivos e mortos. Estes, que o "puxam" para acompanhá-los no além, um movimento induzido pelo sentimento de pesar imediato ou pela saudade, que retorna tempos depois nas recordações e nos sonhos. Aqueles, que tentam desesperadamente salvá-lo, ocasião em que extravasam sua raiva contra quem pretende abandoná-los.

Em certas situações, a iniciativa para tomar *konaha* corresponderá a uma auto-punição, pois seu autor atribui-se responsabilidade pelo malefício que infligiu a outrem. Há aqui uma certa analogia com o hábito de aspirar rapé, do qual os Zuruahã são verdadeiros afeccionados. Percebendo-se culpado de algo, uma pessoa pode resolver-se a tomar um porre de rapé, ou pode ser forçada a isso pelos demais, irritados com a conduta inconveniente.

O modelo xamânico X o modelo suicida

Uma modalidade de homicídio através de feitiçaria — que se denomina *mazaro bahi*, "por causa da morte" — teria existido entre os Zuruahã no passado. Nos registros genealógicos foram identificados 13 óbitos atribuídos a feitiço (nove homens e quatro mulheres), e os mais recentes devem ter ocorrido entre fins dos anos 1950 e início dos 60. E, nos relatos em que discorrem sobre os feitos dos seus grandes xamãs, o tema está associado, muitas vezes, a desavenças entre pessoas vinculadas a subgrupos distintos. Por exemplo, contam que Aga, dos Masanidawa, comeu um morcego enfeitado por Birikahowy, dos Jokihidawa. Com raiva, por causa do casamento deste com uma mulher Masanidawa, Aga apertara-o em demasia na luta do *gaha*. Birikahowy, muito machucado, conseguiu ainda vingar-se, e ambos faleceram no mesmo instante (Fank & Porta, 1996 b: 55-6).

De uma perspectiva cronológica, porém, tal causa *mortis* vai rareando desde os anos 1960 (e com ela os *iniwa hixa*, os grandes xamãs), paralelamente ao aumento da mortalidade por suicídio. A despeito de sua periculosidade, os Zuruahã lamentam a falta dos seus *iniwa hixa*, cujo poder excepcional permitia-lhes viajar para lugares distantes, destruir seus inimigos e, inclusive, visitar o reino dos mortos. Os dois ou três homens a quem atribuem qualidades xamânicas, dizem eles, não passam de *iniwa hosokoni*, xamãs fracos cujo desempenho restringe-se aos contatos com os espíritos *korime* que lhes ensinam cantos e que trazem notícias de paragens distantes (id. 1996 a: 37-8).

Até as primeiras décadas do século XX os antepassados dos Zuruahã organizavam-se em diversos grupos locais, assentados em territórios próprios, e seus litígios, em particular quando envolviam estrangeiros, demandavam o agenciamento de feiticeiros/xamãs. Com isto, as doenças e a morte eram atribuídas à sua ação malévola, à sua capacidade de controlar o *mazaro bahi*. Já na atualidade, encontramos apenas uma unidade social e territorial, e o suicídio como a causa *mortis* mais relevante. De sorte que, no curso das mudanças que então houveram, tanto no padrão de povoamento como no campo das relações com o exterior, algo inesperado aconteceu.

Há que se observar que a unificação dos remanescentes de grupos distintos teve como conseqüências imediatas, de um lado, o adensamento e a intensificação da vida social (interações, deveres, querelas) e, de outro, o enclaustramento que instituiu um modo de vida social "entre outros", o que significa dizer, cheio de sobressaltos e riscos — o perigo vem quase sempre de fora, dos Outros; mas, neste caso, os de fora estão dentro e os Outros são os vizinhos de *kaho* (casa).

É possível que exista uma correlação genuína entre a configuração social anterior, composta de múltiplos grupos locais, e o exercício das atividades xamânicas, tanto quanto entre o agregado único atual e os atos suicidas. Na primeira, o poder dos xamãs desenvolve-se como uma mediação que se diria interlocal, através de dispositivos de cisão e de oposição que articulam e, assim, totalizam os diferentes coletivos. No segundo, sucede uma operação análoga porém no domínio interno, na medida em que a ameaça latente do suicídio regula as relações interpessoais, opondo desta feita pessoa a pessoa. Nesse novo quadro, de um lado, a feitiçaria demonstra-se uma impossibilidade lógica: daí a debilidade dos feiticeiros, porque eles e sua arte não têm mais lugar num coletivo unificado e, seja por princípio ou por escolha, agora indivisível. E, de outro, o suicídio poderia ser visto enquanto uma certa forma variante de feitiço, já que existem indícios de uma associação simbólica entre eles: como explicou Ohozyi, o *karoji* (princípio vital místico) do timbó "é xamã", donde seus poderes para apossar-se dos corações humanos (Fank & Porta, 1996 b: 182-7).

Assim, à primeira vista, diríamos que, num certo plano da vida social, os Zuruahã agem como se formassem um conjunto bastante homogêneo e fortemente integrado. A construção da casa, as pescarias com timbó, as caçadas coletivas, o cerimonial de distribuição de carne de anta, os ritos agrícolas, as rodadas noturnas de rapé e a iniciação masculina, bem como os esforços incessantes para que todas as famílias possam acomodar-se numa única aldeia — mesmo que, em certos momentos, haja outras casas também em condições de uso —, todas essas atividades manifestam, cada uma a seu modo, um dilatado e efetivo espírito corporativo ou de coesão social. A simples idéia de permanecer sozinho à noite, em algum lugar fora da aldeia, provoca pânico em amigos e parentes. Este temor que os domina, e que a todo instante se renova, pois não se cansam de especular sobre possíveis agressões oriundas do exterior da sociedade (espíritos *zamady*, grupos indígenas hostis, sorveiros). O receio de confrontos com essas formas de alteridade é, de fato, uma das razões que os próprios Zuruahã divisam para o isolamento e a permanência na área atual, ao longo de mais de seis décadas, praticamente confinados em uma pequena extensão do território original.

Não obstante tal modelo de unidade e coesão, o uso recorrente do *konaha* emerge propriamente como um contraponto, no qual uma certa divisão social se produz, intermitente mas assídua, mediatizada pelo gesto suicida. Ao contrário, porém, da (impensável, para os Zuruahã) fragmentação e oposição entre as partes, trata-se de uma operação que interioriza e propaga a dissensão nos limites do grupo local, discriminando os componentes mais elementares da estrutura social. Daqui em diante, todo ato e todo discurso estarão condicionados ao que se poderia chamar de potencial suicidógeno — a medida de eficácia e o parâmetro de valor com os quais se calcula a probabilidade de causar contrariedades ou danos, a si e a outrem.

Em uma sugestiva auto-imagem, desta feita, os Zuruahã refletem às vezes sobre sua semelhança com os peixes, ambos vítimas do timbó. Nesses termos, é a sociedade como um todo que se projeta através de um gesto reconhecidamente individualizante (uma tentativa é o bastante!): um

suicida que se precipita no epicentro da ação social, ponto focal para o qual convergem atores, posições e relações, segundo um sistema de atitudes e de valores padronizados. A cada tentativa, os indivíduos ocupam ou permutam suas respectivas posições, buscando atender tanto as relações parentais e pessoais quanto seus comprometerimentos naquela conjuntura particular. O comportamento suicidógeno entre os Zuruahã, desse modo, não caracterizaria qualquer desregramento ou disfunção, muito menos um comportamento desviante, conquanto subentende determinados princípios estruturais que singularizam o corpo social, a saber: a oposição entre vivos e mortos, quando nas tentativas está em jogo a relação com algum morto e, no salvamento, a incumbência dos vivos de zelar pelo suicida; a assimetria entre consangüíneos e afins, com ênfase nos laços de descendência e germanidade; a dinâmica etária, que distingue jovens e velhos, em particular quanto ao destino póstumo; o status social, que pode ocasionar maior indiferença ou aumento do número de suicidas potenciais; e o confronto entre os gêneros, que é exacerbado nessas ocasiões. Todo esse conjunto de fatos, enfim, deve tornar admissível o argumento de que o suicídio instalaria, firmemente, a diferença no interior da sociedade, ao mesmo tempo em que a totalizaria, às expensas porém de um ato ritual notadamente individualizador.

Atividades produtivas

A anta é a caça por excelência, ensejando um elaborado cerimonial de cozimento e distribuição.

Além do prestígio que regularmente auferem, os melhores caçadores têm a primazia nas partilhas de carne, nas quais a sua posição no ranking cinegético determina, tanto quanto possível, o lugar na seqüência de distribuição e o quinhão que receberá.

No que diz respeito à agricultura, suas roças são diversificadas e extensas e nelas predominam variedades de mandioca, macaxeira, cana, banana e tubérculos. A coleta de uma imensa variedade de frutos silvestres, em todas as épocas do ano, complementa a farta pauta alimentar.

Fontes de informação

BARROS, J. S. A. *Relatório da viagem de fiscalização ao rio Tapauá e seus afluentes, apresentado ao Inspetor do SPI no Amazonas e Acre*, mimeo., fotos, 21 p., Museu do Índio/Sedoc, Filme 31, Planilha 380, 1930.

CIMI (Conselho Indigenista Missionário). *A violência contra os povos indígenas no Brasil: 1994-1995*. Brasília : Cimi, 1996.

DAL POZ NETO, João. Crônica de uma morte anunciada : do suicídio entre os Sorowaha. *Rev. de Antropologia*, São Paulo : USP, v. 43, n. 1, p. 89-144, 2000.

FANK, J. & PORTA, E. *A vida social e econômica dos Sorowaha*. Cuiabá : OPAN/CIMI. 1996.

----- . *Mitos e histórias dos Sorowaha*. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1996 b.

----- . *Vocabulário da língua Sorowaha*. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1996 c.

KROEMER, Günter. *A caminho das malocas Zuruahá*. São Paulo : Loyola, 1991.

----- . *Cuxiuara, o Purus dos indígenas*. São Paulo : Loyola. 1985.

----- . *Kunahã made, o povo do veneno* : sociedade e cultura do povo Zuruahá. Belém : Mensageiro, 1994. 207 p. (Coleção Antropologia)

O povo do veneno. Dir.: Júlio Azcarate. Vídeo Cor, VHS, 25 min., 1991. Prod.: Ibase Vídeo; Cimi; UBV

SILVA, M. L. da. *Um estudo sobre a sociedade suruwaha*. Mimeo, 1994a.

----- . *O drama de Xibiri-wiwi*. Mimeo, 1994 b.

SUZUKI, M. "Esboço preliminar da fonologia Suruwahá". In : WETZELS, L. (org.), *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 1995. pp. 341-78.

Início dos trabalhos da JOCUM junto aos Suruwahá

Doc. 1

ANEXO 2 Pg. 30

-O trabalho de JOCUM entre os suruwahá começou em 1984, e a participação da missão no atendimento de saúde entre eles teve início em 1992.

Doc.5fls 23

(Processo 002/2003),

-A presença dos missionários de JOCUM na área Suruwahá iniciou em 1985. No período 1985-1997 o interesse principal dos missionários (Suzuki nos primeiros anos, posteriormente junto com sua esposa Márcia Suzuki) era a pesquisa linguística. Para isso realizaram curtas visitas às malocas, dedicando-se intensamente ao registro oral e escrito da língua Suruwaha. Normalmente convidam a um grupo de indígenas, preferencialmente jovens, para passar alguns dias nas casas dos missionários. Lá encontram condições mais adequadas para realizar o levantamento linguístico.

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, Fls 173

Ass: Ingresso em Área Indígena.

Correspondência da JOCUM¹⁴ para Chefe da APL – FUNAI. Porto Velho

29/Novembro/1991

Neste documento o missionário Reinaldo C. Ribeiro, Diretor de Assuntos de campo da JOCUM, apresenta uma relação de missionários que desenvolve trabalhos junto às 'tribos' e exclui a informação da presença missionária junto aos Suruwahá.

¹⁴ Nessa correspondência o Sr. Reinaldo C. Ribeiro – Diretor de assuntos de campo – omitiu a informação de trabalhos junto aos Suruwahá.

Início dos trabalhos do CIMI junto aos Suruwahá

Doc.38

» [Povos Indígenas](#) » [Nos Estados](#) » [AM](#) » [Notícias](#)
<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=1792&eid=350>
07/03/2006 - 21:22 - Nota à Imprensa: Situação dos
Suruaha pede solução urgente do Poder Público

Em vista dos últimos acontecimentos envolvendo o povo indígena Suruaha, relacionados ao tratamento de duas crianças fora da aldeia e ao papel assumido pelos órgãos públicos para o enfrentamento dessa situação que envolve também a presença na área do Cimi – Conselho Indigenista Missionário e da JOCUM – Jovens com uma Missão, consideramos oportuno os seguintes esclarecimentos:

1. O Cimi, alertado sobre a iminência de um massacre dos Suruaha por sorveiros exploradores da terra indígena, deslocou uma equipe para a área em 1978 que estabeleceu o primeiro contato com este povo em maio de 1980. Avaliando que a qualidade de vida do povo Suruaha era melhor do que a das demais populações da região, a atuação da equipe se deu junto aos ribeirinhos com objetivo de esclarecer a população envolvente sobre os direitos indígenas e, junto a Funai, para que fossem tomadas as providências para a demarcação do território indígena e sua proteção.
2. Em 1983, sob a alegação de fazer o “contato oficial” com os Suruaha, a Funai abriu um varadouro (picada) desde o rio Cuniuá - habitado pelos ribeirinhos - até o centro das malocas Suruaha. O Coordenador da expedição, Sebastião Amâncio, questionado sobre a responsabilidade da Funai na construção dessa via de acesso direto a área indígena, expondo a população Suruaha a toda sorte de doenças, garantiu que já havia feito contato com um grupo missionário que possivelmente poderia se transferir para a região. Dois anos depois chegou o Jocum que se estabeleceu na boca desse varadouro.
3. A postura do Cimi desde o primeiro momento foi a de garantir que o povo Suruaha tivesse assegurado seu direito à terra, cultura e liberdade de decidir seu futuro. Como tem feito historicamente em relação a todos os povos indígenas do país, o Cimi também solicitou providências dos órgãos públicos quando a integridade física e cultural do povo Suruaha estava ameaçada. Por isso, em 2000 informou o Ministério Público Federal sobre as tentativas do Jocum de interferir no mundo simbólico Suruaha motivado pelas suas convicções religiosas. Preocupado com as repercussões negativas desse fato sobre a organização social desse povo igualmente informou ao MPF sobre a retirada em abril de 2005 pelo Jocum das crianças e de seus familiares para tratamento em Porto Velho e, posteriormente para São Paulo.[...]

Quem é JOCUM

Doc.19, fls. 146

(Proc.08620-000022/2003)

Jovens com uma Missão é uma organização evangélica internacional e interdenominacional, cujo objetivo é levar a palavra de Deus a todas as nações. É constituída por crentes de todas as principais denominações. Procurar servir à igreja local compartilhando a visão missionária, mobilizando cristãos para o trabalho missionário, inclusive servindo de opção para a participação a igrejas em missões transculturais, e contribuindo na unidade do Corpo de Cristo

Doc.20, fls. 150

(Proc.08620-000022/2003)

Jovens Com Uma Missão é um movimento internacional de cristãos de várias denominações evangélicas, dedicados em apresentar Jesus Cristo pessoalmente a esta geração, comprometidos em mobilizar o maior número possível para ajudar nesta tarefa, treinar e equipar o crente para fazer sua parte no cumprimento da Grande Comissão.

Como cidadãos do Reino de Deus, somos chamados para amar, adorar e obedecer nosso Senhor; amar e servir Seu Corpo (a igreja) e apresentar o Evangelho inteiro ao homem, no mundo inteiro. Nós obreiros de JOCUM, cremos que a Bíblia seja a palavra de Deus, inspirada fonte de autoridade para nós, revelando que Jesus Cristo é o filho de Deus, que o homem é criado na imagem de Deus, que Ele nos criou para Ter vida eterna através de Jesus Cristo, que apesar de todos os homens terem pecado e, por isso mesmo, carecendo da glória de Deus, Ele providenciou salvação através da morte na cruz e a ressurreição de Jesus Cristo.

Cremos que o arrependimento, fé, amor e obediência são as reações que o homem deve prestar à iniciativa de Deus em estender graça para nós, que Deus deseja que todos sejam salvos, conhecendo a Verdade, e que o poder do Espírito Santo é demonstrado em/atraves de nós para a realização do último mandamento de Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15)

Doc.5, fls.24

(Processo 002/2003)

A entidade JOCUM trabalha em parceria com as entidades SIL (Summer Institute of Linguistics, renomeada posteriormente como Sociedade Internacional de Linguística), Missão Wickleff, Novas Tribos e Universidade das Nações. Todas elas compartilham sua base operativa para a região amazônica em Porto Velho, RO. Na bacia dos rios Tapauá e Cuniuá, afluentes do Rio Purus, mantém uma sólida infra-estrutura de comunicação, com campos de pouso para os aviões de Asas de Socorro (na aldeia Marrecão da área indígena Deni e na aldeia principal da área Banawa Yafi, entre outras) uma rede de rádio-fonias e diversos centros missionários.

Doc.29

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 322

A JOCUM é uma missão evangélica fundada em 1960 nos Estados Unidos, com objetivos declaradamente científicos, mas claramente mesclados ao proselitismo religioso (*aqui tem uma nota de rodapé nº7*). No Brasil, presente desde de 1975, conta mais ou menos com 600 obreiros, distribuídos em quase todo o território nacional. Para se tornar missionário aptos a trabalhar em campo (as chamadas Missões Transculturais) a JOCUM oferece dois cursos obrigatórios: a Escola de Treinamento e Discipulado (EteD), durante 5 meses, seguida do curso de Introdução à Etnolinguística e Estudos Culturais – IEEC, cujo programa constitui-se de disciplinas tais como

fonética articulatória, antropologia, aprendizagem de línguas, filosofia de missões, planejamento estratégico para um projeto missionário, etnoeducação e missiologia – cuja ementa é “... a partir de estudos antropológicos descobrir uma maneira correta de comunicar culturalmente o evangelho de Jesus”

Nota de rodapé “7”: Como atesta a Declaração Oficial da missão, veiculada na internet no site que pode ser acessado pelo endereço <http://www.jocum.com.br>, onde se lê: “Jovens Com Uma Missão é um movimento internacional de cristãos de várias denominações evangélicas, dedicada a apresentar Jesus Cristo pessoalmente a esta geração (...) Como cidadãos do Reino de Deus, somos chamados para amar, doar e obedecer nosso Senhor,; amar e servir Seu Corpo (a igreja) e apresentar o evangelho inteiro ao homem, no mundo inteiro (...) Cremos (...) que o poder do Espírito Santo é demonstrado em/através de nós para a realização do último mandamento de Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”. Ainda, trechos de cadernos de campo de missionários da JOCUM (inteiramente transcritos no relatório de identificação da T.I. Hi-Merimã, elaborado pela antropóloga Luciene Phol), apreendidos pela Frente de Proteção do Médio Purus quando missionários tentavam contatar os índios isolados Hi-Merimã, atestam os objetivos proselitistas da missão com relação à sua atuação junto a populações indígenas.

Intenções da JOCUM

Doc.5, Fls 43, 44, 45, 46 e 47

(Processo 0022/2003)

Existe um material muito expressivo, são os cadernos de campo dos missionários de JOCUM apreendidos pela Frente de Contato da FUNAI em agosto de 1995. A área indígena hi-merimã encontrava-se interdita por portaria oficial; está atualmente em fase de identificação. O trabalho do sertanista da FUNAI, Rieli Franciscato pretendia a preservação física do povo hi-merimã, evitando o contato que foi avaliado como desnecessário, e construindo as condições para a garantia territorial da área. Os missionários da JOCUM empreenderam de modo clandestino uma missão de contato. A equipe da Frente de Contato realizou a detenção dos missionários no rio Branco, dentro da área indígena hi-merimã; nessa apreensão foram obtidos os diários de campo de dois deles, Nivaldo Oliveira de Carvalho e Nilton Correia Cavalheiro. O material é de extrema importância para a questão suruaha, pois Nivaldo Oliveira de Carvalho (conhecido como `Belo`) é um dos integrantes da equipe JOCUM atuante na área suruaha. Os textos falam por si sós sobre as intenções e objetivos da missão JOCUM.

[Dos Cadernos de Campo de Nivaldo Oliveira de Carvalho, `Belo`, membro da equipe JOCUM atuante na área indígena suruwaha]:

“Hoje se deu início nossa viagem com o objetivo de contatar a tribo N.” (06 de abril 1995)[p. 01].

“Passamos na boca do rio Branco onde paramos e oramos tomando posse do rio e da região no mundo espiritual. Também oramos para que desde já os anjos do Senhor se instalem na região” (10 abril 1995)[p.03].

“Hoje também paramos um pouco para saber realmente qual rio subir, Branco ou Piranha, eu pensava Branco, o Júlio Piranha, achamos melhor tirarmos esse dia para orarmos e buscar de Deus. Ainda penso no Branco mas o mais importante é o que Deus quer que façamos, isso realmente é o que importa, a vontade de Deus” (12 abril 1995)[p. 05]

“Quando estávamos voltando, eu e Zé, eu vinha orando, comecei a pedir discernimento espiritual, sensibilidade p/ ouvi-lo, pedi mesmo que ele nos desse essa sensibilidade e no certo momento tive essa visão muito rápida de uma pessoa grudada numa árvore quase em nossa frente, ele tava me olhando sério de cima onde estava, tudo foi num relance, era como se tivesse entrando no território guarnecido por vários guardas [...] Logo veio discernimento que era demônio [...] Logo lembrei que essa visão foi minutos depois que eu orava pedindo discernimento, sensibilidade. Viajava fazia batalha espiritual, tomando posse desta região que cremos Deus tem nos dado. E realmente entramos em território que até hoje foi dominado por inimigos, mas viemos para tomar posse desta terra e deste povo pro Senhor, viemos em seu nome, como embaixadores enviados de Deus. (18 abril 1995) [p. 11-12].

“Por ser um igarapé pequeno provavelmente não tem nome [...] aí veio na minha mente de colocar nele um nome profético, o nome de “Ig do Contato”. Não cortamos nada na boca do igarapé e até um pouco aqui, em cima não cortamos para não deixar pistas de onde estamos para que se a FUNAI vier atrás de nós não imagine que estamos aqui” (22 abril 1995)[p. 16]

“Mas aconteceu algo interessante, em um certo momento da caminhada ouvi andando e caminhando, acenei pro Júlio se baixar, meu coração acelerou, pensei nos índios enquanto estava abaixado tentando ouvir mais fiquei analisando qual seria minha reação quando encontrar com eles (a expectativa é muito grande). Depois vi que era só impressão (sic) minha.” (25 abril 1995)

[p.21]

“Segundo nossos cálculos (se estivermos certos) teremos que andar + ou – 40 Km nessa direção (SW) p/ chegarmos até o ig. do jacaré no lado direito (de quem sobe) do rio Piranha. No ano passado (final do ano) um ribeirinho viu muitos vestígios dos índios nesse igarapé. Temos expectativa de encontrarmos vestígios nesse meio, Piranha ou rio Branco.

Enquanto eu marca e olhava novamente a direção que andaremos veio o versículo 13 do salmo 108: que diz: “Em Deus faremos proezas; porque é ele quem calçará aos pés os nossos inimigos”. Escrevi a primeira parte do versículo e a referência bem ao lado da marcação do nosso rumo, o interessante é que + ou – nesse instante Nilton escrevia em seu diário e registrando essa viagem que faremos escreveu o mesmo versículo na lig. De hoje. Ele não sabia que eu tava escrevendo o versículo. Confirmação de Deus. (28 abril 1995) [pp. 23-24]

“Quando eu ainda estava em Porto Velho, costumava olhar o mapa e orar sobre ele. Um dia fiz um círculo com lápis bem fraquinho mais ou menos no lugar onde achava que estava os índios, coloquei depois o mapa no chão, pisei sobre o lugar e tomei posse da terra [...] Fui pro mato orar, eram uma seis da tarde, comeci agradecer a Deus por ter tido misericórdia e ter me trazido novamente para a região, me ajoelhei e comeci a agradecer em línguas de repente senti uma autoridade [...] falava em línguas ao mundo espiritual, não sei o que falava mas sentia como se tivesse preendendo, tomando posse e declarando vitória”. (30 abril 1995) [p.25]

“Afundamos nossa canoa e amarramos no fundo do igarapé, p/ não deixar pistas. Mas na verdade com todo nosso cuidado sabemos que só o Senhor é que pode nos dar a segurança e guardar nosso acampamento da FUNAI ou ribeirinho, diz a palavra de Deus não guardar a coisa em vão vigia o sentinela”. (30 abril 1995) [p.29]

“Não vejo a hora de encontrar vestígios novos, e por fim o tão sonhado e esperado contato, sonho muito com esse momento”. (01 maio 1995) [pp. 32-33].

“Na verdade o diabo não esta satisfeito em perder terreno para nós e vai tentar o que lhe estiver ao alcance (sic) para nos fazer recuar, voltar atrás, ir embora, mas em nome do Senhor Jesus Cristo continuaremos até o tempo determinado pelo Senhor, esta terra, este lugar o povo himerimã pertence ao Senhor Jesus Cristo” (05 maio 1995) [pp38-39]

“Subimos o rio Branco até o acampamento do Zé Preto. O tapiri tava queimado, não me lembro dele ter falado desse detalhe, fiquei pensando que talvez a FUNAI tenha subido e tocado fogo no tapiri dele”. (08 maio 1995) [p.41]

“Ontem eu tava orando a respeito disso e Deus me deu aquele versículo que diz que andamos por fé e não por vista. Ainda que não vejamos nada e pareça confusa as coisas, creio que Deus tá no controle das coisas por aqui, ele é a principal pessoa interessada neste povo, no contato. (14 maio 1995) [pp.46-47].

“Hoje pela manhã ainda no tapiri do Bica, sai do mato para meditar [...] Deus me deu uma palavra poderosa em salmos [...] Me prostrei diante do Senhor com o rosto em terra e pedi a bênção dele, para que eu possa herdar a terra himerimã, o povo himerimã” (14 junho 1995) [pp. 74-75].

“Quando agente vem é naquele pique de chegar e contatar o povo, depois passa dois mês meses (sic) e a gente fica meio pensativo será que vai ser mais um ano em que vamos passar o ano e não conseguir o contato? Quando penso nessa possibilidade fico triste, meio frustado. É difícil não pensar quando já se viveu essa experiência um bocado de vezes mas estou errado em pensar

dessa forma, a pensar de às vezes eu pensar dessa forma, mas foi pela fé que eu vim e pela fé que vamos conseguir nosso alvo. Preciso perseverar mais, e confiar mais” (27 de junho 1995) [p.93-94]

Essa noite tive outro sonho do contato com os himerimã. Sonhei que eu, Nilton e Raimundo (do irmão Epitácio) com a gente tinha um funcionário da FUNAI, que nos levou na região, reserva deles [...] Tinha homens e mulheres, eram bem fortes e escuros como no outro sonho [...] usavam uma pintura nos olhos, cobrindo os olhos com uma pintura preta [...] Vi outros índios com roupas. Ai a mulher que estava perto já estava com roupa e dando Neston para a criança dela. De onde estávamos dava para ver o rio Purus [...] vi também de longe umas casas...” (06 de julho 1995) [pp.110-111].

“Não estavam nos nossos planos passar esse tempo todo aqui. Mas creio que Deus já no controle da situação, ele tem o domínio; isso é que nos faz ficar tranquilos e confiantes, que ele tem todo o controle. Glória a Deus (18 julho 1995) [pp. 135-136]

“Fui na casa do Bica ontem a noite e conversávamos sobre os índios, ele contou quando os viu, a alguns anos atrás. Senti uma vontade de que eles (os índios) também saíssem com a gente. Também senti mais ânimo. Creio que nessa próxima viagem Deus nos abençoará com o contato”. (23 julho 1995)[p.139]

“Esta é a terceira etapa do nosso trabalho. E tenho muita expectativa p/ esta 3ª etapa. Creio que esta é a etapa do contato. Creio que Deus tem nos dirigido em tudo. [...] Creio que ele esteve nos preparando nesses quatro meses, para o contato (05 agosto 1995) [pp. 147-148]

“Não sei muito bem, mas faremos batalha espiritual e creio que Deus vai nos revelar uns detalhes se for sua vontade”. (09 de agosto) [p.154]

[Dos cadernos de campo de Nilton Correia Cavalheiro]:

“Saímos rapidamente para o aeroporto, pois já estava tudo pronto. [...] Estávamos em Lábrea, [...] e em menos de 1 hora levantamos vôo novamente, rumo à tribo banawá. [...] Foi o momento esperado por mim e pelos missionários Júlio e Bello, pois estava eu me juntando a eles para irmos procurar a tribo himerimã”. (11 abril 1995) [p.1]

“Saímos da tribo banawá, 12:10 chegamos nas primeiras casas da comunidade da ressaca da Onça, [...] dali seguimos com um tambor de farinha, seguimos viagem e chegamos na escolinha da comunidade. Fomos bem recebidos por eles. Fizemos um negócio e conseguimos uma canoa de madeira e por causa disso tivemos que deixar p/ prosseguir a viagem somente no dia seguinte”.(13 abril 1995) [p.3]

“Partilhando o que estamos sentindo tivemos um pouco mais de entendimento sobre o mundo espiritual e a grande guerra que está travada com os hosteis infernais, o diabo está revidado (?)” (18 abril 1995) [p.11]

“Pensei bastante na nação Korubo e na maneira de ir atrás p/ alcança-lo para o Senhor. Korubo já é do Senhor em nome de Jesus amém!” (21 abril 1995) [p.15]

“Enquanto o mundo discute a Amazônia, eu estou aqui percorrendo rios, igarapés, [...] fazendo acampamentos e procurando índios. Só o Senhor, obrigado Paixão por este presente [...]. Aqui neste local, certamente nem a FUNAI, nem a Polícia Federal poderá nos encontrar”.. (22 maio

1995) [p.16-17].

“Tivemos um dia de batalha espiritual, oração e jejum coletivo.[...] peguei a faca com a mão direita, a Bíblia com a mão esquerda e sai pela mata lendo a palavra do Senhor e orando.[...] O Senhor fala muito seriamente sobre o mau costume que ainda existe em mim e devo abandonar para viver com santidade e crescer espiritualmente. Também a tarde fizemos um mapeamento da região, fizemos um estudo de quilômetros e tiramos nossa direção por bússola, pretendemos andar, abrir picadas e procurarmos vestígios dos himerimã” (29/04/95) [pp.23 e 24].

“Hoje andamos meditando nas coisas do Senhor, fui tomado por um espírito de alegria e gozo tão tremendamente. Pensei nas loucuras do Senhor, ele trouxe um chileno, maranhense e um gaúcho, nos uniu [...] e juntos hoje estamos aqui, andando atrás de uma tribo ã alcançada só Deus e a alegria do Senhor”. (30 abril 1995) [p.26]

Durante a viagem Bello e eu falamos um pouco em suruaha pois ele já passou uma temporada lá e lembramos bons e difíceis momentos, mas em tudo Deus nos agraciou” (02 maio 1995) [p.29]

“Bello teve um grande sentimento de morte, peso e tristeza, ai paramos e fizemos uma grande batalha espiritual, creio que abalamos e desestruturamos os fundamentos do inferno, procuramos o versículo de vida e vitória [...] sendo assim de quem teremos medo? A quem temeremos? 904 maio 1995) [p.33-34]

“Acordamos e logo começamos os preparativos p/ baixar o rio Branco um pouco, isso p/ averiguar, conferir se a FUNAI esteve no rio por estes dias, desconfiamos disso no dia 09/05 quando subimos o rio Branco e encontramos o tapiri queimado. [...]. Descobrimos que a FUNAI e ninguém esteve aqui em cima no rio Branco, tudo estava como estava quando subimos. Deus nos protegeu.” (12 maio 1995) [p.45]

“Se não der para fazer o contato este ano [...] e algum dia os índios encontrarem os nossos caminhos [...] uma questão vai estar rodeando as mentes deles [...] eles irão se perguntar se não queremos sorva, seringa, madeira, por que moramos aqui? Creio que isto poderá abrir a porta, creio que Deus poderá falar com esta tribo e dizer que somos pessoas diferentes, que não queremos prejudicar ou explorar mas tão somente apresentar o amor de Jesus... Sabemos que Deus ama o povo himerimã, e que nossa estadia na região abala e desestrutura os alicerces do inferno e por meio de nossas orações o diabo está perdendo o poder sobre este povo e sobre a região. ALELUIA!!! O meu coração está sentindo um grande amor por esta região e pelo povo himerimã. (24 maio 1995)[pp.60-61]

“Começará mais uma temporada onde ficaremos só no alto rio Piranha apenas a equipe, isso pelo menos até fazermos o contato com a tribo himerimã”. (13 junho 1995)[p.91]

“Porque viemos espionar a terra e já nos apossamos e em nome de Jesus colocamos aqui a bandeira do Reino de Deus, e aqui implantamos o seu reino”.(30 junho 1995)[p.125]

“Estando aqui estou aprendendo um pouco da cultura, costumes do povo banawá. Tem coisas curiosas, ex.: homem e mulher são bem separados com o grupo de idade. É coisa feia um homem conversar com a mulher do outro se o próprio marido não estiver do lado, é feio também uma mulher conversar com um homem se a esposa não estiver do lado. Tem coisas profundas [...] Para mim é um privilégio de Deus eu estar aqui na tribo banawá, já estive na tribo deni, na tribo suruwaha, na tribo jarawara, tribo cinta larga e hoje estou trabalhando com a equipe himerimã”.(08 maio 1995)[pp. 160-161]

A leitura destes diários evidenciam de modo contundente o fundamentalismo e a ideologia proselitista dos missionários de JOCUM, não deixa dúvidas sobre as intenções de sua presença nas áreas indígenas. Desde a perspectiva do fortalecimento da autonomia suruwahá e da sua sobrevivência física e cultural, nos encontramos diante de uma ameaça de consequências talvez definitivas [...] A proposta acelerada de JOCUM, inspirada em parâmetros culturais e ideológicos alheios à tradição suruaha, impõe seu próprio ritmo rompendo o equilíbrio processual de um povo de pouco contato que ainda padroniza a construção da sua própria história.

No “Projeto de Educação Escolar Indígena” encaminhado à ADR Rio Branco – Acre, assinado por Edson e Márcia Suzuki, missionários da JOCUM, consta os seguintes objetivos enunciados:

1. Garantir aos Suruwahá a autonomia na defesa de seus interesses e na participação na vida nacional em igualdade de condições.
2. Fomentar, através da educação escolar, a documentação e a consequente manutenção de etnoconhecimento suruwahá, para uso da própria comunidade indígena.
3. O fortalecimento da identidade suruwahá, como meio de garantir sua sobrevivência física e cultural.

No “Programa de Combate ao Suicídio” os objetivos enunciados são:

1. Ajudar a criar condições favoráveis para que os suruwahá possam vencer o etno-trauma causado pelas chacinas do início do século e assim reduzir a taxa de suicídio entre eles.

<http://www.infobrasil.org/agen/por/consulta-2005/bra/jocum.htm>

Lema da JOCUM: 'Conhecer a Deus e Fazê-Lo Conhecido'

Objetivo Final: Capacitação, reavivamento, conversão, conscientização, evangelização, discipulado, ajuda humanitária, plantação de igrejas, desenvolvimento comunitário,

Grupo Alvo: Jovens, tribos indígenas, cidades sem igreja, marginalizados, cristãos nominais, pastores, viciados, leigos, crianças, povos não alcançados, menores abandonados, povos ribeirinhos, favelados, surdo-mudos, crianças aidéticas.

Equipe que atua na área indígena Suruwaha:

Relatório Geral da JOCUM - São Paulo 01 de Novembro de 2005

Encaminhado por Reinaldo Cazão Ribeiro (Diretor da JOCUM – Porto Velho) ao Coord. Regional da FUNASA /AM (Francisco Ayres)

Edson Massamiti Suzuki (Missionário da JOCUM, Mestre em Linguística – UNICAMP)

Márcia dos Santos Suzuki (Missionária da JOCUM, Mestre em Linguística Indígena (UNIR)

Moisés Barreto Viana (Missionário da JOCUM, Etno Linguista (UN)

Lucília Oliveira Viana (Magistéria e Microscopista de Malária (UDN)

Darci Azeredo da Silva (Missionário da JOCUM, Microscopista de Malária (UDN)

Sandra Rogéria Pachoco da Silva (Missionária da JOCUM, Técnica em enfermagem).

Simone Vaz da Silva (Missionária da JOCUM, Intérprete).

Quem é CIMI

Doc.33

[Cimi » Quem Somos](#)

O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas.

Criado em 1972, quando o Estado brasileiro assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como única perspectiva, o Cimi procurou favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo as grandes assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural.

O objetivo da atuação do Cimi foi assim definido pela Assembleia Nacional de 1995:

“Impulsionados(as) por nossa fé no Evangelho da vida, justiça e solidariedade e frente às agressões do modelo neoliberal, decidimos intensificar a presença e apoio junto às comunidades, povos e organizações indígenas e intervir na sociedade brasileira como aliados (as) dos povos indígenas, fortalecendo o processo de autonomia desses povos na construção de um projeto alternativos, pluriétnico, popular e democrático.”

Os princípios que fundamentam a ação do Cimi são:

- o respeito a alteridade indígena em sua pluralidade étnico-cultural e histórica e a valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas;
- o protagonismo dos povos indígenas sendo o Cimi um aliado nas lutas pela garantia dos direitos históricos;
- a opção e o compromisso com a causa indígena dentro de uma perspectiva mais ampla de uma sociedade democrática, justa, solidária, pluriétnica e pluricultural.

E para esta nova sociedade, forjada na própria luta, o Cimi acredita que os povos indígenas são fontes de inspiração para a revisão dos sentidos, da história, das orientações e práticas sociais, políticas e econômicas construídas até hoje.

Doc.34

[Como o Cimi se organiza](#)

Mais de 400 missionários, constituindo 112 equipes, convivem com o dia-a-dia dos povos indígenas em todo país. São leigos e religiosos que buscam com a presença solidária, o compromisso e o testemunho colocar-se a serviço da vida desses povos.

Para articular, assessorar e orientar a ação desses missionários e para apoiar as lutas dos povos indígenas pela garantia de seus direitos, o Cimi organizou-se em 11 Regionais distribuídos pelo país e um Secretariado Nacional localizado em Brasília.

A instância máxima do Cimi é a Assembleia Geral que se realiza de dois em dois anos. Sua Diretoria é composta pela Presidência (Presidente, Vice Presidente e dois Secretários) e pelos 11 Coordenadores regionais.

Através do Secretariado Nacional e dos Regionais, o Cimi oferece aos missionários, índios e suas organizações apoio e assessoria nas áreas jurídica, teológica, antropológica, de comunicação, formação, educação, saúde e documentação. E edita mensalmente o Porantim, jornal especializado na questão indígena.

São membros do Cimi os leigos e religiosos que atuam de forma direta junto aos povos indígenas; os bispos em cujas Dioceses/Prelazias haja comunidade indígena; os superiores religiosos dos missionários que trabalham junto aos índios; e o bispo responsável pela linha missionária da CNBB.

Doc.35

[Dimensões da atuação do CIMI](#)

TERRA - a ação prioritária do Cimi constitui-se no apoio à luta dos povos e comunidades indígenas pela recuperação, demarcação e garantia da integralidade de seus territórios. A terra é condição

de vida e de realização plena da cultura de cada povo indígena. Nesta perspectiva, o Cimi assume como bandeira de luta a proteção dos territórios de todos os povos indígenas, inclusive daqueles que permanecem sem contato com a sociedade brasileira

MOVIMENTO INDÍGENA - Ao longo destes quinhentos anos os povos indígenas foram encontrando maneiras criativas e diversas de resistir à opressão e às tentativas de extermínio. Nas últimas três décadas surgem de maneira articulada inúmeras formas de organizações, articulações, mobilizações que constituem hoje o Movimento Indígena. Este movimento é instrumento de luta na defesa dos direitos indígenas, é espaço para a construção de propostas comuns e para a consolidação das alianças. O Cimi atua como parceiro nas lutas do movimento indígena, informando, discutindo possibilidades e caminhos e apoiando as suas iniciativas.

ALIANÇAS - O compromisso na defesa da vida e dos direitos indígenas implica em um projeto de transformação ampla da sociedade brasileira. É fundamental consolidar alianças na perspectiva de construção de uma nova ordem social, baseada na solidariedade, no respeito à dignidade humana e à diversidade étnica e cultural. O Cimi visa, a partir de sua atuação, estabelecer alianças com setores da sociedade civil, organizações latino-americanas, grupos e entidades de solidariedade e cooperação internacional no sentido de assegurar aos povos indígenas as condições para a conquista de sua autonomia.

FORMAÇÃO A SERVIÇO DA AUTONOMIA DOS POVOS INDÍGENAS - a formação é compreendida pelo Cimi como um processo integral, construído coletivamente e fundamentado na prática social. Assim, a formação acontece na própria atuação, na reflexão permanente sobre os desafios, perspectivas e caminhos, a partir da experiência de cada comunidade, povo e organização indígena. A formação é instrumento indispensável a serviço das lutas atuais dos povos indígenas e imprescindível para a atuação missionária, por isso é uma prioridade no Cimi desde a sua origem.

EDUCAÇÃO, SAÚDE E AUTO-SUSTENTAÇÃO - A atuação do Cimi nestas três dimensões tem como base o reconhecimento e a valorização das formas próprias de cada povo conceber e construir sua vida. Neste sentido, é necessário conhecer, compreender em profundidade e respeitar radicalmente as diferentes cosmovisões, construindo com os Povos Indígenas, e a partir de seus próprios sistemas, ações diferenciadas de atendimento à saúde, escolas específicas e propostas auto-sustentáveis. A atuação do Cimi tanto nas aldeias quanto nas esferas do poder público assume esta perspectiva como condição para a concretização dos projetos de futuro de cada povo indígena.

DIÁLOGO INTERCULTURAL E INTER-RELIGIOSO - O Cimi orienta a sua ação na perspectiva de estabelecer um diálogo mutuamente respeitoso, baseado na igualdade entre as pessoas e as culturas. O diálogo inter-religioso pressupõe o respeito profundo pelas diversas concepções do sagrado, da origem e sentido da vida humana e a valorização das formas múltiplas de ritualizar a fé e alimentar as próprias crenças. A dimensão religiosa está presente em todos os aspectos da vida dos povos indígenas, em seus modos de ser, de pensar, de viver e de interagir. Ela é força motora dos seus projetos de vida, alternativos ao projeto neoliberal.

ÍNDIOS NA CIDADE - As intensas e constantes pressões sobre os territórios e culturas indígenas resultam em migrações constantes de povos inteiros ou de famílias indígenas. Nesta busca por melhores condições de vida muitos índios tem se deslocado para os centros urbanos. Esta situação se coloca como um novo desafio para a atuação do Cimi. É necessário conhecer melhor esta realidade, os motivos que empurram algumas famílias indígenas para fora de suas áreas tradicionais e iniciar um diálogo sistemático com eles, na perspectiva de garantir os seus direitos e articular suas lutas à questão indígena mais ampla.

Doc.36

Nossa estrutura – CIMI

O Cimi está estruturado em 11 regionais e um Secretariado Nacional, em Brasília. Cada regional tem uma estrutura básica que dá apoio, orienta e coordena o trabalho das equipes nas áreas indígenas. O Secretariado Nacional cumpre o papel de articular diversas instâncias em nível

nacional e disponibiliza aos missionários, índios e suas organizações um grupo de assessores nas áreas de Metodologia e Política, Jurídica, Articulação Latino Americana e Imprensa, além de Assessoria Teológica, esta última, localizada em São Paulo. No Secretariado funcionam também a editoria do Jornal Porantim e o Setor de Documentação.

[...]

INUTILIDADE DA MISSÃO E A REAÇÃO DOS SURUWAHA CONTRA A MISSÃO.

A Missão JOCUM baseia seus argumentos, para atuar junto aos Suruwahá, no trabalho de saúde e no combate ao etnocídio, no entanto a leitura atenta dos documentos da própria JOCUM revelam uma ineficiência junto a estas ações e por outro lado alteram e impõem outros valores culturais, e sobretudo, praticam o proselitismo religioso que desintegra a cosmovisão milenar dos Suruwahá:

Doc17

(Proc.08620-000022/2003)fls. 140

Cléo, nossa enfermeira¹⁵, fez de tudo que pode para salvar o Hamy. As mulheres aqueciam folhas de bananeira e aplicavam no seu peito para forçá-lo a respirar, mas a respiração ia ficando mais fraca a cada instante. A essa altura a gritaria já era geral e diversos homens corriam para o mato para tomar timbó. Parecia certo que haveriam muitas mortes. Eu estava lá há muitos anos mas nunca tinha presenciado uma cena tão assustadora. Nivaldo estava plantado na estrada do caminho para a mata, correndo atrás de todos os homens que passavam correndo. A alguns ele conseguia acalmar e convencer a voltar para a maloca. Outros não queriam ouvi-lo e fugiam, cegos de compulsão suicida.

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 176,

Neste sentido, o etnocentrismo, o preconceito, a imposição de outros valores culturais, e sobretudo, o proselitismo religioso, não só, são extremamente prejudiciais como também exercem ação desintegradora no universo mítico e simbólico do grupo indígena objeto de nefasta ação, acima referida.

Doc17

(Proc.08620-000022/2003)fls. 141/142

Jadabu nos pediu a lanterna para ajudar o Nivaldo a procurar pelos índios no escuro. Cléo emprestou e em poucos minutos o Jadabu voltou: tomou veneno e ainda mandou o Axa tomar também. A luta pela vida de Jadabu foi intensa, mas ele também se foi. Em poucos minutos sua mulher e seu filho de dez anos já se agitavam como loucos, num súbito ritual fúnebre. No meio da confusão pegamos a lanterna e conseguimos fazer Axá vomitar. A vida dele pelo menos, estava salva.

Enquanto procurávamos ao redor para ver se poderíamos ajudar mais alguém a vomitar, pudemos ver, no meio da penumbra da maloca, o pai de Jadabu vir correndo com a flexa apontada para o Suzuki. Não entendemos o que ele estava gritando, mas seguimos o único impulso possível no momento: correr. Corremos cada um numa direção, para for a da maloca. Sabíamos que em ocasiões como aquelas os índios ficam fora de si e podem atacar até os seus próprios parentes. Por alguma razão que só fazia sentido naquele momento para o pai de Jadabu, Suzuki era o culpado pela morte do filho. Ele tinha que ser morto. Aos poucos conseguimos nos reunir os quatro no escuro, for a da maloca. Estávamos ainda conversando para saber se deveríamos ficar por ali ou não, quando o homem nos viu e veio correndo em nossa direção, apontando novamente a flecha. Nesse momento resolvemos correr e nos esconder no mato. Por providência divina o Suzuki estava com uma lanterna na mão. Com aquele pequeno feixe de luz caminhamos no mato até encontrar um local onde podíamos nos esconder com segurança.

Ficamos ali tremendo de medo, até que começou a chover... ali nós passamos a noite. Orando e tentando imaginar o que estaria acontecendo na maloca. Será que outros tinham tomado veneno?

15 Enfermeira da JOCUM

Quantos já estariam mortos àquela altura? Quem seriam eles? Será que iriam nos matar? Será que conseguiríamos escapar? Ouvíamos os gritos e cantos funerários desesperados que duraram toda a noite. Estávamos exaustos e com medo, sem saber o que fazer.

.....

O que aconteceu depois foram dias nos quais o Senhor começou a descortinar diante de nossos olhos verdades maravilhosas. De repente, parecia que as informações que tínhamos acumulado durante todos os nossos anos de convivência com os suruwahá começaram a fazer sentido. As peças que faltavam no quebra-cabeça começaram a se juntar. Finalmente entendemos o que estávamos fazendo ali, e nossos olhos foram abertos para entender a maneira maravilhosa como Deus preparou esse povo para receber o amor de Jesus.

PRESENÇA IRREGULAR DAS MISSÕES NAS T. INDÍGENAS

Doc.59

Memo N° 331/CGEP/08

Brasília 11/julho/2008

Informa que a JOCUM é uma instituição internacional e que não possui autorização formal da FUNAI de ingresso em Terra Indígena. Com relação ao CIMI, não constam registros de solicitação, em autorização de Ingresso na Terra Indígena Suruwahá para desenvolver trabalhos de quaisquer natureza. Não constam, também, relatórios de trabalhos realizados pela referida instituição junto ao povo Suruwahá.

Doc. 1

Anexo 5, Pag. 5

Gustavo Falsetti Viviani Silveira

A aldeia Marrecão é a segunda quando se sobe o Rio Cuniuá e nesse local estão as casas dos missionários da MNTB. São trtes casas com boa infraestrutura, água encanada, televisão, antena parabólica, rádio fonia, barco, pista de pouso e outros equipamentos. Os missionários que estão em área são: Elton e Maria de Lourdes Chaves e Vladimir M. Cunha.... No dia que cheguei no Marrecão, junto com meu companheiro de equipe Diogo, ao nos aproximarmos das casas fomos fotografados por uma das missionárias que se encontrava na área. Tal fato me surpreendeu, pois não se identificou e tão pouco nos indagou quem éramos....Nesse período, como nos relataram os Deni, estava havendo uma reunião interna da MNTB em uma de suas casas na aldeia Marrecão, contando com a presença de missionários que não residem no local, inclusive estrangeiros.....passados alguns dias um avião pousou na aldeia para levar embora os missionários que participavam do evento.

Os trabalhos desenvolvidos em área pelos missionários junto aos Deni são em vários campos, embora o seu principal objetivo seja a evangelização dos povos que não conhecem a palavra de Deus.

Doc.3, Pag 3

2.1 Independentemente de considerações acerca do respeito à cultura dos Zuruwahá ou do respeito à vida, a entidade 'Jovens com uma Missão – JOCUM', que atua junto aos índios Zuruwahá/TI Zuruwaha e em outras terras indígenas localizadas na região do médio rio Purus (TI's Paumari do Lago Marahã, Banawá yafí, jamamadi/Kanamati/Jarawára, Deni, Hi-Merimã), há pelo menos 20 anos, jamais recebeu autorização formal da FUNAI.

2.2 Da mesma forma, é inaceitável que qualquer missão religiosa, no caso a JOCUM, SEM AUTORIZAÇÃO para atuar entre os índios, especialmente junto aos Zuruwahá, grupo contatado em 1980 e, portanto com menos de 25 anos de contato, interfira na vida cultural dos índios, impondo normas de conduta próprias da sociedade nacional, eivadas de moralismo discutível.

Doc. 3, pag. 5 e Doc 4

Em resposta, a CGEP, por meio do Memorando n° 113 de 26/03/03 informou que: "... não encontramos em nossos arquivos, nenhuma solicitação de autorização para ingresso na TI Suruwaha em nome de missionários do SIL, da JOCUM ou do CIMI que desse origem ao processo de autorização mencionada acima..."

Doc.49

Informação N° 011 /CEI/CGEP/2008

Assunto: Atuação do JOCUM em terras indígenas

Referência: Ofício n° 104/07/SOTC- 3° Of. /ANTROP/PR-RO

ICP n°1.31.000.000248/2005-61

Senhor Coordenador Geral,

Tramita nesta Fundação o processo nº 3138/88 que trata da presença da missão JOCUM em terras indígenas, o qual se encontra dividido em dois volumes. No primeiro volume às folhas 19 a 22, encontra-se o convênio nº 006/88, celebrado entre a FUNAI e a JOCUM, datado de 15 de setembro de 1988, com prazo de vigência de 3 anos, ou seja, válido no período de Setembro de 1988 a Setembro de 1991. Não houve nenhuma renovação deste convênio.

O primeiro volume traz denúncias de descumprimento pela JOCUM da Cláusula Primeira, Parágrafo Único, que diz:

“Excetuam-se do objeto do presente Convênio as comunidades de índios isolados, conhecidas ou não pela FUNAI...”

Segundo alguns documentos contidos no processo (fls 175,176,185 a 187, 190/19), os missionários da JOCUM estavam atuando na região do rio Purus/AM, na busca de contato com índios isolados. Através da CT Nº 001/PRES de 30 de dezembro de 1991(fl 176) o Presidente da FUNAI solicita a JOCUM a retirada de missionários da região do rio Purus/AM.

No mesmo volume, consta (fls 117) a última autorização (APL/89/0190/1337) de ingresso em terra indígena, do ano de 1989, concedida a missionários da JOCUM para atuarem na Terra Indígena Pindaré/MA. Após esta, não foram concedidas outras autorizações a esses missionários.

No Memo nº 287/CGEP/93 de 24/11/93 (Fls 203 a 205) a CGEP emite parecer contrário ao ingresso de missionários de JOCUM em terras indígenas.

O segundo volume trata quase exclusivamente da atuação da JOCUM junto aos Suruwahá, apresentando diversas denúncias de atividades irregulares(fl 213 a 223; 228 a 254), bem como pareceres antropológicos (fls 315 a 327; 360 a 362; 443 a 448) e jurídicos (fls 461a 465)contrários a atuação da referida missão.

Observamos, entretanto, que o processo em comento, atualmente, não se encontra com carga para a CGEP, e que os dados aqui relacionados foram pesquisados para a elaboração da informação nº 37/CEI/CGEP/05, para subsidiar trabalhos desta coordenação.

Bsb, 26/03/2008. Hilda Carla Barbosa Fajardo - Coordenadora de Etnologia e Indigenismo/CGEP

Doc.52

MEMOS/Nº/GT SURUWAHA/2008

A permanência da JOCUM nunca se deu “ininterruptamente durante 24 anos”, como afirmam no documento¹⁶, haja visto que os membros desta missão religiosa saíram da área em setembro de 2007 e só retornaram na área para uma permanência maior no início de abril de 2008.

REMOÇÕES

Ao longo dos anos, a JOCUM, ignorando a legislação vigente, realizou remoções de indígenas Suruwahá, sem ao menos comunicar à FUNAI.

Doc.51

Declaração

Marlúcio Falcão de Almeida - Técnico de Enfermagem do DSEI Médio Purus

Declaro para os fins que na área Suruwahá estavam dois Técnicos de enfermagem responsáveis pela área de saúde, e no dia 17.01.2008 foi retirada da aldeia Suruwahá um indígena por nome Bibi para a capital de Porto Velho e não sabemos por que, pois ele não estava com nenhum problema de saúde e foi retirado pela Missão JOCUM e não falou nada para os técnicos que estavam na área qual motivo da retirada desse indígena, os missionários são Darci e Marcos que fazem parte da JOCUM.

Doc. 1, Pg.16 a 22

ANEXO 2

-Janeiro 2001 – Resgate de **Hakani** (Doc.7 (Processo 002/2003), fls.60/61))

16 Ofício da JOCUM nº35/2008 de 19/05/2008, endereçado ao Procurador da República no Amazonas

- Agosto 2002 – Resgate de **Kuakuai** (Com FUNASA)
- Novembro 2002 – Resgate de recém-nascida **Harani** e do jovem **Kuzari**(Com FUNASA) Juizado deu guarda ao missionário Moisés, com encaminhamento para adoção.
- Dezembro 2002 – Solicitado por Rosa do CIMI, resgate da família de Ibini (Com FUNASA)
- Dezembro 2003 – Remoção (hidroavião da Jocum) de **Siubuka**
- Julho 2004 – Helicóptero tentou resgatar **Giani** (picado de cobra), que se negou. Depois saiu de barco da FUNAI.
- Abril 2005 – Retirada da Família do **Naru** com criança hermafrodita. Resultou na intervenção do Ministério Público. Sobre esta remoção ver também anexo 3 do chefe do NAL Lábrea Pedrinho, missionário do CIMI colocou a família de Muwalji no helicóptero das Forças Armadas **Iganani (filha de Muwaji)** apresentava problemas de desenvolvimento neuro-motor.

Doc.5, fls.29

(Processo 002/2003)

Ania e Ohozei, dois jovens Suruwaha, viajaram à base regional da missão JOCUM em Porto Velho, acompanhados por alguns dos missionários atuantes na área Suruwaha. A viagem foi realizada entre os últimos dias de fevereiro e os primeiros dias de março deste ano.

Doc.5, fls.50

(Processo 002/2003) Ver também fls 05/06

-Retirada da criança **Harani**.....

Doc.41

Relatório Consolidado da Situação dos Índios Suruwahá
(Laudo Antropológico),
Edmilson Medeiros de Souza – Antropólogo FUNAI,
Brasília-DF , junho de 2006

[...] e agora, recentemente, o caso dos índios suruwahá em tratamento de saúde em Brasília, desde o começo deste ano, trazidos por uma organização não governamental – JOCUM o Jovens Com Uma Missão, portanto a nós enviados pela Coordenação Geral da Defesa dos Direitos Indígenas – CGDDI/FUNAI, os seguintes documentos: Memorando nº 119/PRES/CGDDI/06, anexando Relatório de Visita s/nº e Informação Técnica 001/PRES/CGDDI/06

Despopulação

Doc. 1

ANEXO 2 pg. 13

Assim, apesar do número de indivíduos ser praticamente o mesmo da época do contato, o perfil populacional desproporcional, ou seja, a falta de adultos que tragam uma segurança para o grupo, constitui um fator de risco para a sobrevivência dos Suruwahá.

JOCUM: Preconceito e intolerância para com a cultura Suruwahá

Lendo os documentos da JOCUM percebe-se, nitidamente, uma visão preconceituosa e etnocêntrica de seus missionários, qualificando os como: incapazes, medrosos, inflexíveis, selvagens, insensatos, frágeis psicologicamente, etc. Além do que consideram características culturais enquanto “patologia social”. Tais colocações podem ser constatadas nos documentos emitidos pela JOCUM:

Doc.15

(Proc.08620-000022/2003)fls. 119

Caracteriza que estes missionários, detêm uma grande interferência no modo comportamental do povo Zuruwahá, e estas ingerências praticadas pela “JOCUM”, caracterizam em agregar valores preconceituosos, que enaltece a moral cristã, suas ações e atos missionários inconsequentes. Desta forma nos leva a caracterizar, de forma visível a agregação de novos valores, ex: “Mãe solteira, “algumas moças corajosas”, que não é de relevância aos grupos primitivos, que em sua organização social, qualquer nascimento sadio fisicamente, sempre será bem vindo ao grupo. Este relatório do referido Missionário, caracteriza uma tentativa de omitir-se de responsabilidades na desestruturação do processo social do povo Zuruwahá, ou da possibilidade de participação física de qualquer elemento não-índio, nas gestações da índia (Agamijiro).

O preconceito também é encontrado em diversos documentos oficiais da JOCUM. No documento seguinte percebe-se que os Missionários da JOCUM qualificam os Suruwahá como incapazes e condicionam a relação destes com outros povos com a dependência de um tradutor pertencente à sua equipe.

Doc.11

(Proc.08620-000022/2003) fls.82

.....Acreditamos que agora, após todos esses anos de preparo, é tempo dos suruwahá começarem a buscar desenvolver relações com outros povos. Isso deve ser feito sempre com cuidado, contando sempre com a assessoria de um membro da equipe que seja fluente na língua suruwahá.

A JOCUM não consegue aceitar a diferença cultural e aponta como “patologia” e ou “tortura” os mecanismos de controle social da cultura Suruwahá. A intolerância molda os missionários a introduzirem novos hábitos e novas concepções, alterando assim a cosmovisão amalgamada pela tradição e valores ancestrais Suruwahá.

Doc.1, ANEXO 2

Princípios que norteiam JOCUM na atuação na área de saúde

.....

-A compreensão do suicídio como patologia social.....pg. 04

-pag 37, Além disso havia a tortura emocional a qual ela era submetida....

No relatório da JOCUM, encaminhado em 2002 para à Administração Regional da FUNAI em Manaus, AM e em vários documentos que se seguem encontramos termos e colocações que revelam intolerância e desrespeito para com a cultura e os índios Suruwahá.

Doc.3.1

(Processo 002/2003)

Memo 113/GAB/AER/MAO

Este relatório, elaborado pela missão JOCUM, diz respeito ao nascimento de uma criança indesejada na tribo suruwaha e de como ela escapou de ser morta pelo seu avô. Missionários da JOCUM que trabalham com esse povo presenciaram o fato e conseguiram em conjunto com

membros respeitados da comunidade, salvar a vida da criança.

Doc.3.1

(Processo 002/2003), fls. 03, 04
Memo 113/GAB/AER/MAO

Durante a gravidez, Edson e Márcia Suzuki, missionários da JOCUM, estavam na área e conversavam muito com Wahary, pedindo que ele poupasse a criança, apesar de saberem ser esta a forma cultural de tratar com crianças nascidas de relações sexuais fora do casamento.

Wahary, entretanto, se mostrou o tempo todo inflexível e disse que mataria a criança para que não acontecesse novamente da filha ficar grávida sem se casar.

[...]

Quando a criança nasceu, em abril de 2001, o pai estava fora numa caçada. Algumas moças corajosas pegaram a criança e disseram que iriam cuidar...

[...]

A criança sobreviveu alguns dias, mas quando Wahary voltou da caçada ninguém pode fazer nada. Ele matou a criança com um dardo envenenado. A criança foi jogada em uma cova no meio do roçado próximo à casa.

[...]

Três adultos respeitados, Anta, Asia e Kumi, chegaram a falar pessoalmente Wahary a esse respeito. Pediram que ele entregasse a criança a Moisés...

[...]

Dessa vez Moisés e Lucília, missionários também da JOCUM, é que estavam na área. Novamente tentaram convencer Wahary a não matar o bebê. Mas ele se mostrava irredutível e disse que o faria desta vez com um facão e esquartejaria a criança assim que nascesse.

[...]

Doc17

(Proc.08620-000022/2003)fls.143

Outros índios também têm tido experiências com Jesus. Certa vez as mulheres e crianças estavam sozinhas na maloca, apavoradas com medo de onça, de espíritos e de índios selvagens

Doc17

(Proc.08620-000022/2003)fls.145

Numa outra ocasião a Huwi, uma mulher muito sensata, vendo minha preocupação com o suicídio, me ensinou o que eu deveria dizer às pessoas nos momentos de raiva:

Doc16

(Proc.08620-000022/2003)fls. 138

-Tem como característica cultural a prática e a veneração do suicídio....

Doc.17

(Proc.08620-000022/2003)fls. 140

A esperança de toda a nação estava ali, morrendo sufocada, babando aquela espuma branca, aquele maldito timbó.¹⁷

Doc.22

Of. nº35/2008 / De: JOCUM / Para: CGII / 19/maio/2008

É reconhecida a fragilidade psicológica do povo suruwahá, sua tendência cultural ao suicídio...

17 Sobre o envenenamento de Hamy.

Diante da postura da JOCUM, são inúmeros os pronunciamentos, seja da academia ou de instituições públicas ou privadas, contrários ao preconceito dos missionários da JOCUM para com os Suruwahá:

Doc.11-A

(Proc.08620-000022/2003) fls.86

OFICIO/MEC/GM/AI/Nº 198/99

Por outro lado, o próprio Estatuto do Índio (Lei 6.001, de 19.12.73, no seu Capítulo 11, Artigo 58, considera crime contra índios e a cultura indígena escarnecer de cerimônia, rito, uso, costume ou tradição cultural indígenas, vilipendiá-los ou perturbar, de qualquer modo a sua prática”, prevendo detenção de um a três meses de prisão para o infrator.

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 176,

Neste sentido, o etnocentrismo, o preconceito, a imposição de outros valores culturais, e sobretudo, o proselitismo religioso, não só, são extremamente prejudiciais como também exercem ação desintegradora no universo mítico e simbólico do grupo indígena objeto de nefasta ação, acima referida.

JOCUM e o álibi da SAÚDE

A JOCUM, por meio de uma 'proposta' de atenção a saúde passa a ter uma participação /interferência efetiva no cotidiano do povo Suruwahá. Co a presença da FUNASA muda o argumento e justifica sua presença no fato de dominar a língua suruwahá.

A partir da questão do infanticídio e a adoção de duas crianças por missionários, a JOCUM passou a utilizar esse tema como instrumento de divulgação e exposição da imagem dos Suruwahá de forma irresponsável e descontextualizada da cultura do povo .

Doc. 1, Pg. 02

Segundo o então Chefe do DSEI/Funasa/Médio Purus, SR. Daniel Passos Soares, a atuação da Jocum, ao retirar índios Suruwahá de sua aldeia para tratamento de saúde, estaria representando um incentivo para que os índios também viessem a querer sair de sua aldeia para conhecer o "mundo dos brancos".....

Doc. 1, Pg. 03

Contudo, a interferência da Jocum, em episódios referentes à vida dos índios Suruwahá, chega a representar potencial de risco à própria segurança dos índios. Durante as negociações entre Jocum, Funai, Funasa e Ministério Público Federal do Estado do Amazonas, relativas ao regresso dos índios Suruwahá que se encontravam em São Paulo, surgiu a polêmica sobre qual meio de transporte deveria conduzir os índios de volta à sua aldeia, se helicóptero ou barco. A princípio, o índio Naru mostrou-se irredutível ao defender a viagem de helicóptero, a mesma posição do Sr. Moisés Susiki da Jocum.

Ante a essa posição, o Chefe do Nal/Funai, Isac de Assis Albuquerque, tomou então a palavra, manifestando a sua preocupação quanto a viagem de helicóptero, pois como já ocorrido anteriormente, novos problemas à saúde dos Suruwahá poderiam ser causados. De acordo com o servidor da Funai, seria mais prudente que a viagem fosse de barco, uma vez que o tempo despendido seria em si, parte do processo de quarentena e de entrosamento entre os índios e a equipe de saúde. O missionário da Jocum acabou por concordar com os argumentos defendidos por Isac. Porém o índio Naru, ao notificar a mudança de posição do Sr. Moises, exibiu flexas em sua direção, manifestando contrariedade com a mudança de posição do missionário, afinal fôra o missionário da Jocum que convencera o próprio naru a defender a viagem de helicóptero. Nesse contexto e diante das dificuldades em proceder a atuação indigenista oficial relativamente aos Suruwahá, o Chefe do NAL/ Lábrea, redigiu informação, anexo 3, requerendo uma clara orientação por parte da Funai sobre os rumos a serem adotados.

Doc 1.

Anexo 2, Pag 7 / 8 / 9

-Surto de Malária em 1992 – sem morte / Surto de Gripe 1994 – sem morte / Surto de gripe e malária 1996 – com mortes / Surto de gripe 1997 – sem morte / Surto de Gripe 1999 – sem morte / 2000 surto de gripe – sem morte¹⁸

Doc. 1.

Anexo 7, pag 5

Hoje o povo Indígena Sorowahá e os demais povos da língua Arawa, estão a mercê de interesses estranhos. Uns mais, outros menos, esses povos se tornaram reféns de práticas proselitistas, como a JOCUM que utiliza de uma política de saúde indígena deficiente e despreparada, que permite ao missionário intervir através da biomedicina no universo simbólico dos povos

18 Jovens Suruwahá, levados por Frei Aparício, do CIMI, para visitarem os Deni, foram contaminados com gripe e trouxeram-no para a aldeia Suruwahá.

indígenas, contextualizando inclusive a retirada dos indígenas de suas terras para realização de procedimentos na cidade de Porto Velho.

Doc. 1

Anexo 16

Acho que sobre os índios isolados o que deveríamos fazer era não incomodar, não atrapalhar, não intervir nas culturas e tradições de cada povo, não deixar que essas missões que são como garimpeiros de diamante, só querem lucrar, ganhar dinheiro através dos índios, são pessoas que tem a facilidade de domínio e fazem a cabeça dos índios contra qualquer coisa seja ela qual for.

Doc.2, Pag 17

.....vieram os representantes da JOCUM. Na transcrição é um grupo de estrangeiros acompanhantes dos representantes da JOCUM, que levaram a primeira gripe²¹.

Além de levarem a gripe, os representantes da JOCUM também levaram para o território Suruwahá cadernos e gravadores, apresentando aos indígenas Sorowahá o que eles nos disseram ser “as músicas dos brancos”.

Doc.31

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 360

A Missão JOCUM que esta por toda área dos índios, de fala Arawá, possui 4 ou mais pista de pouso em várias terras indígenas tem utilizado o caso do suicídio como pretexto para a introdução do proselitismo cristão tentando mesclar a cultura Suruwahá com elementos cristãos para tentar dissuadi-los da prática do suicídio e do infanticídio. Embora esse gesto, aparentemente seja uma boa ação, é uma enorme interferência na cosmologia do grupo.

Doc.37

Histórias de vida missionária - 03/08/2006 - 17:48

A prática do suicídio cresceu nos últimos anos. É provável que este aumento tenha a ver com as constantes saídas dos índios para as cidades, promovidas por alguns missionários evangélicos com apoio da Funai e Funasa. Josefa Duarte Alves.Cimi - Lábrea

Doc.6, fls 09

(Processo 002/2003)

Na região que habitam os Zuruwa-há, a malária é endêmica, e casos de gripe e outras doenças devem ocorrer entre eles. Como o contato entre os índios e as missões (JOCUM/SUMMER, OPAN/CIMI) é intermitente, quem assiste aos índios quando adoecem?

Doc 1

Anexo I

FUNASA– Que o sistema de saúde assuma a responsabilidade de resolver um problema fundamental: A disseminação dos cuidados à saúde entre os Suruwahá requer que também seja implantado um projeto voltado à educação, com formação de quadros capazes de estabelecer a comunicação direta entre os índios e os agentes de saúde. Essa medida é imperativa para que os Suruwahá possam interagir as ações de saúde que lhes são dirigidas ao seu próprio sistema de referências e significações. O Distrito Sanitário Indígena do Médio Purus precisa capacitar-se a promover diálogos diretos com os índios, rompendo com o modelo atual em que se encontra dependente e vulnerável à interferência dos missionários que atuam junto aos Suruwahá

Doc.38

Local: Brasília - DF

Fonte: Radiobrás

Link: <http://www.radiobras.gov.br/>

Diretor da Funasa diz que pedirá saída do Cimi e da Jocum da terra indígena suruahá - 08/03/2006
Brasília – O diretor da Fundação Nacional da Saúde (Funasa) no Amazonas, Francisco Ayres, está em Brasília para pedir à Sexta Câmara Temática do Ministério Público Federal, que trata de assuntos relacionados a índios e minorias, a saída do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da entidade evangélica Jovens com Uma Missão (Jocum) da terra indígena Suruahá.

Doc.42

Considerações e Sugestões sobre os Suruwaha em Processo de Tratamento

Ao: Sr. Francisco Ayres

Coordenador Regional / MS FUNASA – AM

De: Daniel Passos Soares

MS / FUNASA

Chefe DSEI – Médio Purus

[...]

Considerando que a atuação da JOCUM tem dificultado e desempenho institucional da FUNAI e FUNASA, retirando os índios de sua terra sem prévia comunicação, acarretando ainda em consequências para os Suruwahá ainda não devidamente analisadas, mas que podem comprometer todo o processo de inserção desses índios à sociedade brasileira;

EVANGELIZAÇÃO, proselitismo como meta.

Apesar dos missionários da JOCUM afirmarem que não desenvolvem atividades de catequese, fatos evidenciam práticas proselitistas junto aos Suruwahá. Inúmeras são as técnicas usadas pelos missionários para iniciarem a “evangelização”, a mais comum é a metodologia do “exemplo de vida” onde o conhecimento da língua é a principal ferramenta. Vejamos como o missionário Rinaldo de Mattos explica com detalhes essa ferramenta.

Doc.46

http://www.mntb.org.br/artigos/traduzir_primeiro_para_depois_pregar.shtml
ou Extráido da Revista Confins da Terra Edição 128 pg 4

Pr. Rinaldo de Mattos

Traduzir primeiro para depois pregar

Pr. Rinaldo de Mattos

Tem-se geralmente a idéia de que um missionário aos índios, com a função de pregar, discipular e treinar líderes locais, visando o surgimento de uma igreja indígena, não precisa, necessariamente, de fazer um curso de lingüística ou de tradução da Bíblia, já que o mesmo não vai especificamente traduzir o Novo Testamento.

Na minha experiência, as coisas aconteceram de modo diferente. Não sou tradutor, e sim lingüista. (O Novo Testamento Xerente foi traduzido pelo colega Pr. Guenther Carlos Krieger e será entregue ao povo, se Deus quiser, ainda este ano). Fiz o curso da Wycliffe (aliás, o primeiro ministrado no Brasil, em 1958, em Peniel) e com o mesmo pude fazer vários trabalhos. Entre eles a elaboração do próprio alfabeto Xerente, em parceria com o colega acima. Na área da igreja, atuo mais como pregador, discipulador e preparador da liderança indígena. Faço também trabalhos na área da antropologia, mas isso aprendi lendo livros.

Mas a minha experiência simultânea como pregador e tradutor, aconteceu quando comecei a ensinar as histórias bíblicas em ordem cronológica para um número de aproximadamente 40 crianças (hoje são 80) na aldeia Salto. Mesmo conhecendo a língua Xerente a ponto de poder pregar nesse idioma, encontrei muita dificuldade ao tentar transmitir, de improviso, os significados de certas palavras e expressões contidas nos primeiros capítulos de Gênesis (por onde começamos). Como, por exemplo, as palavras primeiro, segundo, terceiro dia, etc. (já que o Xerente não tem números ordinais); como também jardim, árvore da vida, árvore do conhecimento do bem e do mal, altar, oferta, a marca que Deus colocou em Caim, o betume com o qual Noé calafetou a arca, Torre de Babel e tantos outros da mesma natureza. Descobri, na experiência, que, a menos que eu me propusesse a efetuar a tradução das histórias bíblicas que eu estava tentando ensinar, utilizando os mesmos critérios que meu colega usara para traduzir o Novo Testamento, com todas as suas revisões, etc. (e não havia outro para fazê-lo), nunca poderia transmitir aqueles conceitos e significados adequadamente para aquelas crianças, tampouco para os adultos. Feita a tradução, aí, sim, eu pude sentir segurança na hora de transmitir (pregar, ensinar, etc.) os significados contidos nos referidos textos.

Moral da história: tentar transmitir, quer seja através da pregação ou do ensino, conceitos e significados contidos em textos bíblicos que não foram ainda adequadamente traduzidos para um dado idioma é, no mínimo, temerário.

A Atuação missionária apresenta inúmeros exemplos de proselitismo e a articulação “internacional” tem ramificações na JOCUM. Vejamos a seguir com a organização MNTB, coirmã da JOCUM apresenta seus resultados frente a interferência junto a uma etnia:

DVD – Taliabo Duração: 35 min. Registro ANCINE: Referencia nº 02020012269720055

Resumo: Em uma pequena ilha da Indonésia um povo animista tateia à procura do rio da vida eterna, um segredo atribuído aos seus ancestrais: o povo Taliabo. Iludidos por promessas de shamãs ‘poderosos’ seguem rigorosamente os conselhos deles até se decepcionarem ao ver um por um dos charlatões morrerem sem encontrar o segredo da vida. Constroem uma balsa, enchem-na de oferendas e dois esqueletos e deixam o rio levá-la como mensagem aos ancestrais para tentar reaver o segredo perdido... Dois casais missionários vivem quatro anos com eles, aprendem sua língua e cultura e lhes trazem não o ‘rio’ da vida mas ‘as palavras’ de vida; o povo Taliabo começa um nova história de vida. Emocionante relato de mudança do sofrimento para a libertação da fé.

DVD - A Verdade que Liberta (sequência de Taliabo) **Duração:** 35 min. Registro ANCINE: Referencia nº 02020012270220052

Resumo: A mensagem de esperança e vida enche os corações dos Taliabo. Tudo é novo mas existem provas difíceis na sua caminhada cristã. Feiticeiros e hábitos pecaminosos do passado tentam obstruir os passos dos novos convertidos. Um ex-shamã outrora possuído por espíritos sofre terríveis assédios de seu antigo ‘guia’ espiritual mas, se fortalece em Cristo e aprende a superar as lutas espirituais manejando a espada do espírito: a palavra da verdade. Neste clima opressivo os missionários não partiram para o confronto de batalha espiritual com exorcismo mas simplesmente ensinaram a verdade que liberta. O poder do Evangelho, estampado no discipulado desses irmãos, edifica e anima.

Doc.29, fls 310

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

Matéria do Jonal “Página 20”

Rio Branco do Acre – AC

Edição de 23/08/2000, páginas 06 e 07

“Jovens com uma missão”

Entidade protestante norte-americana invade a Amazônia: Polícia Federal investiga denúncias de escravidão indígena.

Sob o argumento inicial de levar o Evangelho aos caboclos e índios das matas brasileiras, a entidade norte-americana denominada Jovens com uma Missão (JOCUM), no Brasil desde 1975, passou a desenvolver trabalhos nas áreas de Educação, Saúde, e Assistência Social. A mudança de estratégia dos pregadores é esclarecida pela direção nacional da JOCUM como “um método da própria entidade em todos os países onde está presente”. Enquanto isso a Polícia federal recebeu duas denúncias anônimas, dando conta de escravização de comunidades indígenas no Alto Juruá

Vejamos a seguir como a atual presidente da JOCUM, agia no seu início de trabalho junto às Suruwahá:

Doc.45

Site da JOCUM

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=189>

Sai mais um livro de aventuras missionárias

O CHAMADO RADICAL

Publicado por Bráulia Ribeiro - braulia@jocum.com.br

em 12/10/2003 12:39:52

O CHAMADO RADICAL -A Aventura de Descobrir que Deus é maior do que você pensa, da autora Bráulia Ribeiro. Clique aqui para ler um pouquinho...

[...]

Entreguei a água à Ibini, que derramou tudo imediatamente na panela. Aí ela me olhou sem um pingo de gratidão pelo meu sacrifício.

--Huhu, bami kena?

Eu não acreditei. Vai embora pegar mais água? É isto que ela me diz? Esta menina não sabe quem sou. Não estou aqui para ser escrava dela!! – Minha alma gritava em desespero.- Sou missionária!! M I S S I O N Á R I A !! Não sou uma idiota qualquer que não tem o que fazer!! Estou aqui para pregar a palavra!! E sei fazer mingau de banana muito melhor que ela! Mais limpo, com certeza!

Doc. 1, Pg. 02

Ao ocupar o vazio deixado pela falta de atuação do estado, a Jocum habilita-se como a agência mais bem preparada a conduzir e mediar o processo de contato e inserção dos Suruwahá na sociedade brasileira. Filiando-se em sua capacidade de dialogar com os índios em sua própria língua, vai alicerçando em suas mentes a legitimação para vir a gerir um projeto de educação integrado ao projeto ideológico de evangelização dos Suruwahá. (ver exemplo na pag 03)

Doc. 1, Pag 04

Para o antropólogo João dal Poz, a presença da jovem com uma Missão-Jocum entre os Suruwahá, não pode deixar de ser relacionada às demais missões que atuam na região do Médio Purus, como as Novas Tribos do Brasil. A atuação dessas missões estariam vinculada aos objetivos ideológicos do fundamentalismo evangélico norte-americano, em seus esforços em promover a evangelização e a conversão religiosa dos índios da família Arawá, Paumari, Suruwahá, Deni, Kukina (também conhecidos com Madihá/Madjá), Banawa, Yamamadi e Yarawara.

Doc. 1

Anexo 7, pag 5

Hoje o povo Indígena Sorowahá e os demais povos da língua Arawa, estão a mercê de interesses estranhos. Uns mais, outros menos, esses povos se tornaram reféns de práticas proselitistas, como a JOCUM.....

Doc.5, fls 24/25

(Processo 002/2003)

Em 1997 aparece com clareza uma mudança de estratégia na ação dos missionários de JOCUM, na perspectiva da indoutrinação sistemática e a cristianização dos suruwaha. Começa a pregação de Jexewa. Ao protagonismo do casal linguista Suzuki & Márcia sucede o protagonismo dos casais especificamente missionários Moisés & Lucila e Belo & Jane, que começam a intensificar sua presença em área. Os missionários apresentam a figura de Jexewa (adaptação fonética de 'Jeová') nas conversas cotidianas. O perfil de Jexewa combina elementos da tradição mitológica Suruwaha com traços do Deus bíblico cristão. Misturam-se histórias antigas do povo com relatos adaptados a partir do antigo testamento, na linha de uma complicada interseção de doutrinas. Destaca a apresentação trinitária deste personagem maravilhoso: Jexewa e seu filho Zamunahawa (adaptação da figura de Jesus) são dois grandes pajés ou iniwa hixa, e seu Espírito está em sintonia com os Karuji, espírito que habitam o mundo.

Doc.5, fls. 22

(Processo 002/2003),

(ver também Doc.2, Pag 19 e Doc.10

(Proc.08620-000022/2003) fls.76

A preservação da autonomia religiosa e cultural do povo Suruwaha confronta-se agora com uma proposta missionária de tipo fundamentalista. Conscientes da importância do universo mitológico e simbólico para a sobrevivência dos Suruwaha, visando a garantia da sua identidade histórica, protestamos energeticamente contra a interferência catequizadora realizada pelos missionários de JOCUM.

A Ação dos missionários de JOCUM na área indígena Suruwaha vem tomando acentos mais preocupantes desde 1997, isto se manifesta de modo mais grave nos recentes acontecimentos,

com a remoção de dois indígenas para a base linguística de JOCUM em Porto Velho, RO. Após a fase de pesquisa linguística realizada pelo casal Suzuki & Márcia, os missionários estão empreendendo de modo aberto uma nova fase de indoutrinação religiosa de tipo fundamentalista. Eles criaram em primeiro lugar, em 1997, a figura bíblico-mitológico de Jexewa, uma espécie de grande pajé divino, que tenta perpassar nas pregações dos missionários os relatos míticos tradicionais. Cabe indicar que em área a ação atual dos missionários aparece como prioritária respeito à dos linguístas. Trata-se sem dúvida de um novo momento na estratégia da JOCUM.

Doc.5, fls 23

(Processo 002/2003)

-A presença dos missionários de JOCUM na área Suruwahá iniciou em 1985. No período 1985-1997 o interesse principal dos missionários (Suzuki nos primeiros anos, posteriormente junto com sua esposa Márcia Suzuki) era a pesquisa linguística. Para isso realizaram curtas visitas às malocas, dedicando-se intensamente ao registro oral e escrito da língua Suruwaha. Normalmente convidam a um grupo de indígenas, preferencialmente jovens, para passar alguns dias nas casas dos missionários. Lá encontram condições mais adequadas para realizar o levantamento linguístico. Aproveita-se também para o ensino de cantos evangélicos, aleluias, e outros mecanismos de pregação.

Doc.5, fls. 29

(Processo 002/2003)

Ania e Ohozei, dois jovens Suruwaha, viajaram à base regional da missão JOCUM em Porto Velho, acompanhados por alguns dos missionários atuantes na área Suruwaha. A viagem foi realizada entre os últimos dias de fevereiro e os primeiros dias de março deste ano. Permaneceram em Porto Velho por espaço de cinco dias, aproximadamente. Dois eram os objetivos principais da viagem: 1) Iniciar um programa missionário mais direto e eficaz, familiarizando os Suruwaha com a missão e quebrando o universo simbólico geográfico tradicional. Certamente esta viagem inaugural abrirá um processo de viagens habituais e permanentes à base de Porto Velho, no qual irão participando progressivamente mais e mais indivíduos do povo. 2) Implantar o processo de alfabetização no seio das malocas, destinado à imediata evangelização e ao conhecimento da Bíblia entre a população Suruwaha.

De fato, quando os Suruwaha chegaram a Porto Velho, os linguístas da equipe missionária já tinham preparado a edição experimental de uma primeira cartilha de alfabetização na língua Suruwaha (“Suruwaha ati nydyrygabia haba”). A cartilha é produção da JOCUM & Universidade das Nações, e foi elaborada por Márcia Suzuki. Faltava apenas envolver alguns Suruwaha como atores deste material, para simular uma participação deles numa atividade “conjunta”. Em porto velho, os missionários convidaram os dois Suruwaha, Ohozei e Ania (= Tiawakunia), a realizar desenhos. Através de um scanner, copiaram os desenhos dos Suruwaha e os colocaram na cartilha de alfabetização. No retorno à área, a equipe missionária e os suruwaha já traziam as cartilhas, que seriam distribuídas entre a população numa fase de pré-alfabetização.

Vejam os documentos da própria JOCUM que apresenta dados que comprovam o exercício do proselitismo religioso

Doc.11 fls.82

(Proc.08620-000022/2003)

Ainda como estratégia de combate ao suicídio, compartilhamos de maneira informal, princípios do cristianismo que se opõem ao suicídio e valorizam a vida. Esse compartilhar é feito de maneira totalmente informal – não existem cultos nem pregações religiosas, nem sessões de exorcismo, como foi insinuado no documento do CIMI. As músicas religiosas que alguns deles sabem cantar não são evidências nenhuma de catequização. Os suruwahá pedem sempre aos de for a que

cantem canções, às quais eles ouvem e aprendem com facilidade, mesmo que não compreendam as palavras. Quando membros da nossa equipe cantam *hinos religiosos*, alguns rapazes aprendem e imitam com perfeição. Quando os membros do CIMI cantam *forró*, ou cantigas de roda, eles fazem o mesmo. Cantam apenas porque gostam da melodia ou do som das palavras.

Doc.16, fls. 138

(Proc.08620-000022/2003)

Sonhando e desejando o Reino de Deus, reconhecemos a atuação de Deus na história do povo suruwahá, desde os tempos ancestrais. Essa atuação gerou uma religião e uma teologia que apontam para Jesus como única esperança de vida abundante e redenção eterna.

Doc17, fls.142/143/144/145

(Proc.08620-000022/2003)

Márcia Suzuki / Fontes de Informação /
JOCUM – Ministério Transcultural /
tribos@enter-net.com.br / janeiro de
2000

O que aconteceu depois foram dias nos quais o Senhor começou a descortinar diante de nossos olhos verdades maravilhosas. De repente, parecia que as informações que tínhamos acumulado durante todos os nossos anos de convivência com os suruwahá começaram a fazer sentido. As peças que faltavam no quebra-cabeça começaram a se juntar. Finalmente entendemos o que estávamos fazendo ali, e nossos olhos foram abertos para entender a maneira maravilhosa como Deus preparou esse povo para receber o amor de Jesus.

.....

Os Nomes de Jesus.

Por mais de dez anos de convivência a equipe tem procurado compartilharmos Jesus (Jaxuwá) através principalmente da vida. Temos tomado muito cuidado para não cedermos à tendência de ficar falando muito em Jesus antes de sabermos realmente de que maneira o próprio Jesus queria ser revelado aos suruwahá. Mesmo assim era impossível ocultar nosso relacionamento pessoal com Jesus e o que Ele representava em nossas vidas. Eles nos viam saindo para a mata para orar, nos ouviam orando pelos doentes em nome de Jesus e muitas vezes viram essas orações respondidas. Nunca soubemos como situar Jaxuwá teologicamente de maneira que fizesse sentido para eles – apenas dizíamos que ele era bom e os incentivávamos a buscar, eles mesmos, desenvolver um relacionamento com Jesus. Fizemos isso durante anos, à medida que orávamos pedindo ao Senhor que se revelasse a eles.

Há alguns anos os suruwahá começaram a ter ‘encontros’ pessoais com Jaxuwá. Um dos pajés, o Axá, teve uma visão de Jaxuwá enquanto ele corria na mata à procura da raiz do timbó para se matar. Jesus lhe apareceu de tanga, pintado de urucum e lhe pedindo que não cometesse suicídio. Axá se apaixonou pela voz boa de Jesus, por seus olhos bonitos e desistiu de tomar timbó. Jesus causou um impacto tão grande em sua vida que a mudança foi visível. Ele se tornou mais calmo e mais preocupado com as pessoas, mesmo com os não parentes. Além disso, ele sempre fala muito em Jesus, tem muita sede dele e crê no seu poder para curar doentes e realizar os desejos das pessoas. Costuma sair às tardes para conversar com ele e nos procura constantemente para conversar sobre Jesus.

Outros índios também têm tido experiências com Jesus. Certa vez as mulheres e crianças estavam sozinhas na maloca, apavoradas com medo de onça, de espíritos e de índios selvagens. Os homens tinham saído para uma expedição de caça e deveriam passar cerca de dez dias na mata.

O medo que elas sentiam eram tão grande, o senso de desproteção tão apavorante, que elas passavam as noites cantando e dançando no meio da maloca. Não era um canto de alegria, mas de medo. No meio de uma daquelas noite as mulheres ouviram o grito de Jesus. Era um grito agudo mas forte, que vinha do céu. Muitas mulheres ouviram. Aquele grito familiar, parecido com o que o pai usa para avisar a uma criança na mata que ele está por perto. Aquele grito confortador significa: ‘Eu estou próximo, não tenham medo, vocês estão seguras, De onde eu estou dá para ver vocês.’ Era Jesus, comunicando Sua presença de uma maneira clara e significativa, que elas podiam entender muito bem.

Em outras duas ocasiões os índios ouviram Jesus descendo do céu e cantando sua linda canção para os suruwahá. Um líder da tribo disse que se a pessoa sai andando sozinha pela mata e cantando Jesus desce do céu e vai caminhando lado a lado com a pessoa e cantando com ela. Que o canto dele é muito bonito. Alguns oram pedindo ajuda a Jesus quando estão em perigo ou doentes. Uma mulher estava desesperada, com medo que sua filha recém-nascida morresse, pois ela não conseguia mamar nem evacuar por dias. Depois que uma colega nossa de equipe orou, a menina melhorou. A mãe nos contou sua versão do que tinha acontecido. Disse que Jesus veio e conversou baixinho com a menina, bem próximo dos ouvidos dela. Disse que essa terra era boa, que ela devia se animar e começar a se alimentar. Que ela não deveria querer sair daqui. A bebezinha ouviu a voz de Jesus e começou a mamar. Depois disso cresceu e está se tornando uma linda menina.

Há também aqueles que oram a Jesus pedindo boas caçadas. Um rapaz novo fez isso e matou, num só dia, as duas primeiras antas de sua vida.

Alguns índios têm tido revelações até mais profundas sobre a Pessoa de Jesus. Revelações que usam termos que nós nunca introduzimos, e coisas sobre as quais nunca falamos. Um exemplo é o de Aniumariu, um senhor que nos procurou dizendo que Jesus tem muitos nomes. Que ninguém tinha lhe ensinado, mas que ele sabia em seu coração serem nomes de Jesus. Pedimos que ele nos dissesse então quais eram esses nomes e ele nos deu quatro:

Jaxuwá ari-ra Hanadawa

“Jesus é Aquele que Nos Chama.”, ou que grita por nós

Jaxuwá ari-ra Agadawa

“Jesus é Aquele que Nos Pega, que nos toma para si.”

Jaxuwá ari-ra Mitadawa

Jesus é Aquele que Nos adquire, que Nos Consegue, que nos Resgata.”

Ele insistiu em dizer que Jesus tem muito prazer, prazer em nos adquirir.

Jaxuwá ari-ra Agijawadawa

“Aquele que nos solta e nos conduz.”

Esse verbo é usado para alguém que solta um animal que estava amarrado e o conduz a um novo lugar. Ele disse que Jesus solta nossa alma e a conduz pelo jabuwi, o primeiro céu, no caminho que ela tem que trilhar depois da morte.

Numa outra ocasião a Huwi, uma mulher muito sensata, vendo minha preocupação com o suicídio, me ensinou o que eu deveria dizer às pessoas nos momentos de raiva:

“O seu espírito vai ser perseguido pelos cães do espírito do timbó. Você vai ficar exausto, nunca vai ter descanso. Perto de Jesus, entretanto, não haverá cansaço, pois Jesus é bom. Faça bem ao seu

próprio espírito, não tome timbó, pois o espírito do timbó é terrível. Ele tem cães, é horrível! Não tome timbó.”

Numa época de surto de gripe, quando todo o povo estava aprovado, Aniumariu nos ensinou o que dizer para acalmar as pessoas:

*“Apesar das pessoas estarem todas com tosse,
Essa gripe vai passar sozinha.
Apesar dos olhos estarem ruins,
De ter chiado no peito,
E pigarro na garganta,
A gripe vai passar.
As pessoas vão cuspir muito
E a gripe vai embora.*

*Cantem o canto de Jesus
Para a gripe ir embora!
Gritem para Jesus
E a gripe vai correr!
Com o grito que Jesus dá,
Ele vem gritando e amedrontando a gripe!
A gripe tem medo de Jesus.”*

Entretanto nem todos conseguem ainda ter esse contato com Jesus ou ouvir seu canto. Alguns dizem que já se concentraram muito, mas não conseguiram ‘ver’ Jesus ainda.

Marcia Suzuki / Fontes de Informação / JOCUM – Ministério Transcultural / tribos@enter-net.com.br / janeiro de 2000

Doc.21, fls: 37

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Assunto: Ingresso em Área Indígena.

Exposição de motivos, de acordo com as exigências legais.

5) RELIGIÃO:

- a) Não temos a intenção de impor uma nova religião, mas, sim, usar o aspecto da cultura que fale de um Deus pessoal e cheio de amor que eles já conhecem, reforçando este aspecto da cultura dos próprios índios.
- b) Não tencionamos construir templos que retratem a nossa maneira de cultuar a um Deus, mas seguir os padrões culturais e transmissão e troca de conhecimento

Doc.29

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 322

A JOCUM é uma missão evangélica fundada em 1960 nos Estados Unidos, com objetivos declaradamente científicos, mas claramente mesclados ao proselitismo religioso (*aqui tem uma nota de rodapé nº7*). No Brasil, presente desde de 1975, conta mais ou menos com 600 obreiros, distribuídos em quase todo o território nacional. Para se tornar missionário aptos a trabalhar em campo (as chamadas Missões Transculturais) a JOCUM oferece dois cursos obrigatórios: a Escola de Treinamento e Discipulado (EteD), durante 5 meses, seguida do curso de Introdução à Etnolinguística e Estudos Culturais – IEEC, cujo programa constitui-se de disciplinas tais como fonética articulatória, antropologia, aprendizagem de línguas, filosofia de missões, planejamento estratégico para um projeto missionário, etnoeducação e missiologia – cuja ementa é “.... a partir de estudos antropológicos descobrir uma maneira correta de comunicar culturalmente o evangelho de Jesus”

Nota de rodapé "7": Como atesta a Declaração Oficial da missão, veiculada na internet no site que pode ser acessado pelo endereço <http://www.jocum.com.br>, onde se lê: "Jovens Com Uma Missão é um movimento internacional de cristãos de várias denominações evangélicas, dedicada a apresentar Jesus Cristo pessoalmente a esta geração (...) Como cidadãos do Reino de Deus, somos chamados para amar, doar e obedecer nosso Senhor,; amar e servir Seu Corpo (a igreja) e apresentar o evangelho inteiro ao homem, no mundo inteiro (...) Cremos (...) que o poder do Espírito Santo é demonstrado em/atraves de nós para a realização do último mandamento de Cristo: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura". Ainda, trechos de cadernos de campo de missionários da JOCUM (inteiramente transcritos no relatório de identificação da T.I. Hi-Merimã, elaborado pela antropóloga Luciene Phol), apreendidos pela Frente de Proteção do Médio Purus quando missionários tentavam contatar os índios isolados Hi-Merimã, atestam os objetivos proselitistas da missão com relação à sua atuação junto a populações indígenas.

Doc.31

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 360

A Missão JOCUM que esta por toda área dos índios, de fala Arawá, possui 4 ou mais pista de pouso em várias terras indígenas tem utilizado o caso do suicídio como pretexto para a introdução do proselitismo cristão tentando mesclar a cultura Suruahã com elementos cristãos para tentar dissuadi-los da prática do suicídio e do infanticídio. Embora esse gesto, aparentemente seja uma boa ação, é uma enorme interferência na cosmologia do grupo.

Doc.48

Página 12

<http://volneyf.blogspot.com/2005/12/apesar-de-no-ter-recebido-essa-carta.html>

CARTA ABERTA ÀS MISSÕES

Durante muitos anos fomos coniventes com essa prática, justificando nossa omissão como "respeito cultural". Além disso, achávamos imprudente tomar qualquer atitude que ameaçasse a continuidade de nossa presença entre eles. Não queríamos ter problemas com as autoridades e assim perder a oportunidade de "comunicar o Evangelho".

O resultado do proselitismo das missões é a conversão de índios em "pastores" evangélicos com a criação do Conselho de Pastores Evangélicos Indígenas – CONPLEI, que atua em conjunto com a JOCUM e suas parceiras de confissão. No site oficial do CONPLEI (<http://www.conplei.org>) encontramos as seguintes afirmações:

Nos últimos 10 anos uma série de medidas vem restringindo cada vez mais as atividades do setor evangélico no Brasil. Além disso, a articulação de intelectuais e estudiosos, com a repercussão na mídia, tem fomentado um sentimento hostil às organizações missionárias. Obviamente, é hora da igreja erguer a voz e agir positivamente para que o evangelho não seja impedido de penetrar as trevas de lugares sem o conhecimento de Cristo.

O Conselho Nacional de Pastores e Líderes Indígenas, o CONPLEI, então nasceu do sonho de pastores e líderes evangélicos indígenas que ardiam com a visão e paixão de ver Deus glorificado entre as tribos do Brasil. No dia 22 de Março de 1991, na sede da Sociedade Bíblica em Brasília, aconteceu a primeira reunião do CONPLEI, sendo eleitos dois coordenadores gerais, Carlos Justino Terena e Idjarruri Karajé.

O CONPLEI deseja ser um forte braço de apoio para as missões sem idéia de substituí-las. É através das atividades assistenciais e culturais que as portas estão abrindo. Muitas missões têm alcançado bons resultados para o reino de Deus com alfabetização bilíngüe, utilizando o português e a língua indígena. Este trabalho preserva a base principal da cultura que é a língua, e prepara o indígena para o contato com a sociedade envolvente.

A grande comissão de Jesus foi dada a TODOS seus seguidores. Isto significa que os próprios índios têm a mesma responsabilidade de evangelizar os perdidos que qualquer outro cristão. Se Deus permitiu que as tribos fossem barradas para "estranhos" com certeza é porque chegou a hora dos próprios indígenas aceitar o desafio de missões.

Um missionário indígena pode realizar um ministério junto ao seu próprio povo sem impedimentos legais e com acesso livre em qualquer grupo tribal. O missionário indígena tem vantagem de se identificar com seus patrícios e se adaptar com maior facilidade aos seus mais variados

ambientes culturais. As cosmovisões indígenas têm elos fortes entre as tribos, e o índio logo percebe e entende a sua significância.

O desafio das selvas é enorme. Das 245 tribos conhecidas no Brasil, 103 não tem presença missionária evangélica. Somente 34 possuem o Novo Testamento na sua língua. 103 grupos constituem povos não alcançados. Apesar de existir muitos missionários evangélicos atuando na obra indígena de alguma forma, apenas 8 tribos possuem liderança própria. Muitos índios têm sofrido por professar sua fé diante de oposição e já morreram pelas mãos dos próprios patrícios que se opuseram a mensagem do evangelho de Jesus Cristo.

O CONPLEI almeja que a visão de alcançar todas as tribos do Brasil com o evangelho transformador possa tornar-se sua também. O clamor daqueles que ainda se encontram presos pelo medo dos espíritos, e longe de um relacionamento com seu Criador não pode ser ignorado. A maior necessidade de todo o povo não é de influência política, mas do conhecimento de Jesus. A significância, a relevância, e a dignidade de todo o ser humano vêm por meio de um relacionamento com seu Criador.

Uma rede nacional e internacional vem se formando com a perspectiva da consolidação da “liberdade” do proselitismo junto às populações indígenas. Na rede mundial de internet encontramos os seguintes sites relacionados ao tema: <http://www.vozpelavida.blogspot.com/> , <http://www.amazonas.de/homepage.html> , www.nationmaster.com/ , <http://www.indigena-fotos.de/> , <http://www.direitos.org.br/> , <http://www.vietnamnet.vn/> , <http://www.kulli.info/regenwald/zuruaha.htm> , <http://www.conplei.org/> , <http://www.jocum.com.br/> , <http://www.kulli.info/frameset.htm> , <http://www.kulli.info/projekt.htm> , <http://www.conplei.org/> , <http://www.geo.de/> , <http://www.amazonas.de/> , <http://www.geo.de/> , [http://www.vozpelavida.blogspot.com/\(ATINI\)](http://www.vozpelavida.blogspot.com/(ATINI)) , <http://www.kulli.info/> , <http://www.kulli.info/regenwald/zuruaha.htm>

INTERFERÊNCIA NA CULTURA

A análise documental e os depoimentos dos missionários apontam para uma interferência pragmática e criminoso junto aos Suruwahá. Os dados oferecidos pela própria JOCUM e instituições correlatas”, “amigas de confissão, demonstram, de forma cabal, que os missionários são “doutrinados” para, forjados com roupas de educadores, agentes de saúde e pesquisadores, impõem o pensamento cristão. Trocam favores por conversões. Impedem que os Suruwahá exerçam seus direitos de determinarem e darem continuidade a sua cultura milenar. Preterem-nos de transformações autônomas e desrespeitam a diversidade ao imporem as idéias cristã e ocidental.

A JOCUM não consegue compreender a igualdade a partir da diversidade e querem impor a moral cristã como o único caminho a ser trilhado pelos povos.

Nenhuma cultura é estática, nem mesmo algum indivíduo o é, no entanto deve-se garantir o livre arbítrio e todos os meios de informação necessária para uma tomada de decisão.

O campo jurídico, apoiado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO, Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes, Convenção de Paris sobre Proteção do Patrimônio Intangível, Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio e a Convenção sobre a Diversidade Biológica, todas reconhecida internacionalmente, protegem a liberdade de cada cultura escolher, autonomamente seu caminho.

Doc.11-A

(Proc.08620-000022/2003) fls.86
OFICIO/MEC/GM/AI/Nº 198/99

Por outro lado, o próprio Estatuto do Índio (Lei 6.001, de 19.12.73, no seu Capítulo 11, Artigo 58, considera crime contra índios e a cultura indígena escarnecer de cerimônia, rito, uso, costume ou tradição cultural indígenas, vilipendia-los ou perturbar, de qualquer modo a sua prática”, prevendo detenção de um a três meses de prisão para o infrator.

Doc. 1

Anexo 7

(Também na pasta verde PRDC/AM, Fls. 235 -
Comentários e Recomendações do Analista
Pericial em Antropologia do MPF, lotado na
PRDC/AM. - Marcos Farias de Almeida

De fato, o processo de interferência tem sido realizado na terra indígena Sorowahá e como é possível comprovar no discurso dos próprios missionários, através do domínio bastante razoável da língua Sorowahá, os missionários acessam o universo simbólico dos indígenas (a compreensão sobre o suicídio e sobre o infanticídio), disputando valores (as idéias cristã e ocidental de que a vida é boa e os Sorowahá devem deixar de se suicidar, para que o Povo cresça), participando do cotidiano destes povos (chorando com eles e interferindo nos momentos em que se realiza a prática de suicídio), estabelecendo relações de confiança, criando novas gramáticas e concessos sociais (o processo de leitura e de escrita, criando novas figuras míticas que expressem valores cristãos interpretados descritos através da língua indígena e através da assimilação), constroem sua obra.

Doc.1

Pag 5, Anexo 8

A Funasa – Fundação Nacional de Saúde pediu nesta terça-feira (7) de março ao Ministério Público Federal a retirada de missionários do Cimi – Conselho Indigenista Missionário, ligado à Igreja Católica, e da Jocum – Jovens com Uma Missão, entidade evangélica internacional, das terras indígenas da etnia Suruwahá no Amazonas.

Segundo o diretor da fundação no Amazonas, Francisco Ayres, as missões interferem na cultura dos indígenas, desrespeitando a Constituição Federal.

Doc 2, Pag. 1

RECOMENDAÇÃO PRDC-AM Nº003/2003

CONSIDERANDO o Relatório acerca das observações desenvolvidas junto ao Grupo de Trabalho da FUNAI na terra Indígena Suruwahá e demais povos Arawa acostados aos autos da referida Representação às fls. 206/348, elaborado pelo Analista Pericial em Antropologia do MPF, Sr. Marcos Farias de Almeida, o qual conclui que o processo de interferência realizado pelos missionários tem causado danos à cultura daquele povo indígena, o que torna necessária a desintrusão da referida área (em anexo);

Doc.45

Site da JOCUM

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=189>

Sai mais um livro de aventuras missionárias

O CHAMADO RADICAL

Publicado por Bráulia Ribeiro - braulia@jocum.com.br

em 12/10/2003 12:39:52

O CHAMADO RADICAL -A Aventura de Descobrir que Deus é maior do que você pensa, da autora Bráulia Ribeiro. Clique aqui para ler um pouquinho...

[...]

Entreguei a água à Ibini, que derramou tudo imediatamente na panela. Aí ela me olhou sem um pingo de gratidão pelo meu sacrifício.

--Huhu, bami kena?

Eu não acreditei. Vai embora pegar mais água? É isto que ela me diz? Esta menina não sabe quem sou. Não estou aqui para ser escrava dela!! – Minha alma gritava em desespero.- Sou missionária!! M I S S I O N Á R I A !! Não sou uma idiota qualquer que não tem o que fazer!! Estou aqui para pregar a palavra!! E sei fazer mingau de banana muito melhor que ela! Mais limpo, com certeza!

Doc.3.1

(Processo 002/2003), fls. 03

Memo 113/GAB/AER/MAO

Durante a gravidez, Edson e Márcia Suzuki, missionários da JOCUM, estavam na área e conversavam muito com Wahary, pedindo que ele poupasse a criança, apesar de saberem ser esta a forma cultural de tratar com crianças nascidas de relações sexuais fora do casamento.

Doc.2, Pag 17

Anexo: Relatório acerca das observações desenvolvidas junto ao Grupo de Trabalho da FUNAI na Terra Indígena Suruwahá e demais Povos Arawa, constante na Recomendação da PRDC-AM Nº 003/2003

Além de levarem a gripe, os representantes da JOCUM também levaram para o território Suruwaha cadernos e gravadores, apresentando aos indígenas Sorowaha o que eles nos disseram ser “as músicas dos brancos”. Além da “música dos brancos” os representantes da JOCUM organizaram outros eventos intervencionistas no universo cultural Sorowaha. Promoveram os integrantes da JOCUM a entrada de várias pessoas naquele Território. Numa das excursões promovidas pelos representantes da JOCUM, estiveram entre os Sorowaha um grupo de pessoas identificadas pelos representantes da JOCUM como sendo indígenas Maori e que os Sorowaha assim os classificaram (ver tradução no Doc.2, pag17).

Na representação PR/AM N.º 1.13.000.0000.77/2000-46, que trata desse assunto, os representantes do CIMI denunciam que o motivo dos missionários da JOCUM terem levado os indígenas Maori até a Terra Indígena Sorowahá foi para atacar a prática do suicídio, através do discurso tradicional Maori, passado pelo crivo da moral cristã encontrada nas práticas realizadas pela JOCUM.

“Pelos relatos dos Suruwaha e por declaração da própria missionária Márcia Suzuki (que na conversa mantida conosco insistiu em mostrar-se alheia aos acontecimentos e ‘não muito informada), os neozelandeses foram apresentados como pajés que atacariam o poder do Kunaha Karuji (espírito do timbó). A solene celebração ritual que encenaram na maloca apresentava mais uma vez a simbiose de elementos específicos da tradição suruwaha com traços próprios dos rituais evangélicos de exorcismo. Representaram o Pai Jexewa ressuscitando seu Filho Zamunahawa morto, e ambos destruindo o espírito do timbó. Os cantos do ritual procuravam imitar a forma dos Kurimie suruwaha, músicas próprias da pajelança. Várias semanas depois ainda escutávamos a Ody, jovem suruwaha, lembrando as melodias dos maori: ‘Kunaha / aleluia.’”

.....

De fato existem vários instrumentos que são utilizados pelos missionários com o objetivo de introduzir no universo cultural elementos dos valores Judaico e cristão. Entretanto, o processo de intervenção é bastante diversificado e articula várias ações instrumentais de significados tão complexos quanto aqueles objeto de intervenção das mesmas.

Uma dessas ações foi a promoção da retirada dos primeiros Suruwaha, diferente do projeto do CIMI, que pretendia estabelecer uma vizinhança entre os “parentes indígenas” Deni e Sorowaha, através dos caminhos tradicionais conhecidos pelos Sorowaha e pelos Deni, utilizando inclusive o barco transporte conhecido por eles. Os representantes da JOCUM pretenderam realizar o contato dos Suruwaha com os não indígenas elegendo inclusive um campo espaço/temporal extremamente diferente daquele conhecidos pelos Suruwaha.

.....

As consequências da viagem realizada pelos dois Sorowaha até a cidade de Porto Velho/RO¹⁹ ainda não podem ser definidas (sic.). Entretanto, já podemos observar, no discurso acima (ver doc 2 pag 21), a presença da diferença existente entre aquilo que se sentiu em Porto Velho e a dificuldade de se realizar, naquela cidade, coisas que são fundamentais para os Sorowaha, como é o caso do rapé. De fato, há na expressão dos indígenas a explicitação da incompatibilidade entre a realização das práticas Sorowaha e o cotidiano da cidade de Porto Velho. Destaca-se ainda o motivo que levou os dois Sorowaha até Porto Velho e a interpretação dos procedimentos lá utilizados.

.....

Os argumentos em favor da intermediação da biomedicina surge como forma de solução, ou seja, a medicina realizada na cidade de Porto Velho interveio na realidade Sorowaha impedindo que o indígena Ohozyi cometesse o suicídio, coisa já havia sido tentada outras vezes em função da dor que ele sentia. Como vimos acima, o suicídio é uma possibilidade que esta relacionada ao universo tradicional Sorowaha, ao contrário da biomedicina utilizada como mercadoria a serviço da sedução pelos missionários da JOCUM.

19 Levados pela JOCUM

-As pessoas que vêm aqui falam para os Sorowaha não comerem timbó.

-Quem?

-As pessoas da JOCUM

-Não comam timbó! Os Suruwaha comem timbó por isso são poucos. Depois (se não comem timbó) transam e nascerão filhos e os Sorowaha serão muitos e (terão), lá adiante outras casas. Depois lá adiante outra casa, lá outra casa, outra casa e outra casa. As pessoas do Jocum falam para os Sorowaha que ficam com raiva, eu não entendo os Sorowaha”

Na verdade, os missionários da JOCUM, vêm a prática do suicídio como um erro, neste sentido não que eles não entendam os Sorowaha, a verdade é que eles não aceitam aquilo que fazem os Sorowaha.

Doc.2, pag 24/25

Através do domínio da língua, os representantes da JOCUM podem entrar no universo do povo indígena e estando nesse universo eles podem conhecer, como nos disse Moisés, o pensamento dos indígenas. Mais o objetivo não é apenas o pensamento do Povo, o interesse dos representantes da JOCUM é bem maior, eles pretendem outras coisas:

“tem mais objetivo né um objetivo que é claro pra nós e vocês conhecem né é a vida do povo né, o Povo aqui é suicida né e eu acho que sobre todas as coisas o principal é a vida o importante agora é o que agente pode fazer com relação a isso né, então eu acho que agente conversa com o Povo né, agente fala que é importante ele viver né, que ele foi criado não só para ter um acesso a raiva e tomar veneno e pronto né? Então eu acho que a vida é importante pro povo.”

Neste momento, Moisés se sente seguro para explicar um dos objetivos do trabalho missionário, que eles desenvolvem junto aos Sorowaha. De fato, ao apresentar o argumento de que a vida é importante, Moisés está baseando-se numa série de referências que não são aqueles realizados no universo cultural Sorowaha. Ao afirmar a importância da vida, o representante da JOCUM coloca frente a frente universos valorativos diferentes. De um lado e aos olhos dos missionários da JOCUM está a realidade cultural Sorowaha, que interpreta o suicídio como uma possibilidade de continuação da existência Sorowaha, do outro lado e servindo de instrumento interpretativo e legitimador das ações missionárias todos os valores cristãos determinados por uma lógica protestante estranha ao mundo a ser interpretado.

Os missionários da JOCUM buscam intervir na realidade cultural Sorowaha para, entre outras coisas, atacar uma realidade que cotidianamente é explicada pela organização do próprio Povo Indígena²⁰. Nesse sentido, o projeto explica-se nessa trajetória: a) em primeiro lugar o contato; b) em segundo o domínio da língua; c) em terceiro lugar o estudo da forma de pensar dos indígenas, inclusive, através dos símbolos e signos culturais desse povo; d) em quarto lugar a produção de novos significados; e) em quinto lugar a legitimação dos novos significados.

.....

As respostas de Moisés nos faz entender que o processo de intervenção desenvolve-se não simplesmente através da imposição clara de preceitos religiosos evangélicos. A intervenção promovida pelos missionários é realizada através do confronto do campo simbólico Sorowaha, de valores morais contraditórios. Os ensinamentos cristãos defendidos pela lógica levada pela JOCUM, encontra os Sorowaha em seus dramas diários, neste sentido, é necessário chorar quando eles choram, é necessário se vestir como eles, é necessário comer com eles, viver como

20 É importante dizer que os missionários da JOCUM se negaram a responder questões mais objetivas sobre o processo de evangelização. Logo após o argumento acima, Luciene perguntou: “É com base nisso que vocês trabalham o evangelho?” E foi respondida por Moisés da seguinte forma: “Bom com relação a isso eu prefiro não responder né?”

eles para então fazê-los pensar diferente. De fato, a lógica que acompanha as ações dos missionários da JOCUM tem muito a ver com o processo de conversão que transforma alguém em um fiel dos preceitos religiosos. É necessário que a conversão aconteça a partir das ações práticas do Povo e através dos dispositivos em suas máquinas interpretativas.

Um exemplo desse processo de conversão aconteceu entre os Banaua. Lá os missionários da JOCUM tiveram como um dos trabalhos mais importantes o ataque a todo o processo que acompanhava o ritual da morte. Nos contou a missionária da JOCUM, a Sra. Fátima, que trabalhou durante mais de 20 anos no Território Indígena daquele Povo. A missionária nos disse que houve um momento fundamental: Os Banaua tinham como preceito cultural abandonar o lugar onde moravam, sempre que uma das pessoas da casa morresse. Após a morte, eles enterravam todas as coisas do morto e faziam isso para que o espírito do morto não amedrontasse os vivos. Aconteceu que houve uma morte de uma mulher idosa Banaua e os seus parentes enterraram todas as suas coisas. A missionária lembrou desse evento de forma muito comovida, disse-nos que foi uma verdadeira batalha.

Nos disse a missionária que após o enterro ela fez um desafio aos indígenas, disse a eles que daquela vez seria diferente. A missionária convenceu os indígenas que se todos ficassem rezando a Deus, o espírito da morta não voltaria, que Deus era mais forte que os espíritos dela. A missionária nos contou que houve uma verdadeira batalha espiritual, que eles ficaram rezando a noite toda e que ela percebia nos indígenas o medo de que de repente o espírito pudesse voltar e foi uma situação tão forte, que até ela ficou muito preocupada, mas era a oportunidade para fazê-los sentir “o Poder de Deus e a sua superioridade”. O fato é que hoje existe uma grande quantidade de banaua convertido ao protestantismo e colocar a dúvida sobre o trabalho dos missionários, no território banaua, é como se fosse um crime.

Ainda sobre o processo de conversão, nos explicou o missionário Moisés:

“Eu creio que exige uma mudança radical porque antes mesmo de eu ser cristão eu tinha atitudes que eram normais para mim, mas que depois de um determinado tempo eu achei que estavam erradas diante de Deus, então o povo aceita o suicídio até certo ponto, essa é a minha avaliação até certo ponto ele aceita, mas se ele não aceitasse isso como regra, então ele não morreria tanto.”

Há uma diferença importante no processo protestante desenvolvido pela JOCUM com os Povos Indígenas, daqueles que são desenvolvidos em outras sociedades afetadas pelo individualismo. No caso indígena, os missionários da JOCUM tem que afetar o grupo, eles tem consciência de que um Sorowaha é sempre um representante do Povo, ou seja, carrega na sua pessoa informações da cartografia do Povo ao pertense e portanto, conseguir um significa atingir as relações sociais estabelecidas pelo grupo. Por outro lado, o processo de conversão que se desenvolve a partir da confiança conquistada através das práticas cotidianas desenvolve-se no ritual. Os missionários, usando o ataque ao suicídio como um veículo para a realização do processo de conversão, estendem os elementos do drama – suicídio – na tentativa de criarem eventos dentro da sociedade indígena. Os missionários provocam uma nova leitura pelos Sorowaha de seus procedimentos tradicionais.

.....

Doc.2, pag28

Através desses eventos, os missionários vão estabelecendo elementos de uma lógica contraditória àquela que é desenvolvida pelos Sorowaha. No trecho transcrito acima²¹ observamos, que os

21 “Arihuina – Quando Davi (figura mítica apresentada pelos missionários) era criança, ele não andava; olha,

Sorowaha já interpretam sua realidade numa perspectiva assimilacionista, ou seja, a menina Jauky, assim como Davi, podem ser vistos como beneficiários de um milagre.

No momento em que os Sorowaha estabelecerem essa lógica interpretativa movimentada por valores Judaicos e cristãos, o universo simbólico deste Povo estará sendo duramente atacado abrindo a possibilidade de transformações incomensuráveis.

Um outro campo de ataque dos missionários da JOCUM é aquele que os especialistas da educação chamam de Comunidade Educativa. Como reconheceu a própria missionária Márcia, em entrevistas que nos foi fornecida na cidade de Lábrea:

“Agente não quer fazer escola e até cartilha a gente tem restrições se realmente tem que ser com cartilha, entendeu? Então agente tem um pouco de restrições se realmente tem que ser com cartilha, então agente ta indo no ritmo deles, na medida que eles procuram que eles pedem, inclusive há pouco tempo um deles sugeriu que seria legal ter uma cartilha só com os nomes dos remédios. (...) Eles não querem a lição por lição, esse aqui tá então eles passam a folha, esse aqui tá, então eles estão assim na fase de se familiarizar com a questão da leitura e da escrita, a gente não tem como cobrar o ensino deles né, então não tem alfabetizado.”

Ao intervirem no processo de conhecimento Sorowaha os missionários da JOCUM, através do ensino da leitura e da escrita, estariam atingindo elementos fundamentais da realização cultural daquele Povo. Como nós sabemos, o processo de interpretação da realidade utilizado pelos instrumentos dispostos no ensino da leitura e da escrita, ao se utilizar da produção de códigos, acaba gramatizando as experiências interpretativas, o que significa um domínio sobre o tempo, sobre o espaço, sobre o corpo que adentra as pessoas envolvidas a uma maneira de pensar que faz da realidade uma série de consensos. Drama desenvolvido pelo ensino/aprendizado, produz um distanciamento do vivido que pode ser também, no caso dos Povos não constrangidos pelos modos ocidentais de culturas, um ataque definitivo na identidade destes Povos e a realização dos famosos projetos de assimilação e homogeneização que conhecemos.

Por outro lado, conhecer os nomes, os usos e procedimentos da biomedicina implica também numa relação de dependência que depõe contra à autonomia dos Povos indígenas, bem como, permite a legitimação das práticas assistencialistas largamente utilizada pelos missionários e por outros invasores contra as tradições dos Povos indígenas. Na verdade a intervenção se realiza através de vários instrumentos. Se é verdade que todo conceito tem história é verdade também, que a intervenção missionária tem sido reelaborada através do tempo, incorporando novos elementos dispostos nos novos contextos em que ela se realiza.

Doc.3.1

(Processo 002/2003)

Memo. 113/GAB/AER/MAO

... Embora o trabalho da JOCUM priorize o respeito à cultura indígena e a não interferência em assuntos internos, em casos como esse a missão entende que o respeito à vida está acima de qualquer consideração de ordem cultural. Por essa razão, em casos de tentativa de infanticídio, a política da missão é a de interferência respeitosa e sempre em conjunto com os membros da comunidade.

quando era como Jauky não caminhava, passou muito tempo sem caminhar. Então os brancos, os médicos, muitos médicos viram-no. As pessoas falaram com Jexewa e ele começou a andar, disse Márcia. Márcia contou que ele caminhou graças a Jexewa. (entrevista realizada pelos representantes do CIMI no período de maio – junho de 2001).

Chama atenção o elevado número de obséquios que os Suruwaha adquirem nas visitas à base missionária: ferramentas em quantidade exagerada, panelas, missangas, anzóis, medicamento alopatícos e outros objetos são distribuídos ordinariamente como recompensa aos visitantes. Neste sutil aliciamento destinado a conquistar a confiança e amizade dos Suruwahá não se leva em conta os parâmetros da economia tradicional Suruwaha: se substitui o sistema de reciprocidade pela metodologia dos “presentes”, gerando novas formas de dependência.

Os suruwaha concebem três destinos diversificados no além, após a morte: a casa dos trovões (bai dokune) para os suicidas (lembre-se que o suicídio por ingestão do timbó é a principal causa mortis entre a população Suruwaha); o caminho do arco-íris (Kowiri agi) para os mortos por picada de serpente; e a maloca de Tiwiju (um herói ancestral da mitologia) para os falecidos por doenças, acidentes, infanticídio ou velhice. Esta concepção tradicional começa a sofrer uma distorção a partir da prática dos missionários: Jexewa Zamunahawa acolherão as almas assumam de todos os mortos num destino comum, imortal: um paraíso bíblico também para os Suruwaha. Neste contexto começam a aparecer “novas versões” dos relatos mitológicos e das cosmologias entre os Suruwaha mais influenciados pela pregação JOCUM.

É relevante também a intervenção oportunista que os missionários Moisés e Belo realizam em situações de doenças ou nas tentativas de suicídios, invocando o poder de Jexewa para restabelecer a saúde dos Suruwaha.

Foi durante esse período²² que a missão JOCUM introduziu na área Suruwaha um grupo de aproximadamente 10 neozelandeses (maori e, um deles, samoani) com a intenção de realizar um “ritual da vida” contra o espírito do timbó Kunahã, planta ingerida pelos Suruwaha no ato do suicídio. Atentava-se assim contra o núcleo do simbolismo existencial Suruwaha.

Pelos relatos dos Suruwaha e por declaração da própria missionária Márcia Suzuki (que na conversa mantida conosco insistiu em mostrar-se alheia aos acontecimentos e ‘não muito informada), os neozelandeses foram apresentados como pajés que atacariam o poder do Kunaha Karuji (espírito do timbó). A solene celebração ritual que encenaram na maloca apresentava mais uma vez a simbiose de elementos específicos da tradição suruwaha com traços próprios dos rituais evangélicos de exorcismo. Representaram o Pai Jexewa ressuscitando seu Filho Zamunahawa morto, e ambos destruindo o espírito do timbó. Os cantos do ritual procuravam imitar a forma dos Kurimie suruwaha, músicas próprias da pajelança. Várias semanas depois ainda escutávamos a Ody, jovem suruwaha, lembrando as melodias dos maori: ‘Kunaha / aleluia aleluia.

Os Suruwaha assistiram com estranheza a esta representação, desacreditando na condição xamânica dos maori (“jara gwei”, “simples brancos”). Um imprevisto veio ainda a complicar a dinâmica dos fatos: os neozelandeses causaram uma contaminação gripal, e os missionários tiveram que apressar a saída deles. Articularam a vinda de uma enfermeira de Porto Velho, que realizou o atendimento. Durante esse período houve duas tentativas fatais de suicídio (Hamy e Jadabu) e os missionários, atemorizados pelo clima de conflito, tiveram de pernoitar à intempérie, afastados das malocas, com medo a uma possível reação violenta dos Suruwaha.

A prática do suicídio ficava assim ‘demonizada’ pelos missionários, e com isso um dos principais referenciais do universo vital Suruwaha. Um jogo perigoso: se os Suruwaha optaram pelo

22 Nota colocada por mim (maio de 1999)

suicídio como forma ideal de superação dos traumas históricos do massacre, agora os missionários decidiam exorcizar essa prática. Desde uma perspectiva externa, acrítica, os Suruwaha deveriam ser ‘objeto de conversão’.

Doc.5, fls.42

(Processo 002/2003)

Foi extraído sangue dos Suruwaha, em Porto Velho. Deverá ser exigido um laudo médico que justifique o motivo da extração, o possível diagnóstico e a destinação das amostras. Deverá ser pesquisada a legalidade dessas extrações.

No fim do relato já aparece de modo relevante o efeito desintegrador desta dinâmica por parte dos missionários: no retorno de Porto Velho, Ania na maloca acha tudo ‘nojento’ (karakuwy) e ‘ruim’ (tijuwanaxu); e despreza um momento significativo de socialização e expressão ritual, como é o zawada, ritual festivo das caçadas invernais. Estes elementos de desagregação cultural já são preocupantes.

Doc.10, fls.71

(Proc.08620-000022/2003)

Em 1991 iniciamos um projeto de Educação Escolar Indígena junto a tribo Suruwahá, grupo de população média de 120 pessoas, localizado na região do Médio Purus, pertencente a família linguística Arawá¹.

¹ No período de 1986 a 1990 Edson Suzuki realizou diversas visitas esporádicas à área, com o objetivo de colher dados para a pesquisa e desenvolver relacionamento com o povo.

Doc.31, fls 360

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2,

A Missão JOCUM que esta por toda área dos índios, de fala Arawá, possui 4 ou mais pista de pouso em várias terras indígenas tem utilizado o caso do suicídio como pretexto para a introdução do proselitismo cristão tentando mesclar a cultura Suruwahã com elementos cristãos para tentar dissuadi-los da prática do suicídio e do infanticídio. Embora esse gesto, aparentemente seja uma boa ação, é uma enorme interferência na cosmologia do grupo. O que ocorrerá com a interferência nesse tipo de prática feita pela JOCUM pode ser um mal ainda maior do que o atual. Em todo o processo e a partir das próprias propagandas da entidade pode-se perceber que a entidade começou como uma equipe sem recursos e hoje é uma potência.

Doc.11, fls.80

(Proc.08620-000022/2003)

Nossa posição, como cristãos, é que o direito à vida é um direito mais valioso do ser humano, e que, com base nesse direito, todos os outros são secundários. Os suruwahá têm o direito de ter acesso a informações que os ajudem a trabalhar com sua própria cultura, rejeitando o costume do suicídio.

Nesse aspecto somos radicalmente contrários à equipe do CIMI, que vê no suicídio um valor que deve ser respeitado e com o qual não podemos nos envolver. Os próprios índios mostram que não estão conformados com o suicídio quando manifestam sua posição. Eles reclamam que o padre Aparício do CIMI não ajuda a lutar pela vida das pessoas que tomam veneno. Eles esperam que as pessoas de fora tomem posição contra o suicídio e os ajudem a lutar contra ele.

Doc.15, fls.119

(Proc.08620-000022/2003)

Caracteriza que estes missionários, detêm uma grande interferência no modo comportamental do povo Zuruwahá, e estas ingerências praticadas pela “JOCUM”, caracterizam em agregar valores preconceituosos, que enaltece a moral cristã, suas ações e atos missionários inconsequentes.

Desta forma nos leva a caracterizar, de forma visível a agregação de novos valores, ex: “Mãe solteira, “algumas moças corajosas”, que não é de relevância aos grupos primitivos, que em sua organização social, qualquer nascimento sadio fisicamente, sempre será bem vindo ao grupo. Este relatório do referido Missionário, caracteriza uma tentativa de omitir-se de responsabilidades na desestruturação do processo social do povo Zuruwahá, ou da possibilidade de participação física de qualquer elemento não-índio, nas gestações da índia (Agamijiro).

Doc17, fls. 140

(Proc.08620-000022/2003)

Várias mulheres já estavam gritando. Kuni, a esposa, estava fora de si, e ameaçava-me cortar com seu facão todas as vezes que eu me aproximava dela para tentar controla-la.

Doc17, fls. 140

(Proc.08620-000022/2003)

Cléo, nossa enfermeira, fez de tudo que pode para salvar o Hamy. As mulheres aqueciam folhas de bananeira e aplicavam no seu peito para forçá-lo a respirar, mas a respiração ia ficando mais fraca a cada instante. A essa altura a gritaria já era geral e diversos homens corriam para o mato para tomar timbó. Parecia certo que haveriam muitas mortes. Eu estava lá ha muitos anos mas nunca tinha presenciado uma cena tão assustadora. Nivaldo estava plantado na estrada do caminho para a mata, correndo atrás de todos os homens que passavam correndo. A alguns ele conseguia acalmar e convencer a voltar para a maloca. Outros não queriam ouvi-lo e fugiam, cegos de compulsão suicida.

Doc.31, fls 361

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2,

O que se pode notar é que a proposta do JOCUM é integracionista e criadora de necessidades tanto quanto a mentalidade do século XVI, criar súditos para o rei e servos para Deus. Isso é incompatível com o respeito a cultura.

Doc.40

Relatório de Reunião Caso Suruwahá
Brasília 10 de julho de 2006

Claudia T. Carneiro da Soilva – Assist. Social FUNASA,
Gilberto Batista da Silva – FUNASA,
Fernanda Lôssio Ferreira – Enfermeira FUNASA e
Edmilson Medeiros de Souza – Antropologo FUNAI

Os missionários nos convidaram a participar de uma reunião com os indígenas onde eles colocariam todas as suas angústias e insatisfação com relação ao atendimento oferecido pela FUNASA/FUNAI, colocações estas argumentadas pelo grupo ali representado por tais órgãos, muitas destas argumentações contraditórias ao comportamento dos indígenas e missionários. Foi de total clareza que os indígenas estão sendo induzidos para continuarem sob a guarda dos missionários.

[...]

Encerramos a reunião sem o desfecho esperado que nos levou até aquele local. Sentimos que os missionários não colaboraram como foi pactuado em reunião que antecedeu na presidência da FUNAI, onde se comprometeram em ajudar a convencer os indígenas a retornarem. Foi colocado claramente que não iríamos retirar os indígenas a força, mas deixamos também claro que outras providências legais iriam proceder assim que encaminhássemos o relatório para conhecimento desta presidência.

Doc.45

Site da JOCUM

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=334>

Publicado por braulia ribeiro - braulia@gmail.com

em 20/12/2005 01:28:20.

Os índios estão se levantando no pessoa de várias entidades inclusive o CONPLEI (Conselho de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas) , para dizer que têm o direito de mudar a tradição de seu povo e preservar a vida de crianças que tradicionalmente deveriam ser mortas.

Doc.45

Site da JOCUM

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=332>

Duas Índiazinhas e Um Velho Mito.

Dr. Luís Wesley

Publicado por braulia ribeiro - braulia@gmail.com

em 07/12/2005 13:56:06.

Gostaria de retornar à polêmica em torno da atitude dos missionários da JOCUM (Jovens com uma Missão) em relação às duas bebês indígenas abandonadas pelos pais e pela tribo num matagal. Situação que, aliás, ainda não se resolveu.

Ora, as culturas indígenas também precisam de transformação nos seus aspectos sombrios e negativos. Desta forma, o grupo cultural²³ ao qual pertencem as indiazinhas precisa, sim, ser transformado naquele aspecto de cultura que o faz conceber a necessidade (ou o alegado direito) de deixá-las no meio de uma mata para morrerem à míngua, sofrida, dolorosa e lentamente, ou serem devoradas por feras silvestres.

23 Nota minha, O grupo em questão trata-se dos Suruwahá.

DENUNCIAS CONTRA JOCUM

Doc.56

Jornal do Brasil, 29 de junho de 2008

ONGs estão roubando os índios

<http://quest1.jb.com.br/editorias/pais/papel/2008/06/29/pais20080629010.html>

A Polícia Federal abriu vários inquéritos para investigar irregularidades apontadas no levantamento do Ministério da Justiça sobre a atuação de Organizações Não-Governamentais (ONGs) com atuação na Amazônia. De relação de 25 entidades encaminhadas à Secretaria Nacional de Justiça e à Polícia Federal, pelo menos sete constam como problemáticas e passíveis de investigação por suspeitas que vão de desvio de recursos públicos a introdução de rituais religiosos estranhos à cultura indígena.

As entidades relacionadas pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e que passarão por uma triagem da Polícia Federal são a Amazon Conservation (ACT), Comissão Pró-Yanomami (CCPY), Conselho Indígena do Vale do Javari (Civaja), Coordenação da União dos Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas (Cunpir), Jovens Com Uma Missão (Jocum), Movimento Novas Tribos do Brasil (MNTB) e a Cool Earth, ONG de origem inglesa, cujo co-fundador, o sueco Johan Eliasch é acusado de danos ao meio ambiente e suspeito de ter usado entidades de fachada para comprar terras no Amazonas. Eliasch inventou um conceito, áreas adotadas, para estimular empresários estrangeiros a comprar terras na região.

Doc. 1, Pag 05

No artigo seguinte ao do Prof. David Everett, no livro “Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras”, de Leo Wetzels, encontra-se publicado o artigo da Márcia Susuki, missionária da Jocum, intitulado “Esboço Preliminar da Fonologia Suruwahá”. O receio de que a atuação dessas missões religiosas esteja correlacionado a interesses externos capazes de colocar em risco a soberania nacional, resultou na iniciativa de enviar mensagem eletrônica ao SIPAM, cujo teor está no contido no anexo 4. Já o indigenista da OPAN, Gustavo Falsetti, fez algumas observações sobre a atuação da Missão Novas Tribos do Brasil, entre os Deni, anexo5.

Doc. 1

Anexo 4, Carlos Alberto Montes Perez, carta dirigida ao SIVAM/SIPAM

Há uma grave inquietação quanto a presença de missões religiosas em diversas terras indígenas e suspeitas de que estariam sendo financiadas pelo movimento fundamentalista norte-americano, isso, apenas, para citar uma das questões que necessitam ser consideradas em termos de uma atuação estratégica, não somente por parte da FUNAI, mas em coordenação com os demais órgãos do estado, encarregados em preservar a soberania do País.

Doc 2

RECOMENDAÇÃO PRDC/AM N.º 003/2003

Sérgio Lauria Ferreira – Procurador da República.

- Representação PR/AM 1.13.000.000077/2002-46 – PRDC/m440

O Procuradoria da república no Amazonas, por meio da Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão RESOLVE RECOMENDAR à FUNAI que: I.1- Promova a IMEDIATA DESINTRUSÃO de não índios na Terra Indígena Sorowaha e implemente, concomitante, às políticas públicas de sua responsabilidade, principalmente na área de saúde – por meio de parceria com a FUNASA -, para minimizar os impactos no referido Povo indígena e restaurar os costumes tradicionais do mesmo;

Doc.8, fls.419

(Proc.28870-00138/88-09)

Considerando a gravidade da denuncia, acrescida de outra, oferecida pela ASSOCIAÇÃO DO POVO URU-EU-WAU-WAU – JUPAÚ, datado de 06.04.01, doc. Anexo, que versa, principalmente, sobre a biodiversidade, onde possivelmente, estaria sendo comercializado sementes de mogno para o exterior, através dos Missionários da JOCUM – JOVENS COM UMA MISSÃO, preliminarmente solicitamos Vossos préstimos no sentido de fazer juntada de documento hábil probatório sobre a autorização de ordem superior, para atuação da missão supra referenciada na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Após, retornem-se referidos expedientes a esta JURIDICA/AER/FUNAI/PVH, para Parecer conclusivo.

Doc.9, fls.420

(Proc.28870-00138/88-09)

Em investigação na internet sobre o povo indígena Uru-Eu-Wau-Wau, ficamos surpresos com o material encontrado, principalmente porque se trata de material produzido pela JOCUM onde oferecem a adoção do povo indígena Uru-Eu-Wau-Wau e confirmam que estão evangelizando o povo indígena.

Doc.13, fls.105

(Proc.08620-000022/2003), ver tbm.Doc14(Proc.08620-000022/2003)fls. 107.

Em recente viagem que os servidores Vânia, José Aureo e José Correia fizeram pela terra Indígena Alto Purus, verificaram a presença de 01 casal de missionários da missão JOCUM, na aldeia Canamari, do povo Kulina. Aqueles missionários entraram ali sem falar com ninguém e sem a autorização de ninguém.

Naquela oportunidade, o casal de missionários foi “notificado” pela nossa equipe para saírem imediatamente daquela aldeia.

Doc. 14

Em viagem de fiscalização que realizamos à Terra Indígena Alto Purus (municípios de Santa Rosa do Purus-AC e Manoel Urbano-AC) em Junho de 2002, os servidores desta AER Rio Branco/FUNAI, Vânia Simone Albano de Lucena, José Áureo do Carmo Castro e José Correia da Silva, constataram a presença irregular de missionários dessa JOCUM, na aldeia Canamari, habitada por índios Kulina, daquela Terra Indígena, aldeia aquela próxima da cidade de Santa Rosa do Purus – AC.

Os missionários, srs. Rubens Zittel e sua esposa Madriz, originários de Porto Velho – RO, trabalhavam com índios Mastanawa, aldeia Naranjal, no Peru, próximo à localidade de Puerto Esperanza, bem como a Santa Rosa do Purus, no Acre e tiveram problemas com aqueles índios peruanos e, sem consultar a ninguém da FUNAI, andaram conversando com algum Kulina brasileiros, para poderem se instalar na aldeia Canamari da terra Indígena Alto Purus, onde estão, desde abril de 2002.

Doc.25, fls 210

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Sr. Presidente: Através do presente passamos às mãos de V.S^a., para fins de conhecimento, cópia do Radiograma nº 01/FCRP de 18.04.95, no qual comprovamos que o missionário Kelk, do Grupo JOVUM e o Sr. Zena de Oliveira Lopes, vulgo ZENA ALECRIM, estão sendo responsabilizados pela retirada de 284 (Duzentos e oitenta e quatro) toras de madeira da área indígena deni, que estão boiando no Rio Cuniuá com destino a serraria.

Doc.26, fls 217/218

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Senhora Chefe, Em anexo, encaminho o Radiograma Nº 037/FCRP, de 15.08.95 que informa da

conclusão de retirada dos missionários da JOCUM. A respeito, enviamos a DAS o MEMO Nº 142/DII no dia 09 do corrente, solicitando que fosse remetida uma carta para a JOCUM sobre a improbidade de sua ação. Entretanto, face ao Rádio-grama em anexo, encarecemos que tal medida seja extensiva ao SUMMER INSTITUT OF LINGUISTIC – SIL, que está apoiando a JOCUM nessa missão. A propósito, recorro que a JOCUM é reincidente, e este abuso indica que a FUNAI deve iniciar estudos que permitam a adoção de medidas mais severas.

ADR Manaus – ADR Rio Branco – DII – FUNAI BSB. Radiograma: Nº 037/FCRP, de 15.08.95 PT informo efetivada retirada missionários Júlio Edgard Beltran Novoa VG Nilson Correia Carvalheiro ET Nivaldo Oliveira Carvalho VG membros Missão JOCUM – Jovens com uma Missão VG do alto Rio Piranha VG que tentava contatar índios isolados PT As adjacências do acampamento dos mesmos VG encontramos vestígios indígenas recentíssimos VG inclusive locais onde crianças brincavam na praia PT Acampamento missionários estava muito próximo acampamento indígena PT A área indígena Banawa Yafi eh utilizada como ponto de apoio Et missão eh sediada em Porto Velho PT Confirmado apoio logístico prestado pelo SIL – Summer Institut of Linguistic PT Outrossim info VG referidos missionários permanecem ressaca da onça VG Área Indígena Banawa-Yafi aguardando orientações seus superiores PT Solicito contatar urgente JOCUM PT em breve envio relatório PT SDS Rieli Franciscato - CH Frente

Doc.27, fls 219/220

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Prezado Senhor, Cumpre-nos informar que foram retirados das proximidades do território de índios isolados no Alto Rio Piranha/AM os missionários Júlio Edgard Beltran Novoa, Nilson Correia Carvalheiro e Nivaldo Oliveira Carvalho que tinham como objetivo contatar o grupo indígena ali existente. As informações obtidas através da Frente de Contato desta FUNDAÇÃO, unidade responsável pela operação, indicam que as pessoas acima mencionadas são membros dessa Instituição e que contam com apoio logístico da Sociedade Internacional de Linguística – SIL para realização do contato com o grupo em questão. Convém ressaltar que essa instituição é reincidente nessa tentativa de contatar índios isolados, haja visto o que ocorreu na área das cabeceiras do Rio Branco em 1990/1991, quando houve o intento de alcançar os Marimã isolados.

.....

Doc.29, fls 310

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

“Jovens com uma missão”

Entidade protestante norte-americana invade a Amazônia: Polícia Federal investiga denúncias de escravidão indígena.

Sob o argumento inicial de levar o Evangelho aos caboclos e índios das matas brasileiras, a entidade norte-americana denominada Jovens com uma Missão (JOCUM), no Brasil desde 1975, passou a desenvolver trabalhos nas áreas de Educação, Saúde, e Assistência Social. A mudança de estratégia dos pregadores é esclarecida pela direção nacional da JOCUM como “um método da própria entidade em todos os países onde está presente”. Enquanto isso a Polícia federal recebeu duas denúncias anônimas, dando conta de escravização de comunidades indígenas no Alto Juruá

Doc.39

Local: Brasília - DF

Fonte: Radiobrás

Link: <http://www.radiobras.gov.br/>

Diretor da Funasa diz que pedirá saída do Cimi e da Jocum da terra indígena suruahá - 08/03/2006
Brasília – O diretor da Fundação Nacional da Saúde (Funasa) no Amazonas, Francisco Ayres,

está em Brasília para pedir à Sexta Câmara Temática do Ministério Público Federal, que trata de assuntos relacionados a índios e minorias, a saída do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da entidade evangélica Jovens com Uma Missão (Jocum) da terra indígena Suruwahá.

Doc.43

Agência Câmara

<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=80734&pesq=suruwaha>

A comissão da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional promove audiência pública nesta quarta-feira (14) para discutir denúncias de retirada não autorizada de crianças da aldeia indígena Suruwahá. O debate foi solicitado pelos deputados Henrique Afonso (PT-AC) e Zico Bronzeado (PT-AC) depois de reportagem do "Fantástico", da *Rede Globo*, sobre duas crianças da etnia Suruwahá retiradas da tribo por integrantes da organização missionária Jovens com uma missão (Jocum). A Jocum é uma organização filantrópica e missionária internacional que reúne igrejas de várias denominações.

Na reportagem, foram apresentados depoimentos de missionários que confirmaram a retirada de um bebê portador de hiperplasia adrenal congênita (genitália ambígua) para realizar uma cirurgia em São Paulo, de uma outra criança de 1 ano e 5 meses de idade vítima de paralisia cerebral e de quatro familiares das duas crianças. Os missionários justificaram que a retirada foi feita para evitar a morte dos bebês, já que, pela tradição da tribo, as crianças que nascem com problemas físicos ou mentais são sacrificadas.

Denúncias

As crianças foram retiradas sem a autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A entidade católica Conselho Indigenista Missionário (Cimi) pediu a intervenção do Ministério Público Federal no dia 15 de agosto, solicitando ajuda federal para levar de volta os oito suruwahás. Antropólogos do Cimi alegam que o contato dos indígenas com brancos poderia trazer grave impacto em sua cultura, por conta do alto número de suicídios já registrado na tribo.

Os deputados que solicitaram o debate argumentam que, como os dados apresentados pela reportagem são contraditórios e como a Funai ainda não apresentou parecer oficial ou relatório sobre o assunto, a comissão deve avaliar as denúncias e pedir providências, caso sejam constatadas irregularidades.

Doc.47

MEMO Nº. 013/PIN SURUWAHA/2008

Lábrea, 18 de Junho de 2008

Do Chefe PIN Suruwaha

Para CGII

Ao cumprimentá-lo cordialmente, venho por meio deste informar a Vossa Senhoria que no dia 17/06/2008 por volta das 9:20 horas, compareceu na sede do NAL Lábrea/FUNAI o servidor da FUNASA senhor Josias Liberato de Sousa (Mineirinho) Técnico de Enfermagem do Posto Suruwaha, onde estava presente os senhores Izac da Silva Albuquerque –Chefe do NAL, Armando Soares Filho – Coordenador da Frente de Proteção EtnoAmbiental Rio Purus e Edílson Pinheiro da Silva – Chefe do PIN SURUWAHA.

Informa que chegou domingo pela manhã dia 15/06/08, onde passou 70 dias em área, relata que os Suruwaha estão bem, sem nenhum problema, está tudo tranquilo em área no momento, aconteceu que houve um surto de gripe na maloca, mas quando ele foi informado que tinha gripe na maloca ele se dirigiu até a maloca e contornou o problema, e medicou todos que aparecia com sintomas de gripe e amenizou o caso.

Durante esse episódio na maloca do surto da gripe, ele presenciou quem estava com gripe era a filha Suruwaha adotiva do missionário Moisés da Jocum, e que os Suruwaha ao perceber que a criança estava com gripe pediram que ele fosse embora da maloca, mas Lucila a esposa de

Moisés fala na língua para as mulheres Suruwaha que não era gripe, era porque a criança estava brincando no chão e tinha poeira.

Perguntamos dele como estava o clima sobre a saída dos missionários de área, ele informa que os Suruwaha falam que estão brabos com a FUNAI, fala que o missionário Moisés usou por duas vezes a rádio fonia da FUNAI para se comunicar com a JOCUM em Porto Velho para saber como era a determinação do Ministério Público Federal e momento da comunicação falava língua Suruwaha como o missionário Darcy, para ele não entender o que estava falando, mas ele entendeu quando Moisés perguntar se essa determinação era mais pesada do que a outra, usou a fonia da FUNAI porque a deles estava com defeito.

Nesse período a JOCUM fez dois sobre-vôo para área Suruwaha, um para jogar um rádio fonia para ele poderem se comunicar sobre a decisão do MPF e outro para deixar uma mensagem (bilhete), aproveitaram um vôo que ia deixar o missionário da Wladimir da Novas Tribos que atua no Marrecão terra indígena Deni e jogaram. E que está previsto a saída de Moisés para dia 07/07/2008 segundo ele.

Quanto a CIMI ele informar que eles estão na base no Amoaá reformando a casa, e que até o momento em que ele estava em área ele não tinha entrado dentro da terra indígena Suruwaha e nem ido na maloca.

Ele deixou um alerta para nossa equipe FUNAI, que ele ouviu durante o tempo que passou lá, que uns quatro SURUWAHA falam em flechar a FUNAI (Armando, Izac e Edílson) quando chega lá, porque a FUNAI é ruim e brabo, mas ele acredita que são coisas que os missionários colocam na cabeça deles para intimidar a FUNAI e os funcionários de saúde, que ele passou esses dias por lá e foi tranquilo sem problema, mas como os missionários Moisés e Lucila dominam a língua o que eles falam tornam-se verdade na mente do Suruwaha.

Doc.48

Página 13

<http://volneyf.blogspot.com/2005/12/apesar-de-no-ter-recebido-essa-carta.html>

CARTA ABERTA ÀS MISSÕES

Mas como não poderia deixar de ser, veio a represália. Iniciou-se uma nova onda de perseguição, denúncias e acusações falsas contra as missões. A FUNAI diz estar "reunindo provas" e quer responsabilizar JOCUM por episódios de suicídio coletivo na tribo. Além disso quer nos acusar criminalmente de usar a imagem dos suruwahá para levantar fundos no exterior para catequização. Os irmãos entendem bem do que eles estão falando aqui, visto que todos nós vivemos de ofertas. Sabemos que nossas ações afetam não somente a JOCUM, mas todas as missões que trabalham com índios. Não queremos prejudicar ninguém e lamentamos que todos estejam enfrentando transtornos. Não fizemos nada de errado e esperamos que tudo se resolva da melhor maneira possível.

DENUNCIAS CONTRA CIMI

Doc.30, fls 345

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

A gripe atingiu a todos de modo geral, não houve preferência por faixa etária, contatamos 68 casos de gripe em curso, dos quais quatro com pneumonia. A dificuldade de respirar, somada ainda à tosse e fraqueza pela falta de alimentação, fez com que eles se revoltassem contra o Sr. Aparício (*missionário do CIMI, psicólogo espanhol Miguel Aparício Soares*) e forçassem a tomar uma medida para sanar os seus sintomas, sendo assim, muito pressionado, na madrugada seguinte, este Sr. sem nos ter comunicado previamente fugiu da área.

Doc.30, fls 346

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

O indígena Ody, filho de Demi, irmão de Hussay, filhos de Medi (já falecido....) solicitou ao missionário da JOCUM, Moisés Viana, para traduzir o relato de como se deu o início da doença na aldeia, segundo o indígena foi devido a saída de Rosa e Aparício e mais quatro indígenas de nome: Kalcânio, Naru, Ady e Waideni, que por volta do início do mês de outubro, saíram para visitar o povo Deni, na aldeia Marrecão. Passaram-se vários dias (amassari), e retornaram apresentando os sintomas: febre alta, dor no peito, tosse e catarro, e depois todas as crianças começaram a apresentar os mesmos sintomas, e seguidamente os adultos ficaram (mazaruri) prostrados, ruins, com respiração leve quase próximo à morte. Perscrutamos junto aos indígenas Ody a presença de outras visitas na aldeia, mas foi negada pelo mesmo.

O indígena nos informou ser esta a 5ª vez que o Sr. Aparício introduzia a gripe na aldeia; segundo ele a primeira vez foi ainda na casa construída por Jadabu no ano de 1995; a segunda no Riozinho, onde os Suruahá acamparam próximo à roça; a terceira se deu com vinda do Mário que era do CIMI agora da OPAM e dois odontólogos alemães; a quarta foi no mês de agosto com a entrada do Aparício por ocasião em que seu povo foi ralar mandioca no rio Amuá e a 5ª quinta com o Aparício e a Rosa saindo no início de outubro com os quatro Suruahá. Ody ainda comentou que seu povo fez pressão pelo fato de toda aldeia haver contraído gripe, então Aparício foi até a casa de apoio do CIMI e trouxe uma caixa de remédio, que jogou no centro da oca, dizendo: “está aí o remédio, vocês não são o meu povo mesmo”, o que foi comprovado in loco, uma vez que encontramos vários vidros de remédios, inclusive de flúor e dipirona, todos mal condicionados – embora dentro da validade, impróprio para uso.

Doc.30, fls 351

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

-OBS. A missionária Rosa²⁴ ao apresentar-me dizia que era médica ao corrigi-la, esta comentou que não teria problema pois, ocorreu que Mário da OPAM contou aos Suruahá que as mulheres na cidade são de muitos homens e ele próprio já possuía várias, para Rosa, esta denominação serviria para lhes impor respeito pela consideração que tem com a classe médica e melhor esclarecer a minha rede junto a dos três rapazes da equipe.

Doc.31-A, fls 364

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

Prezado Isaque,

Estou escrevendo esta, pois vários Dení me pediram que comunicasse como você sobre o que aconteceu aqui, provavelmente no mês de outubro quando eu estava na cidade.

É que o Aparício trouxe alguns índios Zuruahá para visitar todas as aldeias dení, só que a visita não foi amistosa para o povo aqui: houve briga entre um suruahá e um dení da Aldeia Cidadezinha, e

24 Missionária do CIMI

lá também um deles ameaçou queimar a casa de um dos chefes da aldeia; na aldeia Visagem tentaram levar algumas mulheres “na marra”, e, segundo os dení, o Aparício somente ficava vendo e rindo. Os dení também dizem que os zuruahá chegaram ameaçando flechar os dení.

CIMI denuncia JOCUM que denuncia CIMI

Doc.57

Cortina Verde?
SITE da JOCUM

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=9>

[...] Este fato foi maliciosamente divulgado nas reportagens do Fantástico (TV Globo). No momento, a Igreja Católica, através do CIMI – Conselho Indigenista Missionário, está tentando fazer o mesmo com nossa equipe de missionários que atua há 16 anos na tribo Suruwahá, localizada no Médio Purus, Amazonas

Doc.2, pag 14

Ainda com relação ao trabalho do CIMI, os Sorowaha nos relataram a viagem que realizaram, junto com os representantes do CIMI, até o território Deni. Segundo os Sorowaha, eles foram levados até a casa dos Deni, porque Aparício dizia que eles tinham que conhecer os outros índios e que isso causou uma briga entre os representantes do JOCUM e os representantes do CIMI, pois para a JOCUM a ida até a aldeia Deni poderia fazer com que os Suruwaha adocessem e os representantes do CIMI diziam que isso era importante para o povo Suruwaha, para que fossem criadas alianças entre os Deni e eles Sorowaha¹⁹.

Doc.5, fls. 22

(Processo 002/2003), (ver também Doc.2, Pag 19)

A preservação da autonomia religiosa e cultural do povo Suruwaha confronta-se agora com uma proposta missionária de tipo fundamentalista. Conscientes da importância do universo mitológico e simbólico para a sobrevivência dos Suruwaha, visando a garantia da sua identidade histórica, protestamos energicamente contra a interferência catequizadora realizada pelos missionários de JOCUM.

Doc.5, fls.47

(Processo 002/2003)

A leitura destes diários evidencia de modo contundente o fundamentalismo e a ideologia proselitista dos missionários de JOCUM, não deixa dúvidas sobre as intenções da sua presença nas áreas indígenas.

.....

Na nossa avaliação, o material apresentado não deixa dúvidas sobre os objetivos da equipe JOCUM atuante na área Suruwaha. A partir do propósito evangelizador, que desestrutura o universo simbólico do povo Suruwaha, devem ser lidas todas as ações implementadas na área: o ritual de exorcismo, a transferência à base missionária de Porto Velho e, também, o programa de alfabetização que pretendem desenvolver. Não se trata de um processo educacional orientado a fortalecer a autonomia cultural dos Suruwaha, e sim um instrumento catequizador e integracionista, de consequências irreversíveis se for implantado.

Doc.10

(Proc.08620-000022/2003) fls.76

ver também Doc.5, fls. 29 (Processo 002/2003)

A interpretação do missionário Aparício, com relação a este episódio pode ter duas interpretações: Ou ele não tem muito conhecimento da cultura Suruwahá ou esta mal intencionado, tentando distorcer os fatos.

Doc.11, fls.80

(Proc.08620-000022/2003)

Nossa posição, como cristãos, é que o direito à vida é um direito mais valioso do ser humano, e que, com base nesse direito, todos os outros são secundários. Os suruwahá têm o direito de ter acesso a informações que os ajudem a trabalhar com sua própria cultura, rejeitando o costume do suicídio.

Nesse aspecto somos radicalmente contrários à equipe do CIMI, que vê no suicídio um valor que deve ser respeitado e com o qual não podemos nos envolver. Os próprios índios mostram que não estão conformados com o suicídio quando manifestam sua posição. Eles reclamam que o padre Aparício do CIMI não ajuda a lutar pela vida das pessoas que tomam veneno. Eles esperam que as pessoas de fora tomem posição contra o suicídio e os ajudem a lutar contra ele.

Doc.11, fls.82

(Proc.08620-000022/2003)

Ainda como estratégia de combate ao suicídio, compartilhamos de maneira informal, princípios do cristianismo que se opõem ao suicídio e valorizam a vida. Esse compartilhar é feito de maneira totalmente informal – não existem cultos nem pregações religiosas, nem sessões de exorcismo, como foi insinuado no documento do CIMI. As músicas religiosas que alguns deles sabem cantar não são evidências nenhuma de catequização. Os suruwahá pedem sempre aos de fora que cantem canções, às quais eles ouvem e aprendem com facilidade, mesmo que não compreendam as palavras. Quando membros da nossa equipe cantam *hinos religiosos*, alguns rapazes aprendem e imitam com perfeição. Quando os membros do CIMI cantam *forró*, ou cantigas de roda, eles fazem o mesmo. Cantam apenas porque gostam da melodia ou do som das palavras.

Doc.28, fls 286-287

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

a) Missionários da JOCUM e do CIMI vem atuando há décadas junto aos Suruwahá (os Suzuki e este Sr. Mário Lúcio), se digladiando, fazendo denúncias uns contra os outros (conforme podemos verificar nos documentos produzidos pelos Srs. Edson e Márcia Suzuki e neste projeto do sr. Mário Lúcio é mais um item desses enfrentamentos “ideológicos”, se bem que a idéia de intercâmbio proposta pelo sr. Mário Lúcio, já está sendo testada pelo pessoal da JOCUM (visita dos Maori da Nova Zelândia ...);

Doc.33, fls 367

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

Dia 11/11 Aparício sai da aldeia sem falar com ninguém, deixando sua companheira Rosa que não fala quase nada da língua como tradutora para a equipe médica que veio no helicóptero.

CONTRADIZ com a informação do Doc.30, fls 344(Proc.28870-003138/1988). Vol 2: Ficou mais fácil para a missionária Rosa fazer a medicação pelo domínio da língua e conhecimento das pessoas e ainda por saber a localização do karru, ...

Doc.43

Agência Câmara

<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=80734&pesq=suruwaha>

A comissão da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional promove audiência pública nesta quarta-feira (14) para discutir denúncias de retirada não autorizada de crianças da aldeia indígena Suruwahá. O debate foi solicitado pelos deputados Henrique Afonso (PT-AC) e Zico Bronzeado (PT-AC) depois de reportagem do "Fantástico", da *Rede Globo*, sobre duas crianças da etnia Suruwahá retiradas da tribo por integrantes da organização missionária Jovens com uma missão (Jocum). A Jocum é uma organização filantrópica e missionária internacional e

que reúne igrejas de várias denominações.

[...]

Denúncias

As crianças foram retiradas sem a autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A entidade católica Conselho Indigenista Missionário (Cimi) pediu a intervenção do Ministério Público Federal no dia 15 de agosto, solicitando ajuda federal para levar de volta os oito suruahás. Antropólogos do Cimi alegam que o contato dos indígenas com brancos poderia trazer grave impacto em sua cultura, por conta do alto número de suicídios já registrado na tribo.

Produção e apropriação indevida da JOCUM.

Ao longo dos anos a JOCUM desenvolveu pesquisas junto aos Suruwahá, sem autorização do Estado brasileiro e nem ao menos encaminhou os resultados destes trabalhos, vejamos:

Doc. 1

ANEXO 2 Pg. 1

Mais tarde em 1987, através da portaria nº 078/FUNAI de 1987, foi criado oficialmente o Posto Indígena Lábrea, mesmo havendo uma unidade da FUNAI na região, nunca obtivemos informações detalhadas da atuação ou do trabalho do CIMI nem da JOCUM, em relação aos índios Suruwahá.

Doc. 1

ANEXO 2 Pg. 06 / 07 /

- Registro de nascimento e mortes, e árvore genealógicas desde 1990.
 - Em Dezembro de 2003, Edson Suzuki preencheu todas as fichas identificação de todos os índios suruwahá, a pedido da FUNASA, que pela primeira vez teve todos esses dados catalogados no seu sistema em Lábrea.
 - Confecção de livros com frases básicas de saúde que foram entregues à FUNASA para facilitar a comunicação com os índios nas campanhas de vacinação, atendimento dentário e consultas.
 - Dicionário Suruwahá-português (cerca de 3000 entradas)
 - Vocabulário português-suruwahá
 - Curso básico da língua suruwahá (15 lições acompanhadas de CD)
 - Cartilha de alfabetização na língua suruwahá, usando a etnomusicalidade indígena.
- Análise fonológica da língua suruwahá (dissertação de mestrado de Edson Suzuki, defendida na UNICAMP).

Doc. 1

ANEXO 2 Pg. 14

Pesquisa cultural da tradição mítico-simbólica dos suruwahá:

Doc.11, fls.80

(Proc.08620-000022/2003)

Nosso programa de combate ao suicídio começou com um período de estudo da língua, cultura, história, religião e tradição mítico-simbólica suruwahá, com objetivo de se descobrir a razão do suicídio.

Histórias e mitos têm sido registradas e catalogadas em fitas cassete, e os elementos culturais e religiosos estão sendo organizados em arquivo especial. A tradição suruwahá tem sido estudada e analisada à luz de diversos textos científicos nas áreas antropologia, missiologia e ciências das religiões.

JOCUM não cumpre com determinações e acordos firmados

Doc. 1

ANEXO 6

Após a conclusão dos trabalhos de campo, o analista da Procuradoria apresentou ao Procurador Federal do Amazonas Dr. Sérgio Lauria Ferreira, Relatório que em seguida encaminhou a FUNAI com RECOMENDAÇÃO – PRDC-AM N^o 003/2003²⁵ para que fosse cumprida através da FUNAI.

Em posse do Relatório e da Recomendação, enviei para o CIMI, JOCUM e SIL, Ofícios determinando o imediato afastamento da Terra Indígena Sorowahá, conforme cópia em anexo. Infelizmente nenhuma das missões cumpriu o que o Ministério Público²⁶ havia recomendado, muito menos o que a FUNAI havia determinado, continuando atuando com os Suruwahá normalmente.

A JOCUM mesmo tendo conhecimento que o trabalho com índios isolados é exclusivo da FUNAI capacitou e organizou expedições com o intuito de estabelecer contato com o grupo isolado Himerimã.

Doc.24, fls 180 a 182

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 180 a 182
Correspondência, dd 8 de Janeiro de 1991,
do Diretor de Assuntos no Campo – JOCUM,
Reinaldo C. Ribeiro,
Para a Presidência da FUNAI.

Diante desse quadro trágico e da omissão da FUNAI na ocasião decidimos empreender isoladamente uma busca do grupo, remanescente, para proteção de sua integridade física e cultural, segundo a ressalva feita pelas Diretrizes Políticas do Órgão Oficial da Política Indigenista. Esta busca se prolongou por um período, mas nunca alcançou seu objetivo de contatar o grupo Marimã.

Doc.5

(Processo 002/2003)...43

“Saímos rapidamente para o aeroporto, pois já estava tudo pronto. [...] Estávamos em Lábrea, [...] e em menos de 1 hora levantamos vô novamente, rumo à tribo banawá. [...] Foi o momento esperado por mim e pelos missionários Júlio e Bello, pois estava eu me juntando a eles para irmos procurar a tribo himerimã”. (11 abril 1995) [p.1]

“Afundamos nossa canoa e amarramos no fundo do igarapé, p/ não deixar pistas. Mas na verdade com todo nosso cuidado sabemos que só o Senhor é que pode nos dar a segurança e guardar nosso acampamento da FUNAI ou ribeirão, diz a palavra de Deus não guardar a coisa em vão vigia o sentinela”. (30 abril 1995) [p.29]

“Acordamos e logo começamos os preparativos p/ baixar o rio Branco um pouco, isso p/ averiguar, conferir se a FUNAI esteve no rio por estes dias, desconfiamos disso no dia 09/05 quando

25 ANEXO 6 / Recomendação da PRDC-AM N.0 003/2003 / Sérgio Lauria Ferreira – Procurador da República 05/05/2003

26 A recomendação da Procuradoria é o seguinte: I.1 – Promova a IMEDIATA DESINTRUSÃO de não índios na terra Indígena Sorowahá e implemente, concomitantemente, as políticas públicas de sua responsabilidade, principalmente na área de saúde por meio de parceria com a FUNASA -, para minimizar os impactos no referido Povo Indígena e restaurar os costumes tradicionais do mesmo;

subimos o rio Branco e encontramos o tapiri queimado. [...]. Descobrimos que a FUNAI e ninguém esteve aqui em cima no rio Branco, tudo estava como estava quando subimos. Deus nos protegeu.” (12 maio 1995) [p.45]

“Enquanto o mundo discute a Amazônia, eu estou aqui percorrendo rios, igarapés, [...] fazendo acampamentos e procurando índios. Só o Senhor, obrigado Paizão por este presente [...]. Aqui neste local, certamente nem a FUNAI, nem a Polícia Federal poderá nos encontrar”.. (22 maio 1995) [p.16-17].

[...]

“Esta é a terceira etapa do nosso trabalho. E tenho muita expectativa p/ esta 3ª etapa. Creio que esta é a etapa do contato. Creio que Deus tem nos dirigido em tudo. [...] Creio que ele esteve nos preparando nesses quatro meses, para o contato (05 agosto 1995) [pp. 147-148]

Os dois documentos que se seguem demonstram a disposição da FUNAI (ao encaminhar a Portaria PP n. 0745, de 06.07.88, que disciplina o ingresso em área indígena e a minuta de convênio a ser firmado entre as instituições) em dialogar acerca de trabalhos junto aos Suruwahá

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1
Ass: Ingresso em Área Indígena.
CT.001/PRESI/Nº 478/88, Brasília 08/agosto/88
Encaminha portaria PP. Nº0745 de 06/07/88 que
disciplina o ingresso em Área Indígena e
relatório individual de registro

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1
Ass: Ingresso em Área Indígena.
CT.102/APL/88, Brasília 13/setembro/88 (Encaminha
minuta de convênio entre FUNAI e JOCUM)
Convênio Nº 006/88 que entre si celebram a Fundação
Nacional do Índio – FUNAI e Jovens com uma Missão
– JOCUM.

CLÁUSULA PRIMEIRA - Do objeto.

Parágrafo Único

Excetuam-se do objeto do presente convenio as comunidades de índios isolados, conhecidos ou não pela FUNAI, nas quais está vedada a atuação da JOCUM.

CLÁUSULA SEGUNDA: Dos ingressos em Áreas Indígenas;

Toda e qualquer pessoa ou grupo de pessoas da JOCUM, que se encontre em área indígena ou que nelas pretendam ingressar, terá que obedecer os preceitos baixados pela Portaria PP0745/88

Parágrafo Primeiro

As autorizações tratadas nesta cláusula serão individuais e concedidas por áreas indígena e deverão ser solicitadas pela JOCUM.

Parágrafo segundo

Para a solicitação citada acima no paragrafo anterior, a JOCUM deverá indicar, para cada

área indígena referida na cláusula primeira, o programa de trabalho que vem ou venha a desenvolver, o nome dos componentes de suas equipes, as suas categorias profissionais e os prazos de permanência de cada pessoa dentro da respectiva área, além da discriminação de suas atividades, classificando-as em: missionárias, pesquisadoras e documentárias.

CLÁUSULA TERCEIRA: Dos Programas assistenciais

A atuação prevista na Cláusula Primeira deste convênio efetuar-se-á através de programas de trabalho elaborados pela JOCUM e aprovados previamente pela FUNAI, através de seus órgãos competentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO – A FUNAI, analisará os programas referidos nesta cláusula num prazo máximo de 30 (trinta) dias.

PARÁGRAFO SEGUNDO – Os programas que tratam esta cláusula deverão conter as seguintes informações: a) Objetivo; b) Metodologia; c) Cronograma; d) Equipes Empregadas; e e) Produtos finais.

A JUCUM apresentou programa para as etnias Marubo, Saterá-Mawé, Mayoruna, Banaua, Jarawara, Paumari, Tribo Apurinã, Murapirahã, Palikur, Parkanã e Guarani. No entanto excluiu qualquer informação referente aos Suruaha.

CLÁUSULA QUARTA: Da produção e comercialização

.....

Parágrafo quarto: A JOCUM compromete-se a remeter à FUNAI, mensalmente, prestação de contas sobre a comercialização prevista nos parágrafos segundo e terceiro anteriores

A JOCUM nunca encaminhou para FUNAI Brasília algum material referente aos trabalhos desenvolvidos e nem alguma produção proveniente desse trabalho.

Encontramos alguns documentos (encaminhados à FUNASA, principalmente) sempre com o objetivo de denunciar a ação dos missionários do CIMI.

CLÁUSULA QUINTA: Das Obrigações da JOCUM

Sem prejuízo do especificado em cláusulas anteriores, bem como na Lei Nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973 e na Portaria PP 0745, de 06 de Julho de 1988, compromete-se a JOCUM a:

- a) prestar apoio técnico-científico à FUNAI nas áreas indígenas onde atuar;
- b) apresentar previamente à FUNAI os programas de trabalho a serem desenvolvidos em cada grupo indígena;
- c) remeter, semestralmente, relatórios das atividades, onde conste toda a sua ação desenvolvida na área, bem como cópia de todo material científico-pedagógico produzido;

Doc.32, fls 365

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

Relatório da Missão nas aldeias do Suruwahá e Marrecão. 20/11/2000 – Marlúcio Falcão de Almeida. Com carimbo de recebimento da ADR Rio Branco datado de 09.02.01

Doc.33, fls 367

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2

Relatório de Saúde da Área Suruwahá. De 08/10 a 11/11 de 2000 – Equipe da JOCUM que atua no Suruwahá: Moisés e Lucilia Viana, Edson e Marcia Suzuki.

- d) respeitar as culturas e costumes dos indígenas, evitando interferências e contrariar a

vontade da comunidade e sua liderança; e
e) tornar acessíveis os resultados dos estudos e pesquisas também às instituições acadêmicas e demais interessados, sempre de comum acordo com a FUNAI.

CLÁUSULA SÉTIMA: Do Prazo

O presente convênio terá o prazo de duração fixado em 03 (três) anos, a contar da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado, conforme interesse das partes convenientes.

Este convenio nunca foi prorrogado

Doc.21, Fls 170

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Ass: Ingresso em Área Indígena.

TELEX 127/ASSAI/APL/91 – 12.07.91

Para:Odenir Pinto de Oliveira

(Superintendente Executivo Regional da 5ª

SUER – Manaus – AM

Em atenção ao TELEX nº 247/Base 02/GTEY/SURUCUCU de 17.05.91, informo a V.Sª que a Presidência desta Fundação não autorizou a nenhum membro da missão JOCUM, a prestar assistência ao grupo indígena Yanomami. As solicitações da referida missão em relação a essa área não foram, atendidas por várias razões: Primeiro, os projetos de atuação apresentados não foram satisfatórios, segundo, na época da celebração do convenio a área em questão não foi relacionada, terceiro, por acatarmos os telex nº 088/GAB/ADR/BVB/RR/De 13.03.91 e telex nº 24/BAAE/01/GTEY de 25.03.91. CDS. Sds. Leandro Mendes Rocha. Chefe de Assessoria de Planejamento/FUNAI.

Doc.22

Of. nº35/2008 / De: JOCUM / Para: CGII / 19/maio/2008

Como foi firmado na ata daquela reunião²⁷, a JOCUM se comprometeu com as solicitações da FUNAI e da FUNASA com relação à saída v da área suruwahá, marcada para o dia 20 de maio corrente. Desde logo desejamos registrar que, muito embora na aludida reunião tenham nos comunicado que nossa atuação junto ao povo Suruwaha foi negativamente avaliada, razão pela qual foi determinada de nosso pessoal daquela área.....

...manifestamos a Vossa Senhoria que a permanência da equipe naquela área ainda se faz necessária, ao menos até que agentes públicos designados regularmente compareçam naquele local, atestem a saída do nosso pessoal e nos forneçam um relatório circunstanciado da situação existente.

Doc.23, fls 175

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Desde de 1987 há notícias de que missionários da JOCUM, organizados em equipes atuam na região do Rio Branco e Riozinho, afluentes do médio Rio Purus, na tentativa de localizar índios isolados, do grupo Marimã. Isto sem a devida e necessária autorização da FUNAI.

Já em 1988, através do Convênio de nº 006/88 de 15/09/88, firmado entre FUNAI e JOCUM, explicitaram-se, no parágrafo único da Cláusula Primeira “OBJETO”: “excetuam-se do objeto do presente convênio as comunidades de índios isolados, conhecidos ou não pela FUNAI, nas quais está vedada a atuação da JOCUM.” Se por um lado, durante a vigência do referido convênio (3 anos, a partir de setembro/88), a JOCUM desrespeitou suas normas; por outro, mesmo ao término deste; mantém a posição ilegal de atuar junto aos índios isolados acima citados.

²⁷ Em maio de 2008, reunidos no auditório da Procuradoria da República no Amazonas, com a presença do Procurador da República Dr. Rodrigo da Costa Lines e representantes da FUNAI, CIMI, FUNASA e JOCUM, ficou acordado que: as missões, JOCUM e CIMI deveriam se retirar do interior da Terra Indígena Suruwahá até o dia 20 de maio do corrente ano.... Ver mais informações acerca dessa reunião na pag 03 deste documento ou **DOC. 58**

No relatório da JOCUM encaminhado a APL/FUNAI, em 29/11/91, seu diretor de campo, afirma que há duas equipes da Missão atuando em Lábrea, cujas áreas indígenas por não serem demarcadas ou fiscalizadas, não exigiriam permissão da FUNAI para a presença missionária no local. Ocorre que toda esta região do Rio Purus é marcada de referências de grupos de índios isolados, o que já de antemão, constitui-se em indicador da proibição de permanência ou de trabalho missionário no local.

Mais recentemente, em telex nº 02 DE 26/12/91, o Coordenador da CII, que realiza trabalhos de campo, juntamente com a Equipe de Localização do Rio Purus, informou-nos que em outubro p.p. Quatro missionários da JOCUM estiveram pela área dos índios isolados MARIMÃ, tendo surpreendido e causado a fuga destes últimos. Tal telex denuncia também que os referidos missionários têm retorno previsto ao local, em janeiro/fevereiro de 1992.

.....
III) CONCLUSÃO

É no contexto de tais considerações que entendemos ser imprescindível a retirada da JOCUM da área em apreço; assim como a explicação a esta Missão de que o trabalho com índios isolados é de exclusividade do Órgão Oficial da Política Indigenista Brasileira, estando a JOCUM ou qualquer outra entidade missionária desautorizada a, com os referidos índios, atuar, sob qualquer pretexto, sem a permissão da FUNAI.

Doc.24, fls 180 a 182

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Diante desse quadro trágico e da omissão da FUNAI na ocasião decidimos empreender isoladamente uma busca do grupo, remanescente, para proteção de sua integridade física e cultural, segundo a ressalva feita pelas Diretrizes Políticas do Órgão Oficial da Política Indigenista. Esta busca se prolongou por um período, mas nunca alcançou seu objetivo de contatar o grupo Marimã.

Doc.24-A, fls 204 e 205

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1

Durante a vigência do referido convênio, a a instituição (JOCUM) não apresentou relatórios a contento e não cumpriu os prazos determinados, e a mesmo foi objeto de denúncias por desrespeitar o acordo em seu parágrafo único da cláusula primeira que diz respeito ao OBJETO: “excluam-se do objeto do presente convênio as comunidades de índios isolados, conhecidos ou não pela FUNAI, nas quais está vedada a atuação da JOCUM” e a JOCUM permaneceu mantendo equipes na região do Rio Branco e Riozinho, afluentes do médio Rio Purus, na tentativa de localizar índios isolados do grupo Marimã (conforme CI nº 296/CII de 30.12.91 à fl. 375 do processo em referencia), e ainda provocou ingresso em áreas indígenas que não estavam listadas por ocasião da celebração do convênio a exemplo Yanomamy.

FONTES e CONVENÇÕES

1. Os parágrafos com recuo na primeira linha, são de autoria do autor
2. Os parágrafos sem recuo na primeira linha, são transcrições dos documentos correspondentes.

Doc. 1

-Relatório Relativo aos Trabalhos do GT Portaria 1245, de 24 de Outubro de 2005. – Plano Piloto para a região do Médio Purus – Março de 2006 / Carlos Alberto Montez Perez – Pesquisador – Museu do Índio / Antonio Roberto Monteiro Góes – Tec. Indigenista – AER Recife

ANEXO 2 (do Doc. 1)

Relatório Geral da JOCUM

São Paulo 01 de Novembro de 2005

Encaminhado por Reinaldo Cazão Ribeiro (Diretor da JOCUM – Porto Velho) ao Coordenador Regional da FUNASA /AM (Francisco Ayres)

ANEXO 3 (do Doc. 1)

Relatório sobre os Soruwahá

Nal Lábrea

Isaque da Silva Albuquerque

ANEXO 4, (do Doc. 1)

Carlos Alberto Montes Perez, carta dirigida ao SIVAM/SIPAM

ANEXO 5, (do Doc. 1)

Algumas observações sobre a T.I. Deni

Gustavo Falsetti Viviani Silveira, Indigenista OPAN – Cientista Social

ANEXO 6 (do Doc. 1)

Recomendação da PRDC-AM²⁸ N.º 003/2003

Sérgio Lauria Ferreira – Procurador da República 05/05/2003

ANEXO 7²⁹ (do Doc. 1) também na pasta verde PRDC/AM, Fls. 235

Comentários e Recomendações do

Analista Pericial em Antropologia do MPF, lotado na PRDC/AM.

Marcos Farias de Almeida

ANEXO 8 (do Doc. 1)

FUNASA pede saída de religiosos de terras indígenas no Amazonas.

Matéria extraída do Sítio: www.ambientebrasil.com.br

ANEXO 16 (do Doc. 1)

Documento da OPIMP, assinado por Edilson Pinheiro, dirigido ao Sr. Carlos Perez

Doc 2

28 PRDC-AM – Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão do Amazonas. Ver ANEXO 7

29 Relatório acerca das Observações Desenvolvidas junto ao Grupo de Trabalho da FUNAI na Terra Indígena Suruwahá e demais Povos Arawa. Marcos Farias de Almeida / Analista Pericial em Antropologia do MPF, lotado na PRDC/AM.

(Pasta verde)

RECOMENDAÇÃO PRDC/AM N.º 003/2003 – Sérgio Lauria Ferreira – Procurador da república.

Doc.3

(Processo 0022/2003), fls 12

MEMO N.º 015/PGF-FUNAI/03, encaminhando o parecer 02/PGF/PFE-FUNAI/03

Ref: PROCESSO N.º 08620.0022/2003

Ass: Infanticídio entre os Índios Zuruwaha/ Terra Indígena Zuruwaha.

Silvia Regina Brogiolo Tafuri. 15/maio/2003.

Doc.3.1

(Processo 0022/2003), fls. 01

Memo 113/GAB/AER/MAO

Manaus, 21 de Novembro de 2002

Para: Procuradoria Geral da FUNAI

Encaminha relatório da Missão JOCUM: Relatório – Dos fatos relacionados ao salvamento de um bebê indesejado na tribo Suruwahá.

Assinado por Edson Massamiti Suzuki – Missionário da JOCUM

Doc.4

(Processo 0022/2003), fls. 63

Memo 113/CGEP

26/03/2003

Ass: Organizações religiosas em terra indígena

José Francisco Rodrigues Furtado – Coord. Geral de Estudos e Pesquisas

Doc.5

(Processo 0022/2003), fls. 22

A Atuação dos Missionários de JOCUM na Área Indígena Suruwaha – CIMI Norte 1 – Manaus –
Maio de 2000

Doc.6

(Processo 002/2003), fls 08/09/10

Extrato da conversa mantida com uma representante da OPAN, na cidade de Lábrea aos 25/dez/93,
Srta. Dulcinéia, tendo participado o Sr. Rieli Franciacato, Chefe da Frente de Contato Rio Purus.

Doc.7

(Processo 0022/2003), fls 60

Relatório sobre situação da menina Ana Hakani Suruwaha. Márcia Suzuki – Manaus, 10 de março
de 2003.

Doc.8

(Proc.28870-00138/88-09), fls 419 ou (Processo 0022/2003), fls 104

Despacho n.º 005/ ASS / JUR /AER/FUNAI/PVH

Referente à denúncias formuladas contra missionários da JOCUM

18/out/2001

Nailton Gregório – ADV. OAB-540/RO/PROCURADOR FEDERAL

Doc.9

(Proc.28870-00138/88-09), fls 420 ou (Processo 0022/2003), fls 103

Carta n.º 25/2001

P/ Orlando castro – Adr. AER/ Porto Velho - 04/outubro/2001
Kanindé – Associação de Defesa Etno-ambiental
Ivaneide Bandeira Cardoso da Silva.

Doc.10

[Proc.08620-000022/2003, fls 71](#) ou [\(Proc.28870-00138/88-09\), fls 291](#)
Projeto Educação Escolar Indígena
Tribo Suruwahá
Edson e Márcia Suzuki
14/06/2000 (Data de carimbo de recebimento na AER Rio Branco)

Doc.11

[Proc.08620-000022/2003, fls 77](#) ou [\(Proc.28870-00138/88-09\), fls 298](#)
Programa de Combate Ao Suicídio - Desenvolvido junto à tribo Suruwahá
Edson e Márcia Suzuki.
Não datado. (14/06/2000 - Data de carimbo de recebimento na AER Rio Branco)

Doc.11-A

[\(Proc.08620-000022/2003\) fls.86](#)
OFICIO/MEC/GM/AI/Nº 198/99

Doc.12

[Proc.08620-000022/2003, fls 89](#)
[Portaria Nº 249/PRES, de 15 de março de 2001](#)
Constitui Grupo de Trabalho para proceder estudo de avaliação da situação atual dos SURUWAHÁ,
bem como dos demais povos de língua Arawá, tendo em vista a atuação das Missões Religiosas...

Doc.13

[\(Proc.08620-000022/2003\)fls. 105.](#)
Ofício nº 329/GAB/AER RBR
Datado de 29/julho/2002
De Antonio Pereira Neto, Adm Regional de Rio Branco do Acre.
Encaminhado para Francisco Avelino Batista – Coord. Da UNI-AC / Rio Branco – AC
Assunto: Denuncia presença Missionário da JOCUM em TI Alto Purus.

Doc.14

[\(Proc.08620-000022/2003\)fls. 107.](#)
Ofício nº 347/GAB/AER RBR
Datado de 02/agosto/2002
De: Antonio Pereira Neto, Adm Regional de Rio Branco do Acre.
Para: Daniel Batistella, representante da Jovem com uma Missão – JOCUM (Rua Minas gerais, 164
– Centro, Rio Branco – AC)
Assunto: Denuncia presença Missionário da JOCUM em TI Alto Purus.

Doc.15

[\(Proc.08620-000022/2003\)fls. 118](#)
Parecer Referente ao Memo. Nº 005/PGF/FUNAI/03
18/02/2003 – Adolpho Kilian Kesselring (Técnico em indigenismo/CGPE)

Doc.16

[\(Proc.08620-000022/2003\)fls. 138](#)

JOCUM Ministério Transcultural
Márcia Suzuki / Fontes de Informação / JOCUM – Ministério Transcultural / tribos@enter-net.com.br / janeiro de 2000
<http://www.jocum.com.br/texts/por/tribes/suruwaha.htm>

Doc17

(Proc.08620-000022/2003)fls. 140
JOCUM Ministério Transcultural
Márcia Suzuki / Fontes de Informação / JOCUM – Ministério Transcultural / tribos@enter-net.com.br / janeiro de 2000
<http://www.jocum.com.br/texts/por/tribes/suruwaha.htm>

Doc.18

(Proc.08620-000022/2003)fls.142/143/144/145
JOCUM Ministério Transcultural
Márcia Suzuki / Fontes de Informação / JOCUM – Ministério Transcultural / tribos@enter-net.com.br / janeiro de 2000
<http://www.jocum.com.br/texts/por/tribes/suruwaha.htm>

Doc.19

(Proc.08620-000022/2003)fls. 146
JOCUM 1 – Informações Básicas,
[Http://www.geocite.com/Athens/Delphi/3122/jocum1.html](http://www.geocite.com/Athens/Delphi/3122/jocum1.html)
12/06/00

Doc.20

(Proc.08620-000022/2003)fls. 150
Declaração Oficial
Jovens Com Uma Missão – (JOCUM)
[Http://www.geocite.com/Athens/Delphi/3122/jocum4.html](http://www.geocite.com/Athens/Delphi/3122/jocum4.html)
12/06/00

Doc.20-A

(Proc.08620-000022/2003)fls.159
Informação Nº153/PGF/PFE-FUNAI/2003.
Mirna Gondim Montezuma Sales
Procuradora Federal
PGF/PFE-FUNAI

Doc.21

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1
Ass: Ingresso em Área Indígena.

Doc.22

Of. nº35/2008 / De: JOCUM / Para: CGII / 19/maio/2008
OBS; O ofício foi entregue à CGII, no entanto é endereçado ao Exmo. Sr. Procurador da República de Manaus..

Doc.23

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 175
C.I. Nº 296/CII, Brasília-Df, 3o de dezembro de 1991

Da: CII / Para:Presidência.

Doc.24

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 180 a 182

Correspondência, dd 8 de Janeiro de 1991³⁰, do Diretor de Assuntos no Campo - JOCUM, Reinaldo C. Ribeiro, Para a Presidência da FUNAI.

Doc.24-A

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 204 e 205

Memo nº 287/CGEP/1993 - 24/nov/1993

Da: CGEP - FUNAI / Para: Chefe Departamento de Educação - FUNAI

Doc.25

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 210

Memo 018/ADR/MAO/AJ/95. 25.04.95

De Raimundo Catarino C. Serejo, Adm da AER MAO; Para: Dinarte Nobre de Medeiros, Presi FUNAI

Doc.26

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 217/218

Memo Nº 160/DII/95 Brasília 21/agosto/95

Da: DII / Para: CGEP

Doc.27

(Proc.28870-003138/1988). Vol 1, fls 219/220

OF Nº 563-537/PRES/95, Brasília 30 agosto de 1995

De: Presidente da FUNAI, Dinarte Nobre de Medeiros

Para: Presidentes do SIL e JOCUM

Doc.28

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 286-287

MEMO. nº566/GAB/AER RBR, 25.julho.2000

DE: Antônio Pereira Neto ADM Rio Branco do Acre.

PARA: Coordenadora da CGEP.

Doc.29

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 310

Matéria do Jornal “Página 20”, de Rio Branco do Acre – AC, edição de 23/08/2000, páginas 06 e 07 sob o título: “Jovens com uma missão”.

Doc.29

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 322

Parecer de Paula de Siqueira Lopes – Antropóloga -CGEP, FUNAI, Matrícula Siape 1314357

Doc.30

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 342

Relatório de Assistência na Comunidade Indígena Suruwahá, localizada no DSEI/Médio Purus Período 09 à 16 de novembro de 2000 – Margarida Elizabeth de Mendonça Lima – Enfermeira FUNASA/CORAM/Manaus.

30 Deve ter tido um equívoco pois o correto seria 1992.

Doc.31

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 360

Suruwahá (CGEP Processo 3138/99)

Juracilda Veiga – FUNAI/UNESCO – Assessoria do Presidente - 12.02.2001

Doc.31-A

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 364

Carta de Vladimir Menezes Cunha (Missionário da Missão Novas Tribos) de 07.10.00 endereçada ao Chefe do PIN Lábrea, servidor Izac Albuquerque.

Doc.32

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 365

Relatório da Missão nas aldeias do Suruwahá e Marrecão. 20/11/2000 – Marlúcio Falcão de Almeida. Com carimbo de recebimento da ADR Rio Branco datado de 09.02.01

Doc.33

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 367

Relatório de Saúde da Área Suruwahá. De 08/10 a 11/11 de 2000 – Equipe da JOCUM que atua no Suruwahá: Moisés e Lucília Viana, Edson e Márcia Suzuki.

Doc.31

(Proc.28870-003138/1988). Vol 2, fls 379

Portaria Nº 249/PRES, de 15 de março de 2001 que constitui o Grupo de Trabalho, para proceder estudo de avaliação da situação do SURUWAHÁ, bem como dos demais povos da língua Arawá, tendo em vista a atuação das Missões Religiosas entre eles, com a finalidade de propor e essa Presidência, ações necessárias à garantia da efetiva proteção territorial e integridade cultural dos povos indígenas na região.

Doc.33

Cimi » Quem Somos

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=247&eid=224>

Doc.34

Como o Cimi se organiza

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=245&eid=224>

Doc.35

Dimensões da atuação do CIMI

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=244&eid=224>

Doc.36

Nossa estrutura - CIMI

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=248&eid=224>

Doc.37

Histórias de vida missionária - 03/08/2006 - 17:48

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=2047&eid=381>

Doc.38

» Povos Indígenas » Nos Estados » AM » Notícias

<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=1792&eid=350>

Doc.39

Local: Brasília - DF

Fonte: Radiobrás

Link: <http://www.radiobras.gov.br/>

Diretor da Funasa diz que pedirá saída do Cimi e da Jocum da terra indígena suruwahá - 08/03/2006
Brasília – O diretor da Fundação Nacional da Saúde (Funasa) no Amazonas, Francisco Ayres, está em Brasília para pedir à Sexta Câmara Temática do Ministério Público Federal, que trata de assuntos relacionados a índios e minorias, a saída do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da entidade evangélica Jovens com Uma Missão (Jocum) da terra indígena Suruwahá.

Doc.40

Ofício SASI/CASAI nº092 / Ofício nº016/CGII/2006

Ao: Sr. Vice Presidente da FUNAI / Ao Sr. Procurador geral da FUNAI

Relatório de Reunião Caso Suruwahá

Brasília 10 de julho de 2006

Claudia T. Carneiro da Silva – Assist. Social FUNASA, Gilberto Batista da Silva – FUNASA, Fernanda Lössio Ferreira – Enfermeira FUNASA e Edmilson Medeiros de Souza – Antropólogo FUNAI

Os missionários nos convidaram a participar de uma reunião com os indígenas onde eles colocariam todas as suas angústias e insatisfação com relação ao atendimento oferecido pela FUNASA/FUNAI, colocações estas argumentadas pelo grupo ali representado por tais órgãos, muitas destas argumentações contraditórias ao comportamento dos indígenas e missionários. Foi de total clareza que os indígenas estão sendo induzidos para continuarem sob a guarda dos missionários.

Doc.41

Ofício SASI/CASAI nº092 / Ofício nº016/CGII/2006

Ao: Sr. Vice Presidente da FUNAI / Ao Sr. Procurador geral da FUNAI

Relatório Consolidado da Situação dos Índios Suruwahá

(Lauda Antropológico),

Edmilson Medeiros de Souza – Antropólogo FUNAI,

Brasília-DF , junho de 2006

[...] e agora, recentemente, o caso dos índios suruwahá em tratamento de saúde em Brasília, desde o começo deste ano, trazidos por uma organização não governamental – JOCUM - Jovens Com Uma Missão, portanto a nós enviados pela Coordenação Geral da Defesa dos Direitos Indígenas – CGDDI/FUNAI, os seguintes documentos: Memorando nº 119/PRES/CGDDI/06, anexando Relatório de Visita s/nº e Informação Técnica 001/PRES/CGDDI/06

Doc.42

Considerações e Sugestões sobre os Suruwaha em Processo de Tratamento

Ao: Sr. Francisco Ayres

Coordenador Regional / MS FUNASA – AM

De: Daniel Passos Soares

MS / FUNASA

Chefe DSEI – Médio Purus

[...]

Considerando que a atuação da JOCUM tem dificultado o desempenho institucional da FUNAI e FUNASA, retirando os índios de sua terra sem prévia comunicação, acarretando ainda em consequências para os Suruwahá ainda não devidamente analisadas, mas que podem comprometer todo o processo de inserção desses índios à sociedade brasileira;

Doc.43

Agência Câmara

<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=80734&pesq=suruwaha>

A semana - 12/12/2005 11h48

Amazônia debate retirada de crianças indígenas de aldeia

A comissão da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional promove audiência pública nesta quarta-feira (14) para discutir denúncias de retirada não autorizada de crianças da aldeia indígena Suruwahá. O debate foi solicitado pelos deputados Henrique Afonso (PT-AC) e Zico Bronzeado (PT-AC) depois de reportagem do "Fantástico", da *Rede Globo*, sobre duas crianças da etnia Suruwahá retiradas da tribo por integrantes da organização missionária Jovens com uma missão (Jocum). A Jocum é uma organização filantrópica e missionária internacional e que reúne igrejas de várias denominações.

Na reportagem, foram apresentados depoimentos de missionários que confirmaram a retirada de um bebê portador de hiperplasia renal congênita (genitália ambígua) para realizar uma cirurgia em São Paulo, de uma outra criança de 1 ano e 5 meses de idade vítima de paralisia cerebral e de quatro familiares das duas crianças. Os missionários justificaram que a retirada foi feita para evitar a morte dos bebês, já que, pela tradição da tribo, as crianças que nascem com problemas físicos ou mentais são sacrificadas.

Denúncias

As crianças foram retiradas sem a autorização da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A entidade católica Conselho Indigenista Missionário (Cimi) pediu a intervenção do Ministério Público Federal no dia 15 de agosto, solicitando ajuda federal para levar de volta os oito suruwahás. Antropólogos do Cimi alegam que o contato dos indígenas com brancos poderia trazer grave impacto em sua cultura, por conta do alto número de suicídios já registrado na tribo.

Os deputados que solicitaram o debate argumentam que, como os dados apresentados pela reportagem são contraditórios e como a Funai ainda não apresentou parecer oficial ou relatório sobre o assunto, a comissão deve avaliar as denúncias e pedir providências, caso sejam constatadas irregularidades.

Doc.44

<http://www.socioambiental.org/pib/epi/zuruaha/hist.shtm>

João Dal Poz

Antropólogo, professor na Universidade Federal de Juiz de Fora-Mg Dezembro de 2005

Doc.45

Site da JOCUM

<http://www.jocum.com.br/texts/por/noticias.htm>

Doc.46

http://www.mntb.org.br/index.php?view=article&catid=18%3Aartigos&id=30%3Atraduzir-primeiro-para-depois-pregar&option=com_content&Itemid=65

Pr. Rinaldo de Mattos

Traduzir primeiro para depois pregar

Pr. Rinaldo de Mattos

Doc.47

MEMO Nº. 013/PIN SURUWAHA/2008

Lábrea, 18 de Junho de 2008

Do Chefe PIN Suruwaha

Para CGII

Doc.48

<http://volneyf.blogspot.com/2005/12/apesar-de-no-ter-recebido-essa-carta.html>

CARTA ABERTA ÀS MISSÕES

Doc.49

Informação Nº 011 /CEI/CGEP/2008

Assunto: Atuação do JOCUM em terras indígenas

Referência: Ofício nº 104/07/SOTC- 3º Of. /ANTROP/PR-RO

ICP nº1.31.000.000248/2005-61

Doc.50

Portaria Nº 1072/PRES, de 05 de novembro de 2007, constante no:

Proc. 08620001229/08 – 30/05/2008, Fls. 02

Resumo: Acompanhamento das atividades relacionadas ao PIN Suruwahá/AM, durante o exercício de 2008

Doc.51

Declaração, constante no:

Proc. 08620001229/08 – 30/05/2008, fls. 06

Marlúcio Falcão de Almeida

Técnico de Enfermagem do DSEI – Médio Purus

Doc.52

MEMOS/Nº/GT SURUWAHA/2008

Doc.53

<http://www.infobrasil.org/agen/por/consulta-2005/bra/jocum.htm>

Doc.54

Segundo o site http://www.infobrasil.org/trib/organizacoes_2005.htm, existe mais de 30 organizações evangélicas que atuam entre Povos Indígenas Brasileiro, dados de 2005. Doc. 54

Doc.55

Segundo o site http://www.infobrasil.org/trib/organizacoes_2005.htm, existe mais de 30 organizações evangélicas que atuam entre Povos Indígenas Brasileiro, dados de 2005. Doc. 54

Doc.56

Jornal do Brasil, 29 de junho de 2008

ONGs estão roubando os índios

<http://quest1.jb.com.br/editorias/pais/papel/2008/06/29/pais20080629010.html>

Doc.57

Cortina Verde?

<http://www.jocum.org.br/noticias.php?noticia=9>

Doc.58

Ata da Reunião de 05.06.2008

Em maio de 2008, reunidos no auditório da Procuradoria da República no Amazonas, com a presença do Procurador da República Dr. Rodrigo da Costa Lines e representantes da FUNAI, CIMI, FUNASA e JOCUM,

Doc.59

Memo Nº 331/CGEP/08

Brasília 11/julho/2008

Informa que a JOCUM é uma instituição internacional e que não possui autorização formal da FUNAI de ingresso em Terra Indígena. Com relação ao CIMI, não constam registros de solicitação, em autorização de Ingresso na Terra Indígena Suruwahá para desenvolver trabalhos de quaisquer natureza. Não constam, também, relatórios de trabalhos realizados pela referida instituição junto ao povo Suruwahá.